

Ministério do Turismo apresenta



FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO

A CENA DRAMATÚRGICA BRASILEIRA

UFG Universidade
Estadual de
Ponta Grossa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Reitor

Miguel Sanches Neto

Vice Reitor

Everson Augusto Krum

Pró Reitora de Extensão e Assuntos Culturais

Edina Schimanski

Diretora de Assuntos Culturais

Sandra Borsoi

Chefe da Divisão de Cultura e Arte

Adriana Rodriguez Suarez

Presidente da FAUEPG

Sivaldo Baglie

Superintendente da FAUEPG

Alessandra Bucholdz

Curadores

Fabiana Monsalú

Gilvan Balbino

Rafael Camargo



48° A CENA DRAMATÚRGICA BRASILEIRA

FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO



PATROCÍNIO



APOIO



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Preparação de Originais

Beatriz Gomes Nadal

Emerson Barbosa

Revisão de língua portuguesa

Eduarda da Matta

Foto de capa

Luciane Navarro

Capa, projeto gráfico e diagramação

Marco Wrobel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F331 48° Fenata – Festival Nacional do Teatro: a cena dramática brasileira [livro eletrônico]/ Sandra Borsoi; Adriana Rodrigues Suarez (Org.) Ponta Grossa: UEPG/ PROEX, 2021.

171p.; E-book PDF

ISBN e-book: 978-65-86967-34-0

DOI: 10.5212/86967-34-0

1. Teatro. 2. Teatro – Festival. 3. UEPG - Fenata. 4. UEPG – Festival Nacional do Teatro.
I. Borsoi, Sandra (Org.). II. Suarez, Adriana Rodrigues (Org.). III. T.

CDD : 792

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia F. Bertholino dos Santos – CRB9/986

2021

O FESTIVAL COMEÇA AGORA

O FENATA, Festival Nacional de Teatro da UEPG, cresceu sempre próximo das plateias, buscando uma presença nas mais diversas esferas da sociedade. Além das apresentações no teatro, ponto de encontro com o público mais afeito a esta arte, atores, atrizes e equipes se apresentavam na rua, no sistema penitenciário, nas escolas e em outras instituições. Acabou sendo uma marca do Festival esta integração com o cotidiano da plateia. Contamos, portanto, com o público que vai ao teatro e com o teatro que vai ao público.

Com a pandemia do coronavírus, fomos desafiados a buscar novos formatos. A decisão colocada para a gestão do Festival era difícil. Manter esta valiosa tradição, correr o risco de ter tudo suspenso ou, ainda, seguir para um modelo completamente remoto, com apresentações on-line, o que também apresentava limitações – para gravar peças com grupos em nossos palcos, precisaríamos aglomerar, havia que se manter a qualidade de transmissão de todas as peças, e o festival aconteceria em uma época de saturação de eventos remotos (uma avaliação que se confirmou) etc. Neste contexto de pandemia, nós só tínhamos uma certeza: não deixaríamos de fazer o 48º FENATA.

A solução encontrada foi focar um momento introspectivo de fruição da arte que reforçasse a necessidade de isolamento, proporcionando uma experiência teatral intensa. Foi assim que surgiu a adequação do Festival a um concurso das duas melhores peças do Brasil, do Paraná e dos Campos Gerais – cujo resultado o leitor tem agora em mãos. Um recorte qualitativo da “Cena dramática brasileira”. O FENATA foi uma homenagem aos dramaturgos, aos autores de peças, que muitas vezes vivem na invisibilidade da criação, e que são figuras centrais do teatro. Mas esta edição também é uma homenagem à leitura, pois o texto coloca como desafio a capacidade de cada um de reconstruir o cenário e o figurino para fazer da página um local onde pessoas vão se mover para nos alegrar e nos comover, para nos encantar e nos fazer pensar. Este desafio de leitura é um investimento na imaginação, está no largo espectro teatral e foi a face possível, revelando um conjunto de peças que está agora, quando já passamos de um ano de pandemia, disponível à fruição do público ligado ao teatro.

Vamos novamente em busca do público neste livro. Para que a arte do teatro, na sua versão escrita, atinja os públicos em suas casas e possa ser uma companhia neste momento em que devemos defender o isolamento.

Este livro também cumpre duas outras funções nobres e extremamente necessárias aos instrumentos públicos de cultura: reconhecer os talentos da dramaturgia contemporânea e investir na divulgação de trabalhos de qualidade. Ao mesmo tempo em que parabenizo os curadores pela valiosa ação e toda a equipe da Diretoria de Assuntos Culturais e da Proex, nas figuras das professoras Sandra Borsoi e Édina Schimanski, além do presidente da FAUEPG, professor Sinvaldo Baglie, e sua equipe, destaco o apoio do ator Luis Melo, que foi um parceiro entusiasta desta edição e nos doou seu talento.

O FENATA continua investindo no teatro e buscando respostas possíveis em um momento em que devemos reafirmar a centralidade da arte em nossas vidas.

Boa leitura. Bom festival por meio da ocupação do palco da página impressa.

Miguel Sanches Neto

Reitor da UEPG

O FENATA E A PANDEMIA

O Festival Nacional de Teatro (FENATA) é uma referência no Brasil para os artistas e para a população em geral. É comum, nos dias e nas noites de espetáculo, os palcos estarem lotados de pessoas apaixonadas pelas histórias, pelos cenários, pelo elenco, enfim, pela grande movimentação em torno do evento.

O FENATA representa, para a Universidade Estadual de Ponta Grossa, a materialização do acesso da população às artes e à cultura de maneira geral. É um momento de todos e para todos. Assim, o teatro torna-se um caminho de acesso para a cidadania enquanto representação social, política e cultural de uma forma de arte que nasceu em uma universidade pública e chega à população. Esta sempre foi a intenção do FENATA enquanto extensão universitária: revelar artistas, apresentar artistas e fazer o teatro chegar ao povo por meio da poética do bardo – relembrando aqui os estilos *shakespearianos*.

A ideia de o teatro ser público e, assim, para todos e todas, representa muito. Principalmente quando relembramos a história do Brasil, na reiterada elitização do teatro e na composição das camadas sociais que podiam assistir às peças.

No contexto da história dos 50 anos da Extensão Universitária da Universidade Estadual de Ponta Grossa, foram gerações que cresceram participando do FENATA no decorrer dos tempos. O festival nasceu com um propósito acadêmico, mas também político e cultural, na década de 1970, tendo a ousadia e a capacidade política de visualizar a importância do evento enquanto movimento maior para o futuro da educação pública, bem como para a cultura no contexto da universidade paranaense e brasileira.

No decorrer das décadas, o FENATA ganhou cada vez mais força e viço, e se solidificou como um dos maiores eventos de teatro no contexto nacional. Em sua 48ª edição, manteve-se um festival ininterrupto ao longo dos anos.

Do mirante da historiografia e das memórias do FENATA, pode-se dizer que ele nasceu em pleno período militar, no auge da busca pelo desenvolvimento econômico brasileiro (também paranaense), atravessou o

século, se regozijou com a nova democracia a partir da década de 1980 e vive hoje um dos momentos mais difíceis da modernidade – as restrições da pandemia causada pela Covid-19. Em paralelo, durante todo esse período, fez e influenciou muitos artistas e muitas companhias de teatro hoje referências nacionais. Sem dúvida, é um dos acontecimentos mais esperados do ano, pois representa uma das formas mais extraordinárias de os sujeitos se expressarem na poética dramaturgical.

Isto posto, fica pertinente expressar que falar do teatro é falar da vida e da interação dos sujeitos sociais no contexto da sociedade em espaço e tempo históricos. O teatro e, junto dele, a dramaturgia são espetáculos que apresentam a vida cotidiana dos sujeitos.

O teatro é, por essência, um ritual que retrata de maneira diferenciada *como* e o *quê* o sujeito é enquanto ser humano e a forma como exprime sua realidade social e cultural. É um espaço especial cênico para rir, chorar, cantar, dançar e se surpreender. É onde a vida é interpretada. Em paralelo ao teatro, a dramaturgia tem no seu bojo a grande tarefa de retratar e exprimir, por meio do texto, sentimentos feitos para o outro sentir. A dramaturgia, portanto, é a arte de compor e de representar uma história em cena (no palco).

De onde vêm a vontade e o interesse do ser humano de fazer teatro? Vêm da vontade de o sujeito exprimir seus sentimentos, de se fazer presente, de se fazer notar e, com isso, transformar o mundo a seu redor. Tanto o teatro como a dramaturgia são referendados pela forma como chegam a seus expectadores – o público. Augusto Boal, um dos maiores dramaturgos brasileiros, precursor do Teatro do Oprimido, que influenciou muitos artistas, falava que o teatro, se não é revolucionário, é certamente um ensaio da revolução. É por meio do teatro que o popular, ou seja, o povo, ganha uma expressão fundamental e mostra como uma nação, um país ou uma cidade atua no cotidiano, sobretudo em tempos difíceis. Fusão importante deve ser feita entre Boal e Freire – este último com a Pedagogia da Libertação –, que visa levar a todos e a todas uma compreensão diferenciada, uma crítica da realidade que permeia os contextos social, político e cultural, principalmente nesse momento histórico de muitos retrocessos. O teatro e a dramaturgia produzem diálogos, reflexões e prenúncios.

E por falar em prenúncios, não há como não mencionar, nestes tempos de pandemia, o texto da conferência *O teatro e a peste*, de Antonin Artaud. A conferência de “estranho” nome, proposta por Artaud ao público da Sorbonne na Paris de 1933, foi memorável. Em 2020, a recriação da conferência *O teatro e a peste* por *streaming* foi reproduzida em várias partes do mundo com teatros vazios, mostrando a poética teatral do autor.

Mesmo nos momentos mais duros, o teatro não vai deixar de existir, pois ele é irreverente, subversivo e radicalmente eterno. Boal e Artaud são apenas dois exemplos em meio a tantos outros dramaturgos do teatro nacional e internacional que mostraram um teatro novo, capaz de se reinventar.

Em 2020, a realização do FENATA e como fazer dele um evento notável como em todos os anos, foi muito muito pensada e discutida pela PROEX-DAC e pela Reitoria. O que fazer diante da situação da pandemia e do isolamento social? Foi preciso se reinventar. Foi preciso pensar o teatro para além do palco. A escolha do novo formato deste ano foi *sui generis*, mas, sobretudo, foi uma necessidade (em forma de composição de textos dramaturgicos), considerando todas as restrições impostas pelo vírus.

O novo causa espanto e ao mesmo tempo, transgride. Mas o teatro é transformador. Ele é transcendental, na medida em que pode ser dialeticamente transformado. Ao trazer a ideia de trabalhar com textos da dramaturgia, ou melhor, a composição deles, buscou-se valorizar a expressão literária que compõe a dramaturgia enquanto poética.

A valorização das peças, dos textos, enfim, daqueles que produzem a PALAVRA é tão importante quanto a cena produzida. É, portanto, um ato de espetáculo. Com isto, podemos gritar da plateia: *Viva ao teatro! Viva à dramaturgia! Bravo, FENATA!!!*

Edina Schimanski

Pró-reitora de Extensão e Assuntos Culturais da UEPG

UM FENATA ASSINTOMÁTICO E CONTAGIANTE: A DRAMATURGIA QUE ANTECEDE OS PALCOS

Mais uma vez, a Universidade Estadual de Ponta Grossa realizou um dos poucos festivais ininterruptos de teatro no Brasil: o FENATA – Festival Nacional de Teatro.

Como assim? Esqueceram que estamos no ano de 2020? Como realizar um festival de teatro num ano em que fomos afetados por uma pandemia que já ceifou milhares de vidas? Como realizar o nosso FENATA sem aglomeração de pessoas, garantindo segurança ao público, aos grupos teatrais, à produção e à organização do evento? Como conseguir uma autorização do poder público para permitir a realização do FENATA de maneira *excepcionalíssima*? Como conseguir recursos financeiros e patrocínios para realizar um evento tão grande como o FENATA, porém, num formato remoto? Todas essas perguntas produziram um forte enredo e tornaram a realização do FENATA um grande drama.

Nesse momento, se considerarmos que o teatro é o palco da vida e que a pandemia afetou os palcos do mundo inteiro, todos nós nos tornamos atores dessa peça dramática. Quando a vida se encontra ameaçada, o teatro deixa de ter palco, pois aquilo que dá sentido ao espetáculo pode simplesmente deixar de existir. Logo, entendemos que o teatro é antropogênese, isto é, criação e reinvenção artística da vida humana.

Em 2020, num contexto de pandemia, optamos por realizar um FENATA assintomático e contagiante: marcado pela reflexão, pelo humor, pelo debate, pela formação e pela valorização dos fundamentos do teatro. Contamos também com o concurso de textos dramaturgícos inéditos, aquelas narrativas que dão origem às peças teatrais. Assim, buscamos uma maneira de fazer teatro e de marcar posição sobre o que há de melhor na dramaturgia brasileira. O FENATA, historicamente conhecido pela ousadia, ousou mais uma vez. Contudo, não deixou de ser aquilo que pertence à sua própria natureza: um Festival de Teatro!

O FENATA 2020 se tornou um ato de resistência e de luta contra a pandemia e contra o obscurantismo que não reconhece os perigos que afetam a sociedade de hoje. Toda a universidade e as instituições se

reinventaram neste ano, de maneira que nos deparamos com a virtualização dos diferentes tipos de produção humana. Justamente quando nos encontramos num contexto de exaustão e de esgotamento mental de tantas *lives* e *meets*, não poderíamos ser somente uma versão virtual do FENATA, mas entendemos a necessidade de fazer teatro com aquilo que é germinal: a ação dramaturgica que antecede os palcos, que se faz texto representativo dos contextos, dos cenários e das experiências vividas nos mais sombrios dramas que nossa sociedade vive.

Um FENATA “assintomático”, porque foi afetado pela pandemia, mas resistiu na sua proposição, e um festival contagiante pelo espírito e pela magia do teatro. Neste ano, não só o público, mas conjuntos, jurados e curadores, produção, organização e funcionários estariam suscetíveis à aglomeração e às ameaças de transmissão do coronavírus. Contudo, a pandemia não corrompeu o espírito do FENATA nem a nostalgia do teatro. Num momento em que a vida se encontra ameaçada sob as mais diversas perspectivas, a cultura e a arte precisam ser vozes de superação, criação e resistência para que suas poéticas não sejam esquecidas pelo público e pelas políticas culturais.

Por conta disso, o 48º FENATA realizou, em 2020, um concurso que fomentou a dramaturgia do teatro brasileiro e resultou na seleção e premiação de textos dramaturgicos em diferentes categorias. A seleção foi realizada por meio de uma curadoria especializada, que indicou três textos nacionais, dois estaduais e dois regionais. Como resultado da premiação, os textos compõem este livro e um *e-book*, ambos publicados pela Editora UEPG. Entre os dias 02 e 04 de dezembro, o festival também contou com palestras proferidas pelos nossos curadores; com a apresentação *online* de contação de história pela atriz Juliana Fatichi, em “O Cotidiano na Pandemia”; e o encerramento brilhante com uma conferência do ator paranaense Luís Melo, intitulada “Por trás da cena: pequena antologia da dramaturgia brasileira”. Essa produção encontra-se disponível nas redes sociais oficiais da UEPG e já foi visualizada por milhares de pessoas. Isso demonstra o quanto o FENATA é querido e esperado pela população pontagrossense, fazendo jus ao título de um dos maiores festivais de teatro premiados do país.

Todo o público esteve convidado a acompanhar a nossa programação e, dessa forma, viveu o teatro de maneira diferente: nas representações das cenas que nos permitem construir cenários e projetar palcos em nossas próprias mentes.

Esperamos que no próximo festival tenhamos superado as dificuldades da pandemia. Com saúde e segurança, que possamos nos contagiar com a emoção e os diversos sentimentos que somente a experiência

viva do teatro é capaz de proporcionar. Que voltemos a ver aquela aglomeração que torna vivo o teatro, desde a bilheteria até a plateia, e que os aplausos sejam ouvidos em todos os espaços públicos onde a vida das pessoas é tocada por meio das dramaturgias e das performances. Até o próximo FENATA!

Sandra Borsoi

Diretora de Assuntos Culturais - UEPG

Organizadora geral do 48º FENATA

FENATA 2020: DRAMATURGIA EM CENA

Como cena de um texto teatral, a realidade nos surpreendeu com uma pandemia planetária. Nossas vidas e nossos cotidianos naufragaram numa grande crise de identidade existencial e de sobrevivência. Fomos convocados(a) a mergulhar em nossos próprios abismos.

A produção cultural e artística foi afetada de maneira contundente e arrasadora. Projetos, viagens, temporadas e festivais foram cancelados. Teatros, circos, cinemas, casas de shows e entretenimento cerraram suas portas. Dificuldades de sobrevivência assolaram a resiliente vida artística.

Ponderamos com certa esperança, no meio da tempestade, a possibilidade de sobreviver de alguma forma, em algum formato de expressão. E num arroubo de criação, descortinou-se um novo mundo no fazer artístico.

Alternativas e formas híbridas foram lançadas com a internet e a tecnologia como tentativas de produção. Respiramos com dificuldade. Fomos impactados com uma experiência de quase ficção científica, com mais de um milhão de mortos no mundo, e nos perguntamos – O fazer artístico importa? A arte neste contexto de guerra terá espaço e função? Quem é o artista no mundo pandêmico? Como sairemos deste pandemônio que leva o nome de tempo?

O teatro, especificamente, já foi enterrado e desterrado da história ocidental inúmeras vezes, e como fósil aparentemente sem vida revigorou e surgiu ainda mais forte e expressivo. Será mais uma provação imposta pelos deuses da dramaturgia à cena contemporânea?

O teatro é o lugar das perguntas mais do que das respostas. São elas, as interrogações, que fazem a humanidade avançar. Quando avançamos, a arte também avança, acompanhada de poesia, beleza e tormentas. Mas de que espécie de humanidade estamos falando?

No teatro contemporâneo, os heróis dão lugar ao caos, à confusão e às fragilidades. E não seria na fragilidade que se reconhece a essência humana?

Teatro é estado de presença encarnada aqui e agora, de jogo entre corpos, de liberdade das respirações sufocadas, do olho no olho, dos silêncios, das pausas cheias. É o lugar onde se pode reinventar o humano.

Estamos submersos em razão do ano de 2020, não há como negar. Parafraseando Ailton Krenak, “ou ouvimos a voz de todos os outros seres que habitam o planeta, ou se faz guerra contra vida. Esse tempo é um chamado para pensar de outro jeito”. Esse tempo já está tatuado na pele de nós, artistas. Agora, é lidar com isso para subverter a lama.

Estamos sendo convocados a pensar de outro jeito!

E não é essa a função da arte diante da vida? Sim, a função da arte é fazer fraquejarem os joelhos quando preciso, é tirar a atenção da dor, ou, em alguns momentos, voltar a atenção para ela como algo necessário, pois não são raras as vezes em que andamos distraídos demais. A arte cumpre a função de chamar!

Estamos sendo chamados!

Então vamos beber este vinho de sangue para que, numa divina metamorfose, possamos abrir as cortinas, presentificando nossos corpos e nossa voz para propor mais uma vez a espetacular experiência do encontro. Enquanto não chegamos lá, pomo-nos em movimento para criar modos de existir.

Assim, com o objetivo de manter vivo um dos maiores festivais de teatro do Brasil, a curadoria da 48ª edição do FENATA teve o árduo e prazeroso desafio de selecionar os textos dramaturgicos inscritos no 1º concurso de dramaturgia de Ponta Grossa, intitulado “A Cena Dramaturgica Brasileira”.

A fim de incentivar e promover o surgimento de novos autores e autoras, publicamos esta 1ª edição. Com sete obras/textos contemplados, buscamos valorizar a dramaturgia brasileira e ampliar o olhar do(a) espectador(a) acerca da produção teatral e sua complexidade em todas as etapas de estudo, formação, produção, criação, apresentação e apreciação.

Esta não é apenas uma apresentação para este livro, mas um pequeno manifesto em prol do imaterial, que diz respeito à evolução do espírito humano.

Assim como a água, embora não seja possível agarrar com as mãos, a arte é extremamente necessária à vida. Ela é produzida por meio de um trabalho intenso, envolvendo equipes de profissionais

comprometidos(as), desde técnicos(as) até atores, atrizes, diretores(as) e dramaturgos(as), que, no ano de 2020, se viram impossibilitados de gerar sustento para suas famílias.

Mesmo assim, não desistimos. Estamos aqui antes mesmo que as portas do teatro se abram e as luzes se acendam, colocando-nos em movimento e criando modos de continuar existindo. Estamos alerta!

Fabiana Monsalú

Gilvan Balbino

Rafael Camargo

Curadoria do 48º FENATA

SUMÁRIO

TEXTOS

NACIONAL

BIG BANG18

Tairone Vale

DRAM ACT URGE45

Wilson Coêlho

FECHADO PARA ALMOÇO62

Andrea Cevidanes e Ana Beatriz Guerra

PARANÁ

**OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE
MATABURROS É UMA PORCA?**88

Alan Norões

RESPIRE FUNDO122

Thiago Dominoni

CAMPOS GERAIS

CARTA DE PARIR TROVÕES142

Igor Luige dos Santos Andretti

13 CHARGES PARA ROMA156

Bya Paixão

A photograph of a stage with heavy red curtains. The curtains are illuminated from the side, creating a gradient of red light. In the foreground, the dark silhouettes of several audience members' heads are visible, looking towards the stage. The word "NACIONAL" is printed in white, bold, uppercase letters across the center of the image.

NACIONAL

BIG BANG

Tairone Vale

ATO I

CENA 1 – GALÁXIAS

Uma parede negra formada por tecido cobre todo o proscênio, tornando impossível ver os atores e os elementos do palco. Ouvimos vozes, risos, correria por detrás do pano, percebemos que duas crianças brincam e travam algum tipo de disputa. Os atores vão arrancando pedaços do tecido, com o som característico de velcro se desprendendo. Círculos iluminados através dos buracos ficam visíveis ao público com o efeito de contraluz. O clima é de descontração e diversão, não precisamos necessariamente entender tudo o que é dito durante a brincadeira.

Ele – Noooossa, olha essa!

Ela – Ficou ótima!

Ele – Vou fazer uma maior!

Ela – Eu vou fazer uma mais certinha.

Ele – Tive uma ideia, vou fazer três enfileiradas numa linha reta.

Ela – Olha essa, como é brilhante!

Ele – Tô ganhando, hein! Fiz mais que você.

Ela – Não sabia que era uma disputa.

Ele – Claro que é. Olha quantas eu já fiz!

Ela – As minhas estão mais redondinhas, tô ganhando, então.

Ele – Não é assim que brinca.

Ela – Quem disse?

Ele – Eu.

Ela – Tudo pra você é uma disputa.

Ele – Fica mais divertido, assim.

Ela – E com as regras que você inventa!? Tá legal...

Ele – Olha, fiz um cinturão.

Ela – Eu fiz uma Ursa.

Ele – A sua tá menor. Fiz uma Ursa Maior!

Ela – Ai, pra mim, chega.

Ele – Tá bom, eu deixo você ganhar.

Ela – Até parece...

Ele – Vem, continua! Olha essa miudinha que eu fiz. Vou chamá-la de Sol.

Ela – Não, chega mesmo. Tá chato fazer estrela. Quero brincar de outra coisa.

Ele – De quê?

Ela – Não sei.

Ele – Não tô conseguindo te ver direito.

Ela – É, tá muito escuro.

Ele – E agora?

Ela – *Fiat Lux!*

CENA 2 – FIAT LUX

Entra uma trilha épica, grandiosa. Cai o pano e o palco, agora iluminado, revela o cenário, formado por gigantescas peças de Lego, algumas espalhadas, outras, empilhadas. Vemos o casal de atores trajando pijamas, o dela, azul, o dele, rosa.

Ele – Isso foi o quê, cara?

Ela – O quê?

Ele – Que você falou e de repente tudo se acendeu.

Ela – “*Fiat Lux*”?

Ele – É.

Ela – É latim.

Ele – Ah... Então eu te vejo melhor por causa do latim?

Ela – Não, cara. É por causa da luz.

Ele – Mas não era latim...?

Ela – Não, eu quis dizer que... Deixa pra lá. E agora?

Ele (*pensativo*) – Eu só sei fazer estrela.

Ela – Eu também. A gente só sabe brincar de fazer estrela.

Ele – Desde sempre...

Ela – Desde sempre. Quero fazer outra coisa.

Ele – O quê?

Ela – Não sei. Alguma coisa mais profunda, com mais conteúdo. Pra qual a gente pudesse dedicar mais tempo, mais esforço...

Ele – Mas isso vai dar mais trabalho...

Ela – Claro! Se nós queremos algo bem feito, precisa ter mais trabalho, mesmo. Nada de grandioso vem fácil.

Ele se recosta.

Ele – Acho que acabei de inventar a preguiça.

Ela – Hahahaha. Vem, levanta, me ajuda a pensar em outra coisa.

Ele – Que dê mais trabalho?

Ela – Sim. Mais trabalho é igual a mais recompensa.

Ele – E que tipo de recompensa podemos ter de algo que vai exigir mais esforço, cara?

Ela – Orgulho.

Ele – Como?

Ela – Orgulho, a satisfação de ver um trabalho bem feito. A alegria de olhar pra uma obra e saber que você fez o máximo que podia. Que essa obra representa o que você tem de melhor.

Ele – Eu sinto satisfação com as estrelas que a gente cria. E quase não dá trabalho.

Ela – Quanto mais esforço, mais dedicação, maior é o orgulho! Você sente orgulho disso aí, cara? Um estalo, uma estrela; uma piscada, outra estrela; um espirro, bilhões de estrelas. Tudo muito fácil.

Ele – Eu não consigo pensar em mais nada.

Ela – E se a gente se concentrasse em uma estrela só?

Ele – Uma estrela só eu faço num estalo, quer ver?

Ela – Eu sei, calma. Essa estrela vai ser diferente. Primeiro, a gente pega uma estrela, pode ser aquela miudinha ali, e tira todo o fogo dela.

Eles apontam para um dos menores buracos no pano.

Ele – Estrela sem fogo não é estrela.

Ela – Então ela não vai ser uma estrela. Vai ser um planeta.

Ele (*admirado*) – Planeta! E o que mais?

Ela – Não sei, tô pensando agora. Me ajuda a pensar, também!

Ele – E quando ele fica pronto pra gente começar a brincar?

Ela – Você ainda não entendeu. A brincadeira já começou.

Ele – Já? A diversão já começou?

Ela – A diversão é a jornada. Não é só abrir a embalagem, pegar tudo pronto e começar a brincar.

Ele – Não?

Ela – Não. É montar, encaixar, elaborar, se desafiar, errar e errar até acertar. A brincadeira é tudo o que está na viagem entre o começo e o fim.

Ele – A jornada?

Ela – Exatamente!

Ele – Que bonito isso!

Ela – Gostou? Me veio na cabeça...

Ele – Tô gostando.

Ela – Tá? Eu também.

Ele – E agora?

Ela – Não sei. Sua vez.

CENA 3 – FAÇA-SE A VIDA

Ele – E se esse planeta tivesse uma superfície toda...

Ela – ...lisinha!

Ele – Pelo contrário. Toda irregular.

Ela – Lisinha fica mais perfeitinha.

Ele – Não era a minha vez? Tô tentando participar, também...

Ela – Desculpa, continua.

Ele – O planeta vai ter um monte de montanhas; umas baixinhas, outras enormes, muito altas!

Ela – E umas planícies lisinhas?

Ele – Sim, pode ter umas planícies lisinhas em alguns lugares. E muitas rochas, muitas pedras, muita areia.

Ela – E umas montanhas só de areia, também.

Ele – Também! E vulcões, muitos vulcões, que são umas montanhas muito altas com um buraco na ponta que cospem fogo.

Ela – Mas a gente não tinha tirado o fogo do planeta? De onde vem esse fogo?

Ele – Do centro do planeta, porque o miolo todo do planeta, lá no fundo, é feito de fogo.

Ela – O miolo é de fogo?

Ele (*improvisando*) – Mas esse fogo não é bem fogo, na verdade é rocha derretida.

Ela – Uau! E a cor dele? Olhando de longe, esse planeta vai ser todo...

Ele – Rosa!

Ela – Não, azul.

Ele – Por quê?

Ela – Porque mais de 70% da superfície dele vai ser de água.

Ele – É que eu gosto de rosa.

Ela – Eu sei, desculpa.

Ele – E vai ter nome esse planeta?

Ela – Vai. Terra!

Ele – Terra?

Ela – É, Terra!

Ele – Mas ele vai ser 70% de água?

Ela – Vai.

Ele – A maior parte dele vai ser de água?

Ela – Isso. Tirando o ar, que vai cobrir ele todinho, muito ar.

Ele – A maior parte da superfície é de água e acima da superfície toda é ar?

Ela – Exatamente.

Ele – E ele vai se chamar Terra?

Ela – É. A gente pode trocar, se você quiser...

Ele – Não, não, deixa Terra mesmo. Só não sei pra quê tanta água, então...

Ela – Porque a água é o ingrediente fundamental para a existência de seres vivos!

Ele – Que seriam...?

Ela – Seres que têm “vida”.

Ele – Quanta inspiração, hein?

Ela – Minha cabeça tá cheia de ideias!

Ele – O que são estes tais de seres vivos?

Ela – São criaturas que vão ocupar o planeta inteiro, desde as montanhas mais altas até as planícies, dos ares até o fundo do mar.

Ele – Igual à areia?

Ela – Mas os seres vivos têm vida.

Ele – E o que é essa tal de vida?

Ela – O mesmo que validade. Tempo de duração. O que não tem vida dura pra sempre. O que tem vida, morre.

Ele – O que é morrer?

Ela – É quando a vida acaba.

Ele – Mas eu ainda nem entendi o que é vida, como vou entender o que é morte?

Ela – Vou te mostrar. Olha aqui, este é o início de um ser vivo.

Ela pega uma semente invisível.

Ele – Entendi. Então pedra é um ser vivo!

Ela – Isso não é pedra, é uma semente.

Ele – Então uma bolota, que não é pedra, é um ser vivo?

Ela – De certa forma.

Ele – É ou não é? Tá ficando mais confuso.

Ela – Isso é uma sementinha, que vai ficar debaixo da terra no início. Daí ela vai espalhando raízes pra baixo da terra e crescendo para cima da terra. Quanto mais ela cresce pra baixo, mais força ela tem para crescer pra cima.

Ele – E isso é vida?

Ela – Sim! Viver é crescer, se desenvolver, expandir.

Ela aponta para um totem de Lego que representa a árvore.

Ela – E ela vai virar uma árvore enorme, com muitos galhos por todas as direções, e muitas folhas. E continua crescendo, até chegar a uma altura muito, muito alta... E vai haver florestas por todo o planeta, com árvores de todos os tamanhos, e plantas pequenininhas, e arbustos médios, e milhares, e milhões de árvores em cada floresta.

Ele chega perto da árvore, comparando sua altura à dela. Desequilibra-se e esbarra na árvore, que tomba.

Ele – Ai, que foi que eu fiz?!

Ela – Derrubou a árvore.

Ele – E ela vai se levantar?

Ela – Não. Ela morreu. Não tem mais vida nela. Ela já era.

Ele – Então isso é morte?

Ela – É. Entendeu agora?

Ele – Entendi.

Ela – E aí? O que achou?

Ele – Uma bosta!

Ela – Olha o palavrão!

Ele – Desculpa, mas achei uma bosta, mesmo, fazer o que?

Ela – Mas por quê?

Ele – Essas suas florestas vão estar no planeta inteiro, certo?

Ela – Certo.

Ele – E cada floresta vai ter milhares, milhões dessas tais árvores?

Ela – Isso.

Ele – E todas elas vão morrer.

Ela – Sim, por quê?

Ele – Se eu já estava com preguiça de criar um planeta inteiro, imagina ter que ficar criando milhões e milhões de árvores para repor as que vão morrendo nas florestas! Eu não vou fazer outra coisa senão ficar criando árvores e mais árvores e mais árvores.

Ela – Eu não tinha pensado por esse lado.

Ele – E o que acha disso?

Ela – Uma bosta.

Ele – Não falei!? É melhor a gente desistir desse negócio de vida, que tá muito trabalhoso...

Ela – É assim que você trabalha? Na primeira dificuldade você já desiste?

Ele – Claro! Se alguma coisa é difícil, a gente desiste. É fácil.

Ela – Desistir é fácil, persistir é difícil.

Ele – O que é persistir?

Ela – É insistir até transformar o erro em acerto. É encontrar uma dificuldade e acreditar que, com dedicação, com paciência, você consegue se superar e conquistar algo muito mais compensador.

Ele – Mas é difícil...

Ela – É difícil, eu sei. E nunca temos a garantia de que vai dar certo.

Ele – Então não é melhor desistir? O fracasso é muito assustador.

Ela – É verdade. Mas sabe qual a melhor maneira de enfrentar um desafio?

Ele – Desistindo?

Ela – Não, trabalhando juntos. Assim, se o fracasso acontecer, a gente divide a responsabilidade. E se a vitória chegar, a gente comemora juntos. Topa?

Ele pensa, vacila um pouco, cospe na mão e estende a ela. Ela, com um pouco de nojo, faz o mesmo gesto.

Ele – Topo!

Ela – Agora, a gente só precisa pensar em como as florestas vão vencer a morte.

Ele – Já sei como. Você me mostrou.

Ela – Como?

Ele – Trabalhando juntos!

Ela – Hein!?

Ele – Os seres vivos também vão trabalhar juntos.

Ela – Agora eu que não estou entendendo.

Ele – Reprodução!

Ela – Reprodução?

Ele – De maneira geral, vai funcionar assim: Um ser vivo fêmea vai escolher um ser vivo macho. Juntos, eles vão fazer um tipo de combinação...

Ela – Que tipo de combinação?

Ele – A gente não precisa entrar em detalhes agora.

Ela – Tá, sem detalhes.

Ele – O importante é que eles vão trabalhar juntos, e juntos, vão ser capazes de produzir outro ser vivo igual a eles!

Ela – Mas essa ideia é... É...

Ele – Uma bosta?

Ela – Não! É genial! É claro, a resposta é sempre trabalhar juntos!

Ele – Gostou mesmo?

Ela – Adorei! Agora o ciclo da vida está completo! O ser vivo nasce, cresce, se reproduz e, quando chegar a hora, morre.

Ele – Mas seus descendentes vão estar lá para dar continuidade ao ciclo!

Ela – Assim, o planeta vai continuar sempre verde, e sempre se renovando, e renascendo.

Ele – E o melhor, a gente não vai ter essa trabalhadeira danada de ficar sempre criando árvores.

Ela – Hahaha! A vida se reproduz sozinha. Criando mais vida, mais árvores. Árvores enormes, cheias de vida! Árvores aqui, árvores lá...

Ela vai espalhando árvores e sementes, simbolizados por blocos, por todo o cenário.

Ele – E mais árvores aqui.

Ela – E uma moita lá. E mais plantas aqui, também...

Ele – E mais plantas ali em cima...

A brincadeira começa a dar sinais de desgaste.

Ele – Ótimo, ótimo!

Ela – Ficou lindo, né?

Ele – É.

Ela – É...

Ele – É...

Ela – É...

Ele – É.

Um incômodo silêncio.

Ele – E o que mais?

Ela – O que mais o quê?

Ele – O que mais que as plantas fazem? Elas só ficam lá, plantadas?

Ela – É, cara. Planta fica plantada, ora.

Ele – É que tá faltando um pouco de ação, não acha?

Ela – Lá vem você...

Ele – As plantas só ficam lá..., é meio chato isso.

Ela – Você só tá criticando porque fui eu que criei as plantas.

Ele – Eu teria criado alguma coisa mais interessante...

Ela – Tudo é competição pra você!

Ele – É que suas plantas só ficam paradas, parecem uma pedra.

Ela – Mas elas têm vida!

Ele – Então, parecem pedras, só que morrem!

Ela – Quer saber? Vai lá, então, você venceu. Te desafio a criar alguma coisa melhor.

Ele – Ok, vou criar uns “seres”, que se mexem! Que se locomovem de um lugar pra outro.

Ela – Grande coisa...

Ele – Eles vão se chamar dinossauros!

Ele saca alguns dinossauros de plástico.

Ela – Cruzes!

Ele – E os dinossauros vão dominar a Terra, e vai haver dinossauros debaixo d’água, e no ar também, porque os dinossauros também vão voar. E eles vão ter dentes enormes, olha!

Ele mostra um dinossauro a ela, que recua.

Ela – Sai!

Ele – E os dinossauros vão se juntar em bandos, e eles vão ser rápidos, e vão perseguir os dinossauros menores, e eles vão lutar uns contra os outros, brigando por territórios, Huarrrrr!

Ela – Para, que tenho horror a lagartixa!

Ela fica histérica e começa a chorar, ele se diverte com a situação e corre atrás dela com os dinossauros.

Ele – E eles são enormes, e muito fortes, com garras afiadas...

Ela – Tira esses bichos daqui! Tira!

Ele – E eles correm, e saltam, e cercam...

Ela – Aaaaaai!

Ele percebe que ela está realmente afetada.

Ele – Calma, calma.

Ela – Tira daqui!

Ele – Ei, calma.

Ela – Some com eles!

Ele pega uma bola de meia e joga nos dinossauros. Depois, abraça-a e ela vai se acalmando.

Ele – Olha, tá bom. Tá bom! Ó, olha o meteoro!!! Bum! pronto. Acabou, acabou... Morreu tudo.

Ela – Morreram todos?

Ele vai se dando conta de que extinguiu os dinossauros.

Ele – Morreram todos... Todos.

Ela – E como eles vão reproduzir agora?

Ele – Não vão! Não tá entendendo? Não vai haver mais dinossauros!

Ela – Nunca mais?

Ele – Eles foram extintos.

Ela – O que é isso?

Ele – Extinção é quando um tipo de ser vivo morre e não tem nenhum descendente pra continuar a espécie, e nunca mais um ser vivo daquele tipo vai pisar na Terra novamente.

Ela – Nunca mais?

Ele – Nunca mais.

Ela – Desculpa.

Ele – Tudo bem...

Ela – É que eu entrei em pânico.

Ele – Já passou.

Ela – Então melhora essa cara. Não fica assim.

Ele – Tá.

Ela – Dá um sorriso.

Ele – Não dá.

CENA 4 – MORTE E CONSCIÊNCIA

Ela – Você gostava deles, né?

Ele – Gostava. Coitados, eles nem sabiam que iam morrer.

Ela – Mas nenhum ser vivo sabe que vai morrer.

Ele – Não?

Ela – Não.

Ele – E isso é justo?

Ela – Não sei.

Ele – Não me parece certo que nenhuma criatura saiba o que a espera no fim.

Ela – É mais seguro.

Ele – Por quê?

Ela – Não consigo imaginar do que uma criatura com consciência de que vai morrer é capaz.

Ele – É isso! Um ser com consciência.

Ela – Um ser assim pode ser perigoso. Perigoso para a natureza, para seus semelhantes, para si mesmo.

Ele – Ou ele poderia, sabendo que vai morrer, fazer de tudo para prolongar sua vida ao máximo, e construir ferramentas e modificar o ambiente para tornar sua vida o mais confortável possível.

Ela – Uma criatura que, assim como nós, também teria o poder de criar?

Ele – Isso. Vamos criar uma criatura com o poder de criar.

Ela – Me parece assustador. E se nós perdermos o controle de tudo o que criamos até agora?

Ele – Essa é a ideia. Nós não vamos mais ter que criar tudo, já que essa criatura vai criar também.

Ela – Então você está inventando isso porque tá com preguiça de novo?

Ele – Não. É que chegou a hora de criar um ser que tenha consciência e, com a consciência, a responsabilidade pelos seus atos.

Ela – Eu estou com medo. É muito poder para uma criatura.

Ele – Vai dar certo. Topa?

Ela – Topo!

Agora ela cospe na mão e lhe oferece para cumprimentar. Ele repete o gesto.

CENA 5 – NASCE A HUMANIDADE

Ela – E como vai ser a aparência desse ser? Que tal uma cabeça grande, pra caber tanta inteligência, com uns tentáculos que possam agarrar as coisas e...

Ele – Não. Ele vai ser criado à minha imagem e semelhança.

Ela – Que ousado!

Ele – Se vamos dar consciência e capacidade de criar para este ser, nada mais justo que se pareça conosco.

Ela – Já pensou num nome?

Ele – Já. Ele vai se chamar Soldado.

Ela – E o que mais?

Ele – O Soldado vai ser muito corajoso, e destemido, e valente, e vai ser fera em se esconder na mata.

Ele vai fazendo movimentos sorrateiros, se arrastando, se escondendo atrás de blocos, empolgado.

Ela – Quero ver onde isso vai dar...

Ele – O soldado vai usar capacete, casaco, botas, luvas... Tudo rosa.

Ela – Rosa?

Ele – Você escolheu a cor do planeta, eu escolho, pelo menos, a cor da roupa do soldado.

Ela – Rosa, não. Rosa não é legal.

Ele – Tá bom... E ele vai ter escudo, e armas. Vários tipos de armas.

Ela – Armas? Não tô gostando disso.

Ele – Pra se defender! Muitas armas, de curto alcance, de longo alcance, leves, pesadas. Tudo rosa!

Ela – Esquece o rosa.

Ele – Que saco!

Ela – Pensa bem... Não acha rosa pro soldado meio “errado”?

Ele – Não.

Ela – Como é que ele vai se esconder na mata cheio de coisa rosa?

Ele – É. Tá certo. Então, verde.

Ela – Faz mais sentido.

Ele – E o Soldado vai ser juntar em bandos, e vai lutar com os inimigos, e vai lutar por territórios...

Ela – Por que toda brincadeira sua tem que ter luta?

Ele – Por que você não para de implicar com a minha criação e inventa uma coisa melhor?

Ela – Sem educação!

Ele – Implicante!

Ela – Eu vou criar um ser muito melhor que seu Soldado.

Ele – Olha só quem está adorando competição, agora!

Ela – É que você me tira a paciência.

Ele – É inveja, que chama.

Ela – Que raiva!

Ele – Vai lá, quero ver! Qual o nome da sua criatura superior?

Ela – Princesa!

Ele – Hahaha, que nome idiota!

Ela – Você vai ver quem é idiota.

ATO II

CENA 6 – O CERCO

Cada um vai para um lado do palco. O ator coloca acessórios militares e incorpora o Soldado. A atriz empilha alguns blocos que vão representar o castelo. Ela veste um chapéu de cone e uma capa, ambos azuis. O Soldado começa a bater palmas em frente ao castelo.

Soldado – Olá! Ei! Alô! Ô, de casa! (*mais palmas*) Ô, de casa.

Princesa – Quê que é!? Tem uma princesa tentando se concentrar aqui!

Soldado – Perdão, nobre princesa! Eu sou um soldado e venho de uma longa caminhada...

Princesa – Quem é você?

Soldado – É o que estou tentando dizer... Eu e meus homens estamos vindo de...

Princesa – Fala mais alto!

Soldado – Eu sou um soldado! E venho de uma...

Princesa – Quê que você quer?

Soldado – Falar com o dono do castelo.

Princesa – Pode falar.

Soldado – Acho que não fui claro. Você pode chamar o rei ou o príncipe? Preciso falar com o responsável pelo castelo.

Princesa – É comigo mesmo.

Soldado – Mas você é mulher!

Princesa – Mulher e ocupada! Se não desembuchar logo eu volto lá pra dentro.

Soldado – É que uma mulher à frente de um castelo não é uma coisa muito normal...

Princesa – Mais normal que um nanico à frente de um exército.

Soldado – Olha aqui, princesa, eu não estou faltando com o respeito com a senhora, então...

Princesa (*fingindo que alguém a chama*) – “Princesaaaa, cadê vocêêê?” Ih, estão me chamando lá dentro, então estou sem tempo pra mimimi.

Soldado – Espera! Eu venho de uma longa e cansativa jornada. Já estive em todos os castelos do reino e conheço cada um deles. Só faltava o seu castelo pra eu “visitar”. Eu sei que cada...

Princesa – Você vai dizer o que quer, ou não?

Soldado – Eu venho em busca de riquezas.

Princesa – Que riqueza?

Soldado – Eu sei que cada castelo tem uma riqueza diferente, uns têm prata, outros têm ouro. Alguns criam gado e produzem leite e queijos, por exemplo. Ou seja, cada um, a seu modo, tem algum tipo de riqueza. Entendeu?

Princesa – Pois então, meu castelo tem a maior riqueza de todas.

Soldado – Ah, é? E o que seu castelo produz?

Princesa (*orgulhosa*) – Papel higiênico!

Soldado – Papel higiênico?

Princesa – Sim, e de altíssima qualidade. Nós temos este rio que fornece água limpa e cristalina; e estamos cercados por uma floresta enorme que fornece a celulose. Com estes ingredientes, fabricamos um papel higiênico incrivelmente puro e suave, que é utilizado por todos os castelos do reino.

Soldado – E pra que serve esse tal papel higiênico?

Princesa tem uma crise de riso.

Princesa – Hahaha! Ele não conhece papel higiênico! Hahaha!

Soldado – Conheço, sim! Eu só tava te testando.

Princesa – Então me fala pra que serve.

Soldado – Ora... papel higiênico, papel higiênico... É um tipo de papel, claro. Só que higiênico...

Princesa tem outra crise de riso. Ela começa a tirar sarro dele, comentando para pessoas da plateia, como se fossem moradores do castelo.

Princesa – Hahaha! O baixote não faz ideia!

Soldado – E eu tenho culpa de não saber?

Princesa – “Um tipo de papel, só que higiênico”! Hahaha, que tonto!

Soldado – Me explica, então.

Princesa – Gente! Agora que me dei conta. Se ele não sabe pra que serve papel higiênico, como é que ele faz pra... Hahaha!

Soldado – Como faz pra quê?

Princesa – Ai, que nojo! Hahaha.

Soldado – Nojo por quê? Me explica!

Princesa – Imagina o cheiro dentro daquela calça! Hahaha. Deve estar todo assado!

Soldado – Pra que serve?

Princesa – Tadinho, tão pequetinho e tão porquinho...

Atores tiram os apetrechos de Soldado e Princesa e voltam a interpretar Ele e Ela.

Ele – Mas o que é que ela está fazendo, cara?

Ela – Quem?

Ele – A Princesa, ora!

Ela – Sei lá, cara. Mas ela tá se divertindo.

Ele – Está se divertindo, sim, mas às custas do Soldado.

Ela – Mas há de convir que o Soldado perguntar pra que serve papel higiênico é engraçado!

Ele – É, é um pouco engraçado, mesmo... Não, não é. É triste! Imagina a pessoa viver sem se limpar direito, é triste. Ela poderia ter passado um pouco de conhecimento pra ele, tornado a vida dele um pouco melhor. A princesa deveria ensiná-lo a usar papel higiênico em vez de se divertir fazendo-o passar vergonha na frente dos “coleguinhas”.

Ela – Calma, cara, é só brincadeira!

Ele – Não, cara, não é. Brincadeira não é rir de alguém porque não conhece alguma coisa, ou porque não é alto, ou não é magro, ou porque tem uma cor diferente. Isso é *bullying*.

Ela – Palavra nova?

Ele – Nova e em inglês! *Bullying* é uma brincadeira onde só um lado ri. E, se em uma brincadeira só um lado ri e o outro fica triste, então não é brincadeira.

Voltam a se paramentar de Princesa e Soldado.

Princesa – Hahaha! Deveria mudar o nome de Soldado pra Coconildo, ou Cagôncio!

Soldado – Pra mim, basta! Chega de bancar o bonzinho!

Princesa – Ih, ficou nervoso! Cuidado pra não fazer na roupa, hein, já que não sabe limpar! Hahaha!

Soldado – Não me interessa pra que serve. Eu quero.

Princesa – Quer o quê?

Soldado – Se sua riqueza é esse papel higiênico, eu quero pra mim.

Princesa – Ô, meu lindinho, não dá. Toda nossa produção já está encomendada. Os outros castelos dependem do meu papel...

Soldado – Não me importa. Eu quero tudo, tudo. Ou...

Princesa – Ou o quê?

Soldado – Ou eu tomo o seu castelo.

Princesa – Você e mais quem?

Soldado – Meus homens.

Princesa – Ih, se eles forem todos do seu tamanhinho, posso dormir sossegada.

Soldado – Eu não sou pequeno!

Princesa – Claro que não, mas toma cuidado pra não se sujar, a loja de roupa infantil tá fechada.

Soldado – Pode rir. Já conquistei castelos maiores e mais bem guardados que o seu. Se até hoje nenhum rei conseguiu me deter, não vai ser você.

Princesa – Que quer dizer com isso?

Soldado – Que você não pode me parar. Você é uma princesa, não um rei.

Princesa – Nenhum rei é melhor que uma princesa, que uma rainha, só porque é um rei.

Soldado – Eu não disse que é melhor, mas tem coisa que é de homem, e tem coisa que é de mulher.

Princesa – Tipo o quê?

Soldado – Tipo cozinhar, limpar a casa e lavar roupa são coisas de mulher. Chorar, abraçar, se sentar de perna fechada e desenhar coraçãozinho são coisas de mulher. Andar a cavalo, comer de boca aberta e jogar futebol são coisas de homem. Tomar decisões, dar ordens e administrar uma fábrica de papel higiênico são coisas de homem. Tipo defender um castelo da invasão de um exército não é coisa de mulher.

Princesa – Pra mim, não existe diferença entre o que um menino ou uma menina pode fazer.

Soldado – Existe, sim! É por isso que menino usa azul e menina usa rosa. Rosa, e não azul!

Os atores novamente trocam de papéis. Ele e Ela olham para as próprias roupas, confusos.

Ele – Quer dizer que eu sou menina?

Ela – E eu sou menino?

Ele – Sabe, até a gente inventar o Soldado e a Princesa, eu nunca tinha parado pra pensar nessa história de menino e menina.

Ela – Há tanto tempo que a gente brinca de criar estrelas, e galáxias, e planetas, e eu nunca tinha percebido que a gente é diferente um do outro.

Ele – Mas a gente é diferente?

Ela – Não sei, minha cabeça tá confusa.

Ele – Eu não me sinto diferente.

Ela – Eu, às vezes, tenho vontade de fazer coisas de menina, às vezes, coisas de menino.

Ele – Eu gosto de abraçar.

Ela – Adoro abraçar.

Ele – Eu gosto de cozinhar, gosto de limpar a casa.

Ela – Detesto varrer!

Ele – Olha só quem tá com preguiça, agora!

Ela – Adoro futebol, lembra quando chutei Plutão pra fora do Sistema Solar?

Ele – Se eu criei o Soldado à minha imagem e semelhança, quer dizer que eu sou menino? Eu não quero ser como o Soldado.

Ela – Ninguém quer.

Ele – Se eu for menino, posso trocar?

Ela – Sei lá! pode?

Ele – Eu já não sei mais nada...

Ela – Sabe o que eu acho? Que nada disso importa de verdade. O que importa é a gente fazer o que realmente gosta, é a gente ser quem a gente quer! Se te faz bem, que mal tem? Oh, acabei de inventar a rimal!

Eles riem.

Ele – Já reparou que a gente sempre briga?

Ela – Mas depois a gente sempre se entende!

Ele – É verdade.

Ela – Acho que, com o tempo, a gente aprendeu a se escutar. A ouvir o que o outro tem a dizer.

Ele – E a se colocar no lugar do outro.

Ela – Se a gente sempre se entende no final, e o Soldado e a Princesa foram criados à nossa imagem e semelhança, isso significa que eles também vão aprender a se dar bem um com o outro?

Ele – Acho que sim.

Trocam novamente os papéis.

Soldado – Tipo esse seu chapéu horroroso, que deveria ser rosa, e não azul!

Princesa – Ah, tá incomodado com o meu chapéu azul, senhor soldado, vem cá tirar.

Soldado – Olha que eu vou! E vou tomar o seu castelo.

Princesa – Tô com tanto medo que vou usar este broche aqui como escudo contra sua espadinha.

Soldado – Homens, atacar!

Soldado começa a dar saltinhos em frente à torre do “castelo”, pulinhos para cima, ressaltando que ele é realmente inofensivo para o castelo.

Soldado (bufando de cansaço) – É, o troço é alto, mesmo!

Princesa – hahaha. É até bonitinho ver... Quer um banquinho?

Ele tenta de novo, novamente sem sucesso.

Princesa – Você vai ter que pedir ajuda pra um adulto.

Soldado – Eu sou adulto!!!

Princesa – Sério!? Hahaha.

Soldado – Se eu não posso ter as riquezas do castelo, ninguém pode! Se é da água limpa que você precisa... Homens, derramem petróleo no rio! Se é das árvores que você extrai seu precioso papel; homens, queimem toda a floresta!

Princesa observa horrorizada os atos do soldado.

Soldado – Isso, mais petróleo aqui na nascente do rio. Queimem aquelas árvores lá do alto, também, e aquelas mais altas ali...

Princesa – Você não pode fazer isso! Centenas de famílias vão perder seu sustento!

Soldado – É uma perda irrelevante.

Princesa – Os peixes vão perder seu lar, os pássaros vão perder seus ninhos!

Soldado – É uma perda irrelevante.

Princesa estática, arregala os olhos.

Princesa – Pedro! Pedro!

Ela está histérica.

Princesa – Pedro!

Soldado – Não adianta chamar Pedro, Afonso, Fernando. Ninguém pode te ajudar agora!

Princesa – Pedro, o lenhador real! Ele foi cedo para a floresta pra trazer madeira para a fábrica! Pedro! Pedro, sai da floresta, volta! Pedro, foge do fogo, Pedro! Foge do fogo, Pedro! Não, pro outro lado! Cuidado! Não inala a fumaça, Pedro! Tenta respirar, Pedro! Tenta respirar, Pedro!

Princesa se dá conta de que Pedro está morto.

Soldado – Foi uma perda irrelevante.

CENA 7 – TUDO ESTÁ QUEIMADO

Ele se livra dos artefatos de soldado e cai de joelhos, arrasado.

Ela – Ele... Ele...

Ele – Não é possível...

Ela – O lenhador... Ele...

Ele – O lenhador não tem mais vida, cara!

Ela – E não foi um acidente, não foi o tempo, não foi a idade avançada...

Ele – Foi um ser humano que tirou a vida de outro ser humano.

Ela – Isso não está acontecendo...

Ela – Não é possível...

Ele – O que foi que eu fiz? Como fui capaz de criar um ser que usa a inteligência para prejudicar outro?

Ela – Mas ele tinha armas! O que você queria? Desde o início você criou armas para o Soldado.

Ele – Mas... Era pra se defender, era pra conquistar, pra dominar, era... Era uma brincadeira.

Ela – Violência nunca é brincadeira. Se você tem a capacidade de criar, de dialogar, de inventar, e mesmo assim escolhe a violência, não pode dizer que é brincadeira.

Ele – Você tinha razão, cara! Criar um ser consciente foi um erro, um grande erro. Eu acreditei que o ser humano usaria sua liberdade, sua criatividade, sua inteligência para construir, para evoluir, para inventar, para crescer. Mas ele é um ser capaz de destruir o ambiente onde ele mesmo vive! É capaz de poluir rios, queimar florestas para satisfazer algum desejo egoísta. É capaz de tirar a vida de um semelhante para conseguir o que quer.

Ela – Nós criamos uma espécie com um grande poder. E grandes poderes trazem grandes responsabilidades. Ouvi isso em algum lugar...

Ele – E se este ser é capaz de tanta destruição, e ele foi criado à minha imagem e semelhança, isso quer dizer que eu sou capaz de fazer tanto mal?

Ela – Todo mundo é capaz de fazer coisas terríveis. Mas a gente escolhe não fazer. A todo momento nós sempre temos escolhas a fazer; pequenas escolhas, grandes escolhas. E escolher fazer o bem ou fazer o mal só depende de nós.

Ele – Nós temos que fazer alguma coisa.

Ela – Não temos.

Ele – É preciso acabar com a humanidade antes que ela acabe com ela mesma, antes que ela destrua todo o planeta!

Ela – Se nós fizermos isso, seremos tão egoístas quanto eles podem ser.

Ele – Mas eles vão acabar se...

Ela – Nós criamos um ser com vontade própria. É por conta deles descobrir o que é o certo e o que é errado. E conviver com as consequências de suas escolhas. Só podemos esperar que eles sintam na consciência o peso dessas escolhas.

Ele – E nós vamos ter que suportar o peso na consciência de ter criado a humanidade.

Ela – Sim. Foi nossa escolha criar um ser com suas próprias escolhas. Vamos ter que conviver com isso.

Ele – E com tudo de ruim que a humanidade criar.

ATO III – LET'S DANCE!

CENA 8 – QUEM SABE ASSOVIAR

Ele e Ela estão recolhendo blocos caídos, livrando-se dos artefatos do Soldado e da Princesa.

Cada um está em um lado do palco.

Ela começa a assoviar.

Ele escuta o som, acha estranho, procura de onde vem.

Ela, sem perceber que chamou a atenção dele, para de assoviar.

Ele volta a seus afazeres, ela volta a assoviar. O jogo se repete algumas vezes.

Ele – O que foi isso?

Ela – O quê?

Ele – Esse som!

Ela – Que som?

Ele – Um som agudo, engraçado.

Ela – Não sei do que você está falando.

Ele dá de ombros e ambos voltam aos afazeres.

Distraída, Ela volta a assoviar.

Ele – Esse som!

Ela – Ai, que susto!

Ele – Era você!

Ela – Eu me distraí e nem vi que estava assoviando.

Ele – O que é isso?

Ela – Isso? (*assovia*) É um assovio.

Ele tenta assoviar, assopra, se baba, e não consegue.

Ele – Eu não consigo fazer.

Ela – Tem que fazer um biquinho e deixar o ar sair suave.

Ele (*soltando alguns ruídos*) – É difícil! Quando você inventou isso?

Ela – Não fui eu, não. Eu vi o Soldado assoviando um dia.

Ele – O Soldado inventou isso? Mas esse som é... divertido!

Ela – Faz a gente se sentir melhor, né?

Ele – Faz. Faz sim!

Ela (*cantarolando*) – “Se você olhar pro lado / Tem o certo, tem o errado / a escolha só depende de você”

Ele – Por que você está falando diferente, com ritmo?

Ela – Eu não estou falando, eu estou cantando! (*cantarolando*) “Nem sempre o seu umbigo / É seu único amigo / Existe um jeito certo de viver / e... / Um copo de otimismo nunca é demais / Viva para frente, nunca pra trás”

Entra a música acompanhando o cantarolar.

Ele – Você inventa cada uma...

Ela – Isso é música! E não fui eu que inventei. Eu vi no final de um filme.

Ele – Filme?

Ela – É. Filme é uma história em que a gente vê os personagens vivendo, em tempo real, projetada numa tela enorme!

Ele – Que ideia incrível! E quem inventou isso?

Ela – Adivinha?

Ele – O ser humano?

Ela – O assovio, a música, o teatro, o cinema, a poesia! Toda arte é uma invenção da humanidade e revela o que o ser humano tem de melhor!

Ele – Mas a humanidade vai inventar a poluição, o engarrafamento, a caça de animais...

Ela – Mas também vai inventar o domingo na praia, a viagem de férias, o videogame...

Ele – Fila de banco, pobreza, bomba atômica!

Ela – E sorvete, pipoca, bomba de chocolate!

Ele – Sirene de fábrica, assalto, desmatamento!

Ela – Gelatina, pizza de muçarela, pão de queijo, goiabada, açaí – com bastante amendoim por cima e calda de caramelo, assim, derretendo em volta... É, acho que tô com fome!

Ele – Preconceito! Fronteiras! IPVA!

Ela – Massagem nos pés, cosquinha. Dança! Vem comigo!

Ela recomeça a cantarolar e a ensaiar passos de dança com Ele. Desajeitado no início, logo começa a pegar o jeito. Continuam dançando por todo o espaço enquanto o diálogo segue.

Ela – “Coloque o calçado / De quem está do seu lado / É sempre a melhor coisa a fazer”

Ele – Isso é ótimo!

Ela – Divertido, né?

Ele – Então quer dizer que a humanidade vai dar certo?

Ela – Às vezes, sim, às vezes, não. Às vezes vai haver guerras, destruição, desigualdade, ganância. Mas às vezes vai haver diálogo, compreensão, empatia! E, quando houver, os soldados e as princesas vão saber o quanto é importante se colocar no lugar do outro.

Ele – Mas como a gente vai saber o que acontece no final?

Ela – A gente não tem como saber. Mas e daí? O final não importa! O que importa mesmo...

Ela e ele – ...é a jornada! (*cantarolando*) “Se a vida é uma passagem / Aproveite a viagem / E receba cada dia com prazer / e... / Um copo de otimismo nunca é demais / Viva para frente, nunca pra trás”

Eles continuam dançando e cantarolando a música, correndo pelo espaço, provocando um ao outro. Correm até o pano de fundo e começam a arrancar pedaços, criando mais estrelas. Enquanto a luz cai lentamente, a música sobe e sobrepõe os risos e comentários dos dois.

Ela e ele – “Se você olhar pro lado / Tem o certo, tem o errado / a escolha só depende de você / Nem sempre o seu umbigo / É seu único amigo / Existe um jeito certo de viver / e... / Um copo de otimismo nunca é demais / Viva para frente, nunca pra trás / Coloque o calçado / De quem está do seu lado / É sempre a melhor coisa a fazer / Se a vida é uma passagem / Aproveite a viagem / E receba cada dia com prazer / e...”

FIM.

DRAM ACT URGE

Wilson Coêlho

Personagens

Dram, o artista plástico

Act, o jogador

Urge, o visitante

Imaginação. Uma jovem mulher vestida de negro.

O cenário está cheio de peças de xadrez do tamanho de um homem. O rei, a rainha, a torre, o cavalo, o bispo e alguns peões. No fundo, à esquerda do palco, abaixo de um relógio com os números ao contrário, um homem, de nome Dram, está organizando umas peças num grande mural na tentativa de organizar o mapa-múndi, uma espécie de quebra-cabeças. Outro homem, de nome Act, sentado ao fundo direito do palco, quase não se movimenta diante de um grande tabuleiro. Joga xadrez consigo mesmo o tempo inteiro e, de vez em quando, vira-se apenas para observar o que faz Dram. Durante o espetáculo, na medida em que joga, Act, de vez em quando, levanta-se e muda as peças de lugar. Alguns jornais estão espalhados pelo chão. Os três personagens usam roupas pretas e chapéus pretos. A peça começa no escuro. Efeitos sonoros.

Dram (como uma espécie de *raisonneur*) – Podia começar uma obra agora. Todas as condições estão dadas. Se ao longo da história muitos acreditaram que se fazem necessários os fatos para que se crie algo, agora parece que o mais importante é realmente criar a partir do nada. Fazer existir ou valer algo que se sustente do vazio, do não-ser, do não-pensamento. O que se anuncia como o mais difícil é estabelecer uma espécie de coerência partindo dos pontos que não dialogam entre si. Parece imprescindível uma ideia de não se chegar a lugar algum, mas apenas criar um tecido ou tecer uma rede que organize no caos uma provisória possibilidade dos sentidos, tendo por base a fragmentação do mundo. *(falando alto, como dando uma ordem)* “Fiat Lux!”

Acendem-se as luzes do palco.

Toc-toc-toc-toc-toc. Batem à porta.

Dram – Quem é?

Urge – Quem é o que?

Dram – Quem é você?

Urge – É o que também quero saber.

Dram olha em direção a Act que, ao perceber o olhar, entende que deve abrir a porta. Levanta-se e abre a porta.

Urge entra.

Dram – Está sozinho?

Urge – Acho que sim.

Dram – Como “acha que sim”?

Urge – O que acontece é que, às vezes, tenho a sensação de que caminha comigo uma legião de fantasmas.

Dram – Quer dizer que acredita em fantasmas?

Urge – Não que eu acredite neles, mas...

Dram (*sem desviar os olhos do que está fazendo, interrompendo*) – ...Então não sabe quem é, embora queira saber, apesar dos fantasmas.

Urge – Nem tanto, mas sempre me dá uma ideia de saber quando alguém me pergunta.

Dram – Quer dizer então que somente se interessa em saber de alguma coisa para que possa responder ao que lhe perguntam?

Urge – Não, não é bem assim. O que acontece é que somente sinto falta de não ter uma resposta quando me fazem uma pergunta. Mas eu vivo bem sem ter respostas, principalmente por saber que quase sempre quem pergunta já sabe ou tem sua própria resposta.

Dram (*olhando para ele*) – Não acredito que seja o meu caso, mas de onde vem? Ou também não sabe?

Urge – Mais ou menos.

Dram – Mais ou menos? Sabe ou não sabe?

Urge – Sei e não sei.

Dram – Por que fazer diferente se complicado também dá certo, não é?

Urge – Estou falando sério. Quero apenas dizer que, num sentido mais amplo...

Dram (*interrompendo*) – ...Cósmico?

Urge – Não sei se é cósmico, mas no absoluto... ou geral... não há teoria que me contente...

Dram – Hummm...

Urge – É, não sei de onde venho.

Dram – Isso é o que você não sabe, mas... e do que sabe?

Urge – Do que sei, estou vindo de um jornal.

Dram – De um jornal?

Urge – Sim, é isso. Estou vindo de um jornal, depois de outras tentativas, onde coloquei um anúncio nos classificados, na coluna de “achados e perdidos”.

Dram – Está se procurando ou buscando uma forma de se perder?

Urge – Eu não preciso me procurar porque não sei se suportaria o encontro, tampouco quero me perder porque...

Dram – ...As pessoas perdidas são as mais procuradas.

Urge – Acho que é isso.

Dram – Mas, afinal, o que queria com o anúncio numa coluna de “achados e perdidos”?

Urge – É que recentemente saí do hospital.

Dram – Como assim?

Urge – O problema é que também não sei como fui parar no hospital.

Dram – Então é mais uma coisa que você sabe. Sabe que não sabe como foi parar no hospital. Muito interessante.

Urge – Interessante?

Dram – Sim, a sua sinceridade em admitir que não sabe algo, mas... fale do hospital.

Urge – Hospital é um lugar com cheiro de *shopping center*, onde nunca sabemos se é dia ou noite, e somos cercados por pessoas vestidas de branco para as quais, quando conversam entre si, não passamos de órgãos. Ou seja, nos chamam de fígado, próstata, garganta, hemorroida...

Dram – Me refiro ao hospital de onde vem.

Urge – Bem, os médicos me disseram que eu desmaiei numa praça do centro da cidade e que alguém me socorreu e me deixou nesse hospital.

Dram – Afinal, por qual motivo?

Urge – Eu já disse, fui encontrado desmaiado numa praça no centro da cidade, alguém me socorreu, me deixou no hospital e não se identificou...

Dram – Ahn!!!

Urge – Fui operado na cabeça. Dois coágulos.

Dram – Coágulos?

Urge – Sim, massas semissólidas que se formam no sangue... filamentos de fibrina que retêm os glóbulos sanguíneos.

Dram – Foi isso que disseram?

Urge – Exatamente e, trocando em miúdos, duas bolhas de sangue no meu cérebro, melhor dizendo, na minha cabeça. Cortaram-me aqui (*colocando a mão na cabeça*) no alto da sinagoga, fizeram uma drenagem e, depois, tive alta. Desde então, caminho por aí.

Dram – Hummm... mas quem foi que te socorreu?

Act serve uma bandeja com duas taças vazias. Dram apanha uma das taças e fica com ela na mão, esperando que Urge faça o mesmo gesto para que possam brindar. Urge hesita.

Urge – Mas a taça está vazia.

Dram – O vazio é só um lugar que a dor preenche e, no mais, “a rosa é a ausente de todos os buquês”.

Urge apanha a taça, os dois batem a taça, num gesto de tim-tim. Fingem beber.

Urge. (*enquanto bebe*) – Ausente...

Dram – Sim, mas voltando à sua ida ao hospital, quem foi mesmo que te socorreu?

Urge – É o que eu não sei, não faço a mínima ideia, eis a questão. Inclusive, paguei diversas notas em classificados, nas colunas de “achados e perdidos”, em alguns jornais para saber dessa pessoa e até agora ninguém se manifestou.

Dram (*falando para si mesmo*) – Sempre achei que o mais correto seria “perdidos e achados”, pois primeiro se perde algo e, depois, se acha. (*Para Urge*) Sim, você já falou dos anúncios, mas... e se alguém aparecer, o que vai fazer?

Urge – Não pensei nisso. Talvez, dar um abraço de agradecimento.

Dram – Parece justo? Suficiente?

Urge – Não sei.

Dram – Entendo...

Urge – Já viveu algo assim?

Dram – Claro, ou melhor, acredito que sim. Parece-me razoável que não exista nada em que alguém seja único...

Urge – Nunca?

Dram – Nunca. Mesmo que o de sempre se dê uma única vez.

Urge – Nem no campo amoroso?

Dram – Nem no campo amoroso.

Urge – Mas você disse que é claro que já viveu algo assim. Existe algo que seja claro?

Dram – Não é isso que quis dizer.

Urge – O que quis dizer, então?

Dram – Que também venho de um desmaio.

Urge – É mesmo?

Dram – Sim.

Urge – Um desmaio?

Dram – Não como o seu, mas de um desmaio da consciência de fatalidade. O mero fato de estar no mundo.

Urge – Como assim?

Dram – Quero dizer que também nasci de um coágulo.

Urge – É mesmo?

Dram – Sim, foi detectado no mês em que minha mãe não menstruou.

Urge – Verdade?

Dram – É o que parece, ela não menstruou e os médicos descobriram que o sangue que não desceu de suas entranhas foi transformado num feto que abriu caminho para que eu existisse e que acabou me trazendo à vida.

Urge – Que interessante!

Dram – A vida?

Urge – Não, a maneira como as coisas se dão. É divino.

Dram – Acredita em Deus?

Urge – Não, claro que não.

Dram – Mas você disse que...

Urge – Me referi à mitologia.

Dram – Ah bem!

Urge – Não tenho mais no que acreditar.

Dram – Nem na mitologia?

Urge – Ela se basta a si mesma, como uma tentativa de organizar o caos, uma espécie de cosmética, mas não consigo crer na sua realidade.

Dram – Por quê?

Urge – Porque ela se sustenta de seu próprio fracasso.

Dram – Fracasso?

Urge – Sim, acredita que exista alguém mais incompetente que os deuses?

Dram – Todos?

Urge – Acho que estamos invertendo nossos papéis.

Dram – Como assim?

Urge – É que em determinado momento, quem fazia as perguntas era eu e, agora, parece que eu estou afirmando e você, questionando.

Dram – Não mudamos de papel, apenas mudei de tática. Um exercício da maiêutica. Eu faço perguntas para complicar você com suas respostas. (*Dram consegue montar uma figura no mural*)

Urge – Acredita que assim pode emprestar certa ordem ao mundo?

Dram – Não acredito que seja tão simples assim. Não significa juntar os pedaços ou esse fragmentos para elaborar uma peça, considerando que esses fragmentos não se completam e vivem de um discurso fajuto de autonomia.

Urge – Seria essa a função da arte?

Dram – A arte é inútil. Se fosse útil, não seria arte. O que acredito é que se faz necessário pensar em algo que não seja a deificação de um fragmento em si mesmo. Ainda, não se trata de buscar uma unidade que, de alguma forma, possa aproximá-los.

Urge – Parece complicado...

Dram – É e não é, mas o certo é que vivemos uma eterna aporia. Viver é fazer escolhas.

Urge – Aporia? O que vem a ser?

Dram – Reza a lenda que determinado chinês tinha uma tara em colecionar jarros exóticos e pequenos dragões. Um dia, ele selecionou o jarro de que mais gostava e o filhotinho de dragão de sua maior estima. Colocou o filhote de dragão de sua preferência no jarro de que mais gostava. Acontece que, com o passar do tempo, o filhote de dragão cresceu e não podia mais sair da garrafa.

Urge – Então, aí está a aporia?

Dram – Sim. É uma espécie de beco sem saída ou uma sinuca de bico, pois se ele quisesse preservar o filhote de dragão de que mais gostava, deveria quebrar a garrafa...

Urge (*interrompendo*) – ...E se quisesse preservar sua garrafa preferida, deveria matar o filhote de dragão que tanto amava.

Dram – Justamente, mas voltando à vaca fria, o mundo tem que ser reinventado ou... melhor, o mundo não existe.

Urge – Afinal, o mundo existe ou não existe?

Dram – Às vezes, acho que existe, mas esse que existe não mais se dá conta dessa ideia de existência. Há que se criar alguma outra coisa e chamá-la de mundo.

Urge – Seria como encontrar uma ilha desconhecida ou inventar uma?

Dram – Ilha? Parece uma boa ideia se de certa forma somos todos náufragos.

Urge – O homem é uma ilha ou a ilha é um homem?

Dram – E o que é uma ilha?

Urge – Você não sabe?

Dram – Acho que sei, mas acho que às vezes é necessário fazermos perguntas sobre o óbvio.

Urge – Então, para uma pergunta óbvia, uma resposta também óbvia. A ilha é uma porção de terra cercada de água por todos os lados.

Dram – Quase todos!

Urge – Como assim?

Dram – Menos o lado de baixo e o lado de cima.

Urge – Tudo bem. Então, até aqui, temos mais ou menos um acordo sobre o que é uma ilha. Mas o que é o homem?

Dram – É um pedaço de carne cercada de conceitos por todos os lados.

Urge – Até mesmo no de cima e no de baixo?

Dram – Sim, totalmente.

Urge – Então, *ecce homo!*

Dram – Não necessariamente.

Urge – Explique-se.

Dram – O homem é aquilo que ele não é, mesmo que – para que se sinta homem – se socorra de todos os periféricos.

Urge – Como assim?

Dram – Quero dizer que alguém se identifica como homem sem nem mesmo saber o que isso significa nem suas consequências.

Urge – Entendo. São os contratos sociais. Sempre se confunde o homem com o cidadão.

Dram – Você tocou no xis da questão. A cidadania é uma armadilha criada para que os sujeitos se sintam protegidos, mas que na verdade é uma espécie de tabuada que define direitos e deveres de acordo com os interesses dos dominantes.

Urge – Como assim, uma tabuada?

Dram – Não sei se é bem uma tabuada, mas foi o primeiro nome que me veio à mente para dizer dos silogismos e da lógica que estabelece que dois mais dois são quatro. É uma crítica que faço a essa ideia de que seu nome, endereço, carteira de identidade, idade, condição econômica, lugar onde nasceu, grau de conhecimento, pai, filho, marido (ou ex), vizinho, passageiro etc. sejam dados suficientes para definir um ser humano.

Urge – Então, não é esse o homem?

Dram – Claro que não. No máximo, poderíamos dizer que esse é o cidadão. Ser homem é não ser todas essas coisas que o impedem de ser homem.

Urge – E o que seria preciso para ser homem?

Dram – Para ser homem é preciso morrer.

Urge – Morrer?

Dram – Sim, abdicar de tudo isso a que se convencionou ser homem. Não no sentido cristão, em prol de uma espiritualidade. Tampouco pensar na forma de exercer a animalidade porque o homem matou o animal por não poder se dar como tal.

Urge – Mas o homem também não é um animal?

Dram – Mais ou menos. O animal é, enquanto o homem somente existe na medida em que sua existência se dá no próprio ato de existir. O homem, mesmo este que sofre com o peso da ideia de existir, não tem essência. Ele não consegue chegar às coisas, considerando que entre as coisas e o que se entende como homem há uma mediação da razão que o cega para aquilo que é e o faz interpretar tudo por meio de seus interesses ou de sua capacidade de lidar com as metáforas que significam o mundo.

Urge – Isso também não se passa com os animais?

Dram – Claro que não. Entre o animal e as coisas não há mediação. O que é, é, mesmo que não o seja.

Urge (*pensativo, falando alto*) – Eu não tenho raízes...

Dram – Tanto melhor que, não tendo pés, não está fixo em nenhum lugar e, assim, se faz universal. Mas o problema é quando os rastros destes pés são apagados, daí já não existe memória e a história se esvai.

Urge – Não entendi muito bem, mas podemos voltar ao momento em que interrompemos?

Act derruba todas as peças do tabuleiro e as apanha, montando de novo para recomeçar o jogo. Dram, Act e Urge se olham por alguns segundos.

Dram – O tema era sobre os deuses. Você me perguntava se eu acreditava na existência de alguém mais incompetente que os deuses. Daí, eu perguntei se quando você dizia dos deuses estava se referindo a todos os deuses.

Urge – Sim, realmente, foi aí que paramos. Bem, não posso falar de todos, mas pelo menos desse que conhecemos na mentalidade do rebanho.

Dram (*para o público*) – Não vejo outra possibilidade de continuar sem fazer perguntas. (*dirigindo-se a Urge*) Como assim?

Urge – Conhece alguém mais incompetente que Deus? Tudo o que fez foi um equívoco.

Dram – Mas parece que os equívocos somente existem para os idealistas.

Urge – Como assim?

Dram – Quero dizer que quem se alimenta da ideia de um mundo ideal tem uma tendência a ver a realidade como um equívoco, na medida em que o que idealizou e o que vê não condiz com aquilo que imaginou.

Urge (*lendo em voz alta um dos jornais que apanha no chão*) – Extra! Extra! Mendigos na rua. Aproximando-se de um galpão alugado, o secretário de defesa social tem a intenção de saber a origem dos mendigos, quem eles são e de onde vêm. O secretário foi ordenado pelos seus superiores para encaminhá-los à casa de recuperação, assim como ver quais deles já são conhecidos das equipes de abordagem e, enfim, para os que quiserem, serão levados de volta para a sociedade. Para a municipalidade, não é proibido morar na rua, mas nem por isso vai permitir a falta de ordem pública. As pessoas estão abandonadas, sem identificação, fazem suas necessidades na rua, fazem sexo, usam drogas. Será que é isso que a sociedade quer? Não acredito que seja. Estamos recebendo reclamações...

Dram (*interrompendo*) – Mero exercício de estatísticas do departamento de averiguações.

Urge (*atirando o jornal no chão e, como se interpretasse outro personagem, fala para um interlocutor invisível*) – Pode escrever aí no seu papel: eu nunca mais volto a viver em casa ou apartamento. Desgostei. Tenho 55 anos e, há quatro, estou no mundo. Tenho família e meus filhos que, de vez em quando, tentam me levar de volta pra casa. Um dos meus filhos veio me convidar para o casamento. Acha que eu vou? Pensamento da gente é terra que ninguém pisa. Fui para a rua depois de um acidente de caminhão e, como acreditavam que eu fosse morrer, começaram uma disputa de bens. Resolvi não voltar mais.

Dram – Para quem não sabe quem é...

Urge (*cantarola uma música de Chico Buarque*) – “Vida, minha vida, olha o que é que eu fiz”.

Dram – E o que é a vida?

Urge – Acho que até hoje ninguém nunca soube bem ao certo o que é a vida.

Dram – E nunca vai saber?

Urge – Nunca é um advérbio de lugar nenhum, situado num tempo que não existe. Em resumo, se é possível resumir alguma coisa, a vida é simples demais para os idiotas e difícil demais para os que se consideram cultos.

Dram – É... às vezes, me dou conta de que tudo aquilo que até então entendi ser o mundo é justamente o que agora dedico todo o meu tempo fazendo uma espécie de campanha para destruir.

Urge – Acredita nisso como um gesto de amor?

Dram – Sem exageros. O amor é uma estupidez inventada para sustentar o contrato social. Um ato higiênico contra a paixão.

Urge – Então, não existe amor?

Dram – Claro que existe. Tudo o que imaginamos existe.

Urge – Imaginação? O que isso tem a ver com imaginação?

Dram – Quero dizer que a imaginação não passa de uma organização de nossas ideias. Assim, o amor existe, como o dinheiro, que é a rainha das ficções. Um pedaço de papel com números que arrasta multidões, impondo condições de relacionamentos afetivos e estabelece relações de valores. Tudo não passa de convenções. Não é à toa que determinada moeda, mesmo sem perder qualquer uma de suas características, de uma hora para outra já não significa nada, apenas porque o senhor mercado trocou o seu nome...

Entra a Imaginação, uma mulher jovem, montada numa bicicleta e vestida de preto. Dram, Act e Urge estão congelados. A Imaginação desce da bicicleta e, empurrando-a, atravessa lentamente a cena, detendo-se um instante diante de Dram, outro diante de Urge. Neste momento, deixa a bicicleta no descanso e, finalmente, vai até Act e move uma peça no tabuleiro de xadrez. Monta novamente na bicicleta e vai saindo lentamente de cena. Todos os três, apesar de congelados, seguem-na em seus movimentos apenas com os olhos.

Urge – Mas falávamos de amor.

Dram – O que dá no mesmo.

Urge – Como “dá no mesmo”?

Dram – Quero dizer que aquele que ama, ao eleger o outro como o objeto amado, já não permite que ele seja quem é, ou seja, idealiza-o como a fonte de seu amor e quer exigir dele o que acredita que ele seja, sem que ele possa se manifestar. Os interesseiros são mais sinceros que os amantes.

Urge – E onde fica o desejo?

Dram – O desejo é uma estupidez.

Urge – Como se atreve a chamar de estupidez aquilo que é a essência da minha tentativa de me sentir no mundo?

Dram – O desejo é uma invenção. O homem é vontade.

Urge – Parece que o desejo e a vontade se confundem quando falamos com as paredes.

Dram – Você deveria escrever cartas.

Urge – Cartas?

Dram – Sim, cartas. As cartas são mapas do espírito. Elas registram momentos e intenções de estar no mundo.

Urge – Pode ser... mas eu não tenho a quem escrever cartas.

Dram – Escreva para você mesmo.

Urge – Como assim?

Dram – É muito fácil. Você escreve a carta, coloca num envelope e, é claro, subscreve seu nome como destinatário e como remetente.

Urge – Mas isso funciona?

Dram – Acho que sim.

Urge – Como acha que sim? Você já fez isso? É uma experiência própria?

Dram – Não, não fiz essa experiência, mas o nosso dramaturgo fez.

Urge – Nosso dramaturgo? Que dramaturgo é esse? Deus?

Dram – Assim você me obriga a ser repetitivo. Deus não existe. Estou falando de quem escreveu essa peça e nos colocou como personagens.

Urge – E como foi isso?

Dram – Isso o que? O da peça ou das cartas?

Urge – O das cartas, é claro!

Dram – Ah, sim, óbvio, o das cartas. Bem, é o seguinte. Num determinado momento de sua vida, o dramaturgo estava muito deprimido e se sentindo só. Numa tentativa de escapar da depressão, ele escrevia cartas e, para não se sentir só, enviava para alguém. Ele precisava de um interlocutor a quem confidenciar suas neuras.

Urge – Que estranho! E quem era esse interlocutor?

Dram – Ele escrevia para alguém, mas não tinha nenhum alguém a quem pudesse enviar suas confidências. Não confiava em ninguém. Então, enviava para si mesmo.

Urge – Mas e essa do correio?

Dram – Não passava de uma mera estratégia.

Urge – Estratégia?

Dram – Bem, a ideia de colocar no correio é interessante porque...

Urge – Mas... colocar no correio?

Dram – Sim! Imagine. Você coloca uma carta no correio, endereçada a você mesmo. Pense bem... no momento em que escrevia a carta, você é uma pessoa sentindo e pensando determinadas coisas. Poste a carta no correio e somente três ou quatro dias depois ela chega à sua caixa postal ou o carteiro lhe entrega.

Urge – E o que quer dizer com isso?

Dram – O que quero dizer é que, apesar de o destinatário e o remetente serem os mesmos no envelope, quem recebe a carta não é a mesma pessoa que a escreveu.

Urge – Como não?

Dram – Que estúpido! Cada momento é único. Aquilo que você estiver sentindo e vivendo no momento da escrita será diferente do que vai sentir três ou quatro dias depois. Mesmo que você seja o mesmo ou acredite nisso. Mas “o mesmo” nunca é “o mesmo” porque a cada momento “o mesmo” se torna outra coisa.

Urge – E se acontecer de eu ter vontade de escrever uma carta e não tiver nenhum assunto e não conseguir organizar as palavras?

Dram – Assim você pode fazer como o amigo de nosso dramaturgo, outro dramaturgo, que colocou em uma de suas peças um personagem que, na falta de assunto para com sua amada, enchia o envelope de papéis em branco e enviava para que ela se sentisse feliz com a ideia de que era lembrada.

Urge – Como assim?

Dram – Bem, ela estava num hospital e, quando recebia a carta, mesmo que não tivesse nada escrito, ficava feliz por ter recebido a carta.

Urge – Simples assim?

Dram – Simples assim, além do mais, ela ficava contente porque as suas companheiras de hospital ficavam com inveja por não terem quem lhes escrevesse.

Urge – Um sentimento mesquinho, convenhamos.

Dram – Sim, mas mesquinho como quase todos os sentimentos.

Urge – Mas se trata de uma mentira.

Dram – Ora, meu velho, é o preço da carta. Quem escreve carta também é um escritor.

Urge – Então devo acreditar que todo escritor é um mentiroso?

Dram – Claro, pelo menos quando ele exercita a ficção.

Urge – Mas não lhe parece feio mentir?

Dram – De certa forma, sim, mas também existem as mentiras convencionais.

Urge – Mentiras convencionais?

Dram – Claro, você pode mentir para uma criança que Deus existe. Assim se poupa de ter que explicar os reais motivos de muitas das proibições que você impõe a essa criança.

Urge – Acho que está exagerando.

Dram – Exagerando? Também tem que levar em conta que existe mentir e mentir.

Urge – Para mim, mentir é mentir. Não há justificativa, ademais, a mentira tem pernas curtas.

Dram – Com isso você quer dizer que todo baixinho é um mentiroso em potencial?

Urge – Não, não quis dizer isso. Quero dizer que uma hora ou outra a mentira vai ser descoberta.

Dram – Alto lá! Estávamos falando do escritor. A mentira do escritor, em especial, o da ficção. A mentira do escritor não é uma mentira contra a verdade. A mentira do escritor só é considerada mentira porque não se trata de uma realidade aparente. É como uma espécie de sonho da mente, como faz uma criança ao dar vida e voz a um palito de fósforos em suas brincadeiras. É um faz de conta levado a sério.

Urge – Você fala da mentira como se ela não passasse de um mero exercício da imaginação!

Dram – Eureka! A imaginação é a mais digna forma de dizer a verdade como se fosse uma mentira.

Urge – Assim você me confunde.

Dram – A confusão é a maior expressão da possibilidade de eleger um espaço onde as contradições se fundem e se fundamentam.

Urge – Você quer dizer que a confusão é uma fusão entre as coisas?

Dram – Parece que você prefere complicar as coisas no que elas têm de mais simples. Parece que você faz parte de uma sociedade secreta que vive se perguntando: Por que fazer diferente se complicado também dá certo?

Urge (*meio envergonhado*) – Não faço de propósito.

Dram – Então, fiquemos assim. O caos tem uma lógica mais apurada do que todas as lógicas.

Urge – Como assim?

Dram – Meu caro, eu quero apenas dizer que a verdadeira lógica está na exceção. As exceções confirmam as regras.

Urge – Sempre?

Dram – O sempre e o nunca são duas tentativas absurdas de negar a possibilidade da experiência. O sempre e o nunca são posturas imobilistas que não nos encorajam e não nos permitem tentar.

Urge – Bem, acho que isso tem lá um pouco de verdade.

Dram – Lá vem você com as suas...

Urge – “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

Dram – Parece que sua memória só não funciona quando o que tem que lembrar diz respeito a você mesmo.

Urge – É verdade...

Dram – Que irritante! Você me obriga a repetir que a verdade não passa de uma combinação de dados com base em um acordo que fazemos com as coisas. Mas o que quero dizer é que quando você receber uma carta de si mesmo, no momento em que você já é um outro, você tem a capacidade de avaliar o escrito de forma distanciada...

Urge – ...E de responder como se fosse outro.

Dram – Perfeito! Elementar, meu caro!!!

Urge – Preciso ir.

Dram – Para onde?

Urge – Também não sei.

Dram – Mas partir ou ficar dá no mesmo.

Urge – Pode ser. Mas se ir ou partir dá no mesmo, o ato de partir faz com que eu permaneça com a vantagem de inventar um movimento e sair da inércia.

Dram – Existe inércia?

Urge – É isso que preciso entender.

Dram – Talvez você possa acreditar que seja capaz de pensar o mundo pela ausência ou insuficiência de contrações uterinas durante o parto. Como se fosse possível produzir ideias sem a dor da luz que ofusca os que saem da caverna onde estão acostumados com as sombras.

Urge – Preciso ir e não dou mais conta dessa necessidade e, como você dizia, não se trata mais de um desejo, mas de uma vontade.

Dram – Sei. É quase como afirmar que a própria vontade de partir já é um indício de que não esteja mais aqui, embora sua ausência seja uma afirmação de sua presença.

Urge – Será que entendi?

Dram – Não sei se entendeu, mas – trocando em miúdos – quando você se for, estará presente como alguém que esteve. Se você não tivesse chegado aqui, nem poderia partir. Só podemos nos lembrar de quem esteve. Quem não passou por nós não existe.

Urge – Caímos de novo na armadilha da memória?

Dram – Digamos que sim e, como dizia Artaud, “os que vivem, vivem dos mortos”.

Act faz mais um movimento no xadrez, levanta-se e move uma das peças do cenário e, na medida em que o faz, conduz os movimentos de saída de Urge, como se fora um boneco de vodu.

Urge (saindo de cena) – Até mais!

Dram (falando para si mesmo) – Até menos!

Dram volta a manusear as figuras do quebra-cabeça, enquanto Act movimenta as peças de xadrez como se tivesse um adversário invisível e conversa com ele por meio de mímica. Dram faz anotações em determinado papel.

Dram (*escrevendo e falando consigo mesmo*) – Como dizia o Dr. Panglos, se alguém disser que está tudo bem, cometeu uma tolice. Pois seria necessário que dissesse que tudo vai da melhor forma para determinado fim, assim como acrescenta que este é o melhor dos mundos possíveis. Por exemplo, temos narizes para que possamos usar óculos, como também temos pernas para também podermos preencher os espaços existentes nas calças.

Toc-toc-toc-toc-toc. Batem à porta.

Dram – Quem é?

Urge – Quem é o que?

Dram – Quem é você?

Urge – É o que eu procuro saber.

Dram olha em direção a Act que, ao perceber e olhar, entende que deve abrir a porta. Levanta-se e abre a porta. Urge entra vestido de carteiro. Depois de alguns instantes em silêncio, Urge abre a bolsa, tira um envelope e entrega a Dram. A Imaginação chega montada e pedalando a bicicleta. Para no meio da cena.

Dram – Quem é ela? Está com você? Parece que a conheço de algum lugar.

Urge – Ela é a Imaginação. Não está comigo.

Dram – Mas como chega dessa maneira, sem se anunciar, e entra sem ser chamada?

Urge – Ela é assim mesmo. Chega quando menos esperamos e se vai quando mais a queremos por perto.

A Imaginação se aproxima de Dram. Dram abre o envelope, retira a carta e começa a ler em silêncio. Parece que o que lê não é muito agradável, mas também não é tão trágico. Act, no xadrez, dá um xeque-mate, fazendo barulho com a peça.

A luz vai baixando em resistência.

CAI O PANO.

FECHADO PARA ALMOÇO

Andrea Cevidanes e Ana Beatriz Guerra

Luz na cena. Um vendedor de relógios de trinta e poucos anos, com aparência jovem e moderna. Ele veste calça jeans e uma camisa de estampa colorida, que deixa à mostra um pedaço de uma tatuagem qualquer. Ao fundo, uma parede com muitos relógios e um balcão com outros tantos relógios. O rapaz não “se encaixa” no lugar, a loja é clássica e escura, e vende peças tão antigas quanto ela, tem uns poucos relógios mais modernos indicando a época em que se passa a história. O vendedor arruma algumas peças, faz anotações num grande caderno preto. Vai até a porta, observa a rua e retorna. Entra uma mulher, ela começa a analisar os relógios. Ela é de meia-idade, mas aparenta qualquer coisa de desgastado, em sua forma e suas vestes. Tem um brilho empoeirado no olhar. Suas roupas são de tons escuros e modelagem antiga. Inevitavelmente, ela parece ter mais idade do que tem. Ele se aproxima da freguesa.

Ele – Bom dia.

Ela – Bom dia. Eu queria um relógio.

Ele – Pois não. Qual relógio a senhora quer?

Ela – Um que marque as horas.

Ele – Todos aqui marcam as horas.

Ela – O senhor não entendeu. Um que marque as horas para mim.

Ele – Todos os relógios dessa loja podem lhe servir, senhora. Qualquer um...

Ela – Qualquer um... Qualquer um, não... Tem que ser...

Ele – Tem que ser...

Ela – Tem que ser igual ao que quebrou.

Ele – E como era o que quebrou?

Ela – Bonito... Lindo... Importante!

Ele – Importante?

Ela – É, importante.

Ele – A senhora precisa especificar melhor para que eu possa ajudá-la.

Ela – Claro... Eu queria um relógio igual a este que eu descrevi. (*procura pela parede da loja*) Mas aqui... Não sei se tem. Não estou vendo nada parecido na sua parede.

Ele – A parede não é minha, senhora, é do dono da loja. Então... A senhora quer um relógio de parede?

Ela (*continua olhando os relógios*) – Isso. Bonito... Importante... Imponente! De parede. Como o meu.

Ele – Qual era a marca do seu relógio?

Ela – Não sei se lembro mais... Desde que... (*pausa*) Daí por diante não consegui mais olhar para ele. Depois ele parou. Acho que foi por isso, porque parei de ver as horas.

Ele – Senhora, vamos tentar resolver seu problema. É um relógio clássico, imagino. De madeira escura, nobre. Tem cuco?

Ela (*distraída*) – Cuco? (*retoma*) Não, não tem. Tinha lindos pêndulos de prata.

Ele – Não temos relógios com pêndulos de prata. Serve com ponteiros grandes e badalo de bronze?

Ela – Não tem de prata? (*tempo*) De bronze... Também é bonito.

Ele – Também temos um com revestimento em ouro velho.

Ela – Deve ser lindo. Adoro ouro velho!

Ele – Então a senhora vai levar?

Ela – Não disse isso. Não tem mesmo um igual ao meu?

Ele – Não temos relógios com pêndulos de prata, senhora.

Ela – Ah, sim... Pode ser...

Ele – Qual deles?

Ela – O de bronze, o de ouro velho...

Ele – A senhora quer os dois?

Ela – Por que eu iria comprar dois relógios para marcar um só tempo? Que desperdício...

Ele (*pensa alto*) – Que desperdício...

Ela – Eu preciso de um relógio de parede.

Ele – Talvez o que a senhora esteja procurando não se fabrique mais.

Ela – Talvez... O que eu faço?

Ele – Nós temos mais de trinta tipos de relógios de parede. Basta a senhora escolher um que lhe agrade.

Ela – Escolher um?

Ele (*vai mostrando as peças na parede*) – Este aqui, por exemplo, é francês. Este outro é suíço, vende bem. Aquele da ponta, apesar do estilo mais moderno, tem um lindo sino às dezoito horas, sempre às dezoito horas.

Ela (*angustiada*) – Espere um pouco. Não consigo pensar assim. (*retoma*) São todos lindos, muito bonitos realmente. Mas eu não vou levar todos.

Ele – Claro que não, senhora. Apenas um. Qual vai ser?

Ela – Ainda não tenho certeza. Vou ficar até poder escolher e ir embora.

Ele – Perdão?

Ela (*senta-se*) – Vou ficar, até resolver.

Ele – E a senhora pretende se demorar?

Ela – Talvez. Só o tempo suficiente para escolher.

Ele – Fique à vontade.

Longa pausa. Ela, sentada, olha para fora da loja. Ele volta ao balcão, espana os relógios na mesa. Tenta agir normalmente, mas a presença da mulher sentada o incomoda. Ele ameaça falar alguma coisa, mas desiste. Ele começa a fazer pequenos barulhos e a mexer-se de maneira um pouco mais exagerada. Ela permanece olhando para fora da loja.

Ele – A senhora quer um café?

Ela – Não, obrigada. (*retoma a ação anterior*)

Ele volta ao balcão, mas se inquieta. Vai até ela mais decidido.

Ele – A senhora não pode ficar aqui o dia inteiro.

Ela – E por quê?

Ele – Porque não. Ou a senhora compra um relógio ou vai embora.

Ela – Mas é exatamente o que eu estou tentando fazer.

Ele – E por que não faz?

Ela – Porque ainda não me decidi. Essas coisas levam tempo.

Ele – Quanto tempo?

Ela – Não sei, meu relógio quebrou e eu preciso comprar outro.

Ele (*irrita-se*) – A senhora está brincando comigo?

Ela (*responde à altura*) – Pareço brincar com o senhor?

Ele (*recompõe-se*) – Não, senhora... (*pausa*) É que eu preciso trabalhar e a senhora...

Ela – Estou atrapalhando seu trabalho?

Ele – Está!

Ela (*repensa*) – Mas a sua função não é a de vender relógios? E eu não estou aqui para comprar um relógio? Não entendo!

Ele – É que a senhora não comprou nada ainda.

Ela – Não faz diferença. Agora, neste momento, já existe uma relação estabelecida entre nós. Compradora e vendedor.

Ele (*respira resignado*) – Está certo, senhora. Fique à vontade.

Ela (*levanta-se rapidamente*) – Não, eu vou embora. Não quero atrapalhar.

Ele – Mas a senhora ainda não comprou o relógio.

Ela – Por isso mesmo. Já que não comprei, vou embora.

Ele – Não! Agora a senhora não pode sair mais.

Ela – Não posso sair?

Ele – Não. A senhora não escolheu o seu relógio.

Ela – Deixa para outro dia.

Ele – Nunca! A senhora não sai enquanto não escolher um relógio desta parede.

Ela – Mas por quê? Agora há pouco o senhor queria que eu saísse!

Ele – Sim, mas agora não quero mais. Está estabelecida uma relação e ela precisa ser quebrada devidamente.

Ela – Então quebramos aqui. Estou indo.

Ele (*Põe-se à porta*) – De jeito nenhum! Se a senhora sair por essa porta, não terá comprado um relógio.

Ela – E daí?

Ele – Daí que eu não terei cumprido minha função: vender relógios. Sabe o que isso significa?

Ela – Não.

Ele – Que eu não fui capaz. Fracasso. Perda. Impossibilidade de ascensão!

Ela – O senhor está ficando maluco? Quer fazer o favor de sair da porta?

Ele – Nunca! Só por cima de mim!

Ela – Como?

Ele (*pequeno pânico*) – Escolha um relógio, por favor, qualquer um!

Ela – Mas eu não quero qualquer um.

Ele (*num crescente*) – Temos todos os tipos, para todos os gostos. Os que soam, os que tocam música. Folheados, em madeira de lei, grandes, para a sala, redondos, para cômodos pequenos, com e sem pêndulos, com cuco, da Europa, da China e da Coreia, que acendem luz no escuro...

Ela – Eu só quero um relógio que marque o tempo.

Ele – Para quê?!

Silêncio. Ficam os dois parados. Sem nada dizer e sem se mover. Depois de um tempo, ela volta para a cadeira onde estava sentada. Continua a situação anterior de contemplação do exterior da loja. Ele retorna ao balcão, mas não se prende a nenhuma atividade, fica parado, observando os relógios. Depois de um tempo, ela olha ao redor, cantarola baixinho. Revira sua bolsa. Ela tira papéis amassados, abre uma caderneta e risca qualquer coisa, tira carteira, porta-moedas, uma peteca. Ela se levanta e faz cócegas nele com a peteca, senta-se de novo. Acha um pequeno estojo de pó-de-arroz, se vê no espelho, aperta as bochechas e as faz corar, passa batom, encontra moedas soltas, uma presilha de cabelos, que coloca, tirando a franja do rosto, remédios, bulas, óculos escuros (ela veste os óculos), fitas cassete, algemas, biscoito polvilho, fotografias, chaves etc. Uma sucessão de objetos improváveis que depois devolve à bolsa metodicamente. Ele assiste a tudo embasbacado.

Ele – A senhora está procurando alguma coisa?

Ela – Não. (*pausa*) Quero dizer, sim, mas não sei o quê. Aparentemente, não encontrei. Se tivesse encontrado, teria achado, concorda?

Ele (*mexe-se em direção à porta; ela não se move*) – Posso lhe assegurar que seu relógio não vai sair daí de dentro. (*pausa*) A senhora note que temos mais de trinta tipos de relógios diferentes em nossa loja e a senhora não

escolheu nenhum. Eu fui incapaz de ajudá-la a se decidir por um só. Eu admito: falhei na minha função! Não posso mais suportar isso! Estou indo embora!

Ela – Tudo bem.

Ele (*detém-se na porta; tenta cruzá-la várias vezes, mas não consegue*) – A partir do momento em que eu sair por aquela porta, eu não venderei mais relógios. Nem à senhora, nem a ninguém. Não terei mais a obrigação de vender relógios. Estarei completamente livre da função de vendedor de relógios. E a partir deste momento, deste exato momento... Que horas são?

Ela – Não sei, o meu relógio quebrou.

Ele – Não importa. A partir deste exato momento, eu estou livre! (*grita*) Livre! Livre da obrigação de vender-lhe um relógio. Livre para fazer o que quiser. (*ele inicia a saída e para*) Saindo daqui eu vou... Eu vou... O que eu vou fazer saindo daqui? (*tempo. Ele senta-se ao lado dela*)

Ela – Como assim, o que você vai fazer?

Ele – A loja não pode funcionar sem mim. Eu sou o vendedor de relógios. (*pensativo*)

Ela – Você não vai deixar de ser um vendedor de relógios se eu continuar aqui para escolher o meu relógio.

Ele – Ah, então agora a senhora quer escolher o seu relógio?

Ela – Quero.

Ele – E o que impediu a senhora de escolher antes?

Ela – Eu não sei. São tantos relógios, não sei qual escolher.

Ele – A sua escolha é muito simples. Escolha um relógio que marque as horas. Não é o que a senhora quer?

Ela – Mas todos marcam as horas.

Ele – Sim, todos marcam as horas.

Ela – E então?

Ele – E então?

Ela – Se todos marcam as horas, como é que eu posso escolher?

Ele – Escolha uma marca que atraia a senhora.

Ela – Atraia como?

Ele – Não sei, escolha um relógio bonito, importante, imponente!

Ela – Mas eu quero um relógio que marque as horas.

Ele – Mas todos marcam as horas!

Ela – Sim. Eu sei.

Impasse. Ele se vira, vai cuidar da loja, seguir com seus afazeres, espana. Ela começa novamente a tirar itens absurdos de sua bolsa, que parece não ter fundo. Deixa os objetos jogados. Esvazia todo o conteúdo da bolsa no chão. Longa pausa. Ele não responde. Ela volta a olhar para a frente, mas agora olha também para a parede e analisa mais os relógios. Ele se levanta devagar. Anda com resistência até a porta. Pega na maçaneta. Coloca o pé para fora. Retorna e senta-se na cadeira. Levanta-se e dirige-se ao balcão. Retoma suas funções de vendedor.

Ela (estranha, sorri) – Acho mesmo que somos parecidos. Eu imaginava, mas tenho certeza agora.

Ele – Perdão?

Ela – Estava perdido em seus pensamentos?

Ele – É, me distraí... Por um momento... Não posso continuar, a senhora não vê? Não posso continuar porque eu falhei duplamente.

Ela – Falhou duplamente...

Ele – Sim, duplamente. Como vendedor e como ser humano.

Ela – Não entendo, rapaz.

Ele – A senhora entrou aqui para comprar um relógio que marcasse as horas. Eu não consegui convencê-la a levar nenhum relógio. Não consegui convencê-la a sair da loja. E, agora, quem não consegue sair da loja sou eu.

Ela – A porta está ali.

Ele – Sim, eu sei que está. Mas o que fica do outro lado dela?

Ela – O mundo.

Ele – O mundo?

Ela – Sim, o mundo e uma bela quarta-feira de sol!

Ele – E daí?

Ela – Se você sente que falhou como vendedor, eu fico aqui.

Ele – Fica aqui?

Ela – Sim, eu fico aqui. Daí eu teria tempo para olhar os relógios e escolher um. Quando você voltar, já estarei pronta. Vá aproveitar a quarta-feira de sol.

Ele – A senhora não entende.

Ela – O que eu não entendo?

Ele – A senhora ficar aqui dentro não faz da senhora uma vendedora.

Ela – Mas quem disse que eu quero ser uma vendedora? Eu vim aqui para comprar um relógio.

Ele – Mas, e se aparecer alguém?

Ela – Alguém quem?

Ele – Um cliente.

Ela – Eu sou uma cliente.

Ele – Uma cliente que não consegue escolher!

Ela – Nenhum deles é o meu relógio...

Ele – O seu relógio?

Ela – Sim, o meu relógio.

Ele – É evidente que nenhum deles é o seu relógio, a senhora ainda não comprou. *(pausa)*

Ela – Anda, conte para mim. Você faria o que se saísse daqui agora?

Ele – Eu? O que eu faria se saísse daqui?

Ela – Sim, é uma bela quarta-feira de sol. Por que não vai à praia?

Ele – Eu vou à praia aos domingos, nas horas em que o sol está mais brando e a praia, mais vazia.

Ela – Você gosta de futebol?

Ele – Eu jogo futebol às segundas, às dezoito horas.

Ela – De que time você é?

Ele – Do mesmo que o meu pai.

Ela – Pode ir ao cinema...

Ele – Eu vou ao cinema às sextas-feiras, às vinte horas.

Ela – Espera aí, como pode ir ao cinema sempre às vinte horas?

Ele – Eu vou num cinema aqui perto. Eles sempre têm sessões às vinte horas.

Ela – Vai desacompanhado?

Ele – Sim, eu vou sozinho sempre. Eu saio daqui da loja depois de fazer o fechamento, passo em casa, tomo um banho, me arrumo, como e venho para o cinema. Compro o bilhete e entro. Depois, volto para casa e durmo.

Ela – Qual foi o último filme a que assistiu?

Ele – “A um passo da eternidade”.

Ela – Não conheço.

Ele – Como não conhece? É um clássico! *(pausa)* A senhora deveria vir assistir. É um bom filme. Vi cinco vezes já.

Ela – Deve ser muito bom mesmo. Com tantas opções, você ver o mesmo filme...

Ele – Eu vejo o que eles estão passando. Há cinco semanas eles passam “A um passo da eternidade”.

Ela – Então, se ainda estiver em cartaz esta semana, você vai assistir?

Ele – Sim, não sou muito exigente. *(pausa)* Além disso, sempre reparo num detalhe que não tinha reparado antes.

Ela – Entendo. *(pausa)* Bom, se você não vai ao cinema hoje, pode dar uma volta no parque.

Ele – Eu passeio no parque aos sábados à tarde, com minha namorada.

Ela – Ah, você tem uma namorada...

Ele – Tenho. Ela mora em outra cidade e só pode vir aqui aos sábados.

Ela – E por que você não vai lá?

Ele – Porque ela vem aqui.

Ela – Seus pais ainda são vivos?

Ele – Sim, ainda são vivos.

Ela – Você pode ir visitá-los.

Ele – Eu vejo meus pais nas quintas-feiras à noite.

Ela – Você não tem um amigo?

Ele – Claro! Tenho os amigos do futebol, do pôquer, do congresso de relojoeiros. Aliás, hoje é dia da reunião dos relojoeiros.

Ela – Sobre o que vocês falam?

Ele – Relógios.

Ela – Então por que não vai lá falar sobre relógios como o meu? Quem sabe você não volta com alguma ideia para me ajudar!

Ele – Eu achei que, quando eu voltasse, a senhora já teria se decidido. *(pausa)* Eu não posso ir ao congresso de relojoeiros.

Ela – Por que não?

Ele – Porque o congresso só começa às dezenove e trinta. Eu saio daqui às dezessete, pego a condução, salto dois pontos antes do fim da linha, como um cachorro-quente na barraca em frente ao prédio, vou ao congresso de relojoeiros e depois volto para casa, tomo banho, tomo um leite bem quente, escovo os dentes e durmo. Ah, mas antes eu escuto um pouco a Rádio-relógio.

Ela – Eu também gosto da Rádio-relógio...

Ele – É, é bom saber das curiosidades da vida. Não se sabe quando a gente pode usar uma sabedoria dessas, não é mesmo? *(pausa)* A senhora sabia que a Rádio-relógio é programada muito antes de ir ao ar?

Ela – Não.

Ele – Não é bom? Eu me sinto mais confiante. A rádio nunca vai me causar surpresas. É certa. Imutável!

Ela – Não tinha pensado nisso...

Ele – Por exemplo, é um desperdício todos esses relógios nesta parede. A senhora veja: se as fábricas de relógio concentrassem seus esforços para produzir um único modelo, um único formato, os relógios seriam melhores, quebrariam menos, viriam com menos defeitos. Todo o trabalho estaria voltado para a perfeição deste único modelo de relógio!

Ela – Facilitaria a minha escolha, certamente.

Ele – Eu desafio aquele que conseguir escolher um entre todos esses relógios. Eu desafio aquele que conseguir classificar todos e, entre todas as classificações, qualidades e defeitos, escolher um que supra toda e qualquer necessidade! Não tem! O sujeito vai estar sempre optando por uma ou outra característica, uma em detrimento da outra.

Ela – Você tem razão. Vejo que compreende a natureza da minha dúvida.

Ele – O mundo tem mais escolhas do que as pessoas podem suportar.

Ela – É mesmo. É uma injustiça divina.

Ele – É uma injustiça divina!

Eles se olham num misto de desconforto e reconhecimento. Ela não quer aprofundar a conversa, disfarça.

Ele – Nós somos do tamanho das escolhas que podemos fazer. Lá fora é tudo muito grande, não dá para suportar tantas opções. Não seria bom se o mundo fosse do nosso tamanho?

Ela (*murmura*) – Não sei se ainda tem Rádio-relógio...

Ele – Eu não posso sair, senhora. Se eu for lá fora, eu deixo de ser um vendedor de relógios. Mas, se eu continuar aqui dentro, eu também não sou um vendedor de relógios, pois a senhora me tornou incapaz de vender um relógio. Ou melhor, eu me vi incapaz de convencê-la.

Ela – Eu não ouço a Rádio-relógio faz um bom tempo... Tenho quase certeza de que não existe mais Rádio-relógio. E, se ela não existe mais, ninguém nem chorou a morte dela, a não ser você.

Pequena pausa. Ela se levanta de súbito e tranca a porta. Sem pensar, apenas como reflexo imediato, ele tira a chave das mãos dela e a engole.

Ele – Pronto!

Ela – Você enlouqueceu?

Ele – Agora eu não estou nem dentro nem fora da loja! Se estivesse dentro, poderia sair. Se estivesse fora, poderia entrar. Agora eu não posso nem uma coisa, nem outra!

Ela – Como é??

Ele – Então agora a senhora precisa escolher um relógio. Porque a senhora também não está nem dentro, nem fora.

Ela – O que foi que disse?

Ele – Que a senhora não está nem dentro, nem fora.

Ela – Nem dentro, nem fora de onde?

Ele – Da loja.

Ela – E o que tem isso? Não entendi o raciocínio.

Ele – A senhora precisa escolher o relógio.

Ela – Não. *(pausa)* Se eu não estou nem dentro, nem fora, não tenho qualquer obrigação de escolher.

Ele fica impaciente.

Ela – Olha... Eu poderia escolher o relógio. Mas agora você também não está em lugar algum. Logo, não pode me vender o relógio, mesmo que eu o escolha. *(pausa)* Eu já disse, eu quero um relógio de parede bonito, importante, imponente, todo de madeira, com os ponteiros feitos de prata, uma prata tão prata que brilha no escuro e dá para ver os ponteiros por toda a casa!

Ele – Eu já disse que não temos um relógio assim na loja.

Ela – Por quê?

Ele *(transtornado)* – Não sei, vai ver a fábrica fechou! *(pausa)* Espere aí! A senhora não me disse que queria um relógio com prata tão prata que brilha no escuro e os ponteiros são grandes e dá para ver as horas por toda a casa, me disse que queria um relógio, assim, que marcasse as horas. Pode ver aí, todos eles marcam as horas, todos são tão bonitos e tão importantes e tão imponentes quanto o seu, que quebrou, e são funcionais. Ainda por cima, a senhora vai saber as horas com qualquer um deles, independentemente de brilharem no escuro ou não. Se bem que temos aquele modelo alemão ali que brilha no escuro... Os ponteiros são acobreados. *(ela olha com desconfiança)* Alemanha, Suíça, é tudo quase a mesma coisa... É tudo na Europa! *(pausa)* São só países. São só relógios. Qualquer um serve.

Ela – Eu não quero qualquer um. Quero o meu relógio. *(pausa)* Não se fazem mais relógios como antigamente! Não se fazem mais vendedores de relógios como antigamente!

Eles se sentam, cansados.

Ele *(colocando-se em ordem)* – Das nove às cinco eu vendo relógios.

Ela – Não disse que éramos muito parecidos? Está aí! Provado!

Ele – Eu não me pareço com a senhora... Graças a Deus!

Ela *(ofendida)* *(crescendo)* – Ah, não? Qual é o prazer de ver o mesmo filme cinco semanas seguidas? Com que critério você escolheu seu time de futebol? Entre a loira e a morena? Qual delas? Das nove às cinco? O que o mundo está fazendo a esta hora? O que o mundo faria das nove às cinco se pudesse optar, escolher? E você, o que faria? Saia agora! Saia sem que eu mande! Saia simplesmente por sair, saia porque você quer sair, porque você escolheu, porque você é capaz de assumir as responsabilidades por suas escolhas. Saia por culpa sua!

Ele – Eu não posso!

Ouvem-se batidas na porta de vidro. Eles olham para a frente da loja. Um homem está batendo. Ela se espanta. Ele se desespera.

Ele (*fala para a frente, respondendo ao homem que, provavelmente, está fazendo sinais de fora da loja*) – Não, senhor. Não estamos abertos. Não, estamos abertos, sim, mas agora, neste momento, estamos com as portas fechadas. Não, esta loja não fecha para o almoço. Mas... Desculpe, senhor. Não posso fazer nada... (*ela repete: “Nada!”*) O senhor pode voltar outra hora? (*ele vê o homem ir embora*) Ei, senhor... Espere! Volte depois! (*ele cai sobre a cadeira, desolado*)

Ela – Que homem mais nervoso... Existem umas pessoas tão nervosas, tão apressadas, imagino que elas não assimilam nada por quererem assimilar tudo a toda hora e sempre mais rápido, e mais rápido.

Ele – Por favor, fique em silêncio, senhora, para que eu também não fique nervoso com a senhora.

Ela – Comigo? Era só o que faltava!

Ele (*explode*) – A culpa é toda sua! Por que a senhora tinha que aparecer aqui, hoje? O que a senhora quer, afinal de contas? Eu não quero mais a senhora perto de mim! Não quero mais nada disso perto de mim! Não quero mais ser um vendedor de relógios! Não quero mais ajudá-la a escolher um relógio! Não quero mais ter que querer nada! Eu só queria fazer o que tinha que ser feito. Só isso. Não queria nada além disso. Eu quero sair daqui!

Ela – Você podia ter saído enquanto era tempo.

Soam os sinos.

Ele – Que horas são?

Ela – Por que você sempre pergunta as horas?

Ele – Costume...

Ela – Costume... (*relembra*) Eu também tinha o costume de olhar as horas, no meu antigo relógio de parede. E as horas tinham o costume de olhar para mim. Depois perdemos o costume. O meu relógio também perdeu o costume. Ou então nós é que nos acostumamos com o tempo que passava por nós, ou sobre nós, ou sem nós... É possível se acostumar com muitas coisas. Com tudo, praticamente. Me acostumei a ter um relógio na parede, marcando as mesmas horas. Sempre as mesmas doze horas. E, ao mesmo tempo, doze novas horas. O relógio corria e eu corria com ele. Depois, acho que ambos paramos. Esta semana vieram fazer a

coleta da caixinha da minha rua para pintar as fachadas das casas. De dez em dez anos pintam de uma só vez todas as casas com cores coloridas, harmônicas, alegres. Dez anos. E sabe o que eu notei, acho que pela primeira vez? Que tudo estava diferente. Eu também estava diferente, mas a rua... Muros, asfalto, semáforos, fios subterrâneos, árvores cortadas, árvores plantadas. A rua fazia tic-tac e o meu relógio, não. E eu estava quebrada também. Por isso tenho urgência. Tenho urgência em comprar doze novas horas. Eu preciso de doze novas horas. E vinte e quatro, trinta e seis, quarenta e oito... Não quero passar mais dez anos sem olhar para as coisas com surpresa, espanto e admiração. Não me interessa se é a fachada da rua, se são as árvores cortadas, os semáforos. Eu quero fazer tic-tac. Eu preciso soar. Eu preciso de um novo relógio.

Ele – Um novo relógio antigo.

Ela – Perdão?

Ele – Por que a senhora quer um relógio igual ao que quebrou?

Ela se levanta de repente e tenta abrir a porta.

Ela – Droga! (*pausa; volta para perto dele; chuta alguns dos objetos que estão no chão. Tira os óculos escuros e coloca-os em cima do balcão*) Não foi você quem veio com todo um discurso de aperfeiçoarem um único modelo de relógio? Então o que tem de errado em eu querer um modelo igual ao meu, que quebrou? Não me julgue, rapaz.

Toca o telefone. Insiste. Para de tocar. Pausa curta. Volta a tocar novamente.

Ele – Merda!

Ela – Você não vai atender ao telefone?

Ele – É o meu chefe.

Ela – Como você sabe?

O telefone para de tocar.

Ele – Está na hora de ele me render, para eu ir almoçar. Ele sempre liga, diz a hora exata a que chegará, explica o porquê da demora e vem me render.

Ela – Então atenda e diga a ele para trazer um chaveiro.

Ele – Não!

Ela – Você não quer sair daqui?

O telefone volta a tocar. Ele se levanta e caminha lentamente em direção ao telefone.

Ele (*atende*) – Alô. Sim, senhor. Não pude. Meia hora? Está certo. Você conhece um chaveiro? Para nada. Curiosidade. Então tá. Até. (*desliga*)

Ficam os dois sentados de frente para a porta de vidro.

Ela – Já pensou em quebrar a porta?

Ele – Como assim, quebrar a porta?

Ela – Quebrar a porta, ué. Resolveria todos os nossos problemas. Eu não precisaria mais comprar um relógio e você não precisaria mais me vender um. Você poderia continuar com a sua rotinazinha chinfrim. E eu, com a minha. Você, depois, sairia daqui para o congresso de relojoeiros ou o pôquer ou o encontro com a namorada ou qualquer coisa que o valha. E eu...

Ele – E a senhora...

Ela – E eu continuaria sendo eu, a dona de um relógio quebrado há dez anos. Que tal?

Ela fala bem calmamente, complacente, como se fosse o dono de uma sabedoria ancestral.

Ele – Se a senhora pensa que bastaria quebrar a porta para nossos problemas estarem acabados, está enganada. (*pausa*) Antes de tudo, quem é que ia arcar com o prejuízo? Euzinho. Direto do meu bolso. E, segundo, não acho que quebrar o vidro ia automaticamente consumir as nossas responsabilidades.

Ela – Eu não tenho responsabilidade alguma. Sou dona de um relógio quebrado.

Ele – A senhora é responsável por mim e pela senhora a partir do momento em que entrou por essa porta de vidro. A senhora me deve alguma coisa.

Ela olha com cara de espanto.

Ele – Se não me deve dinheiro, pelo menos me deve satisfações. Ou desculpas. Ou pelo menos um “boa tarde”. Depois que a senhora entrou aqui, não tem como fingirmos que um não existe para o outro. Não posso fingir que não vejo a senhora, que a senhora não está aqui, que a sua figura não me incomoda. Bem que eu queria que fosse só eu e os relógios e seus badalos badalando, mas eu não posso. Eu me acostumei com a música deles e... E, quando, a senhora entrou, começou a tocar outra coisa.

Ela – Como é, você se incomoda com a minha figura?

Ele – A senhora não reparou que está meio silencioso? A senhora não ouve o som das nossas respirações? Cadê o barulho dos carros, as buzinas, as pessoas gritando, o apito do guarda, o carrinho de pipoca, cadê

os barulhos peculiares que a gente nem ouve mais? *(pausa; ele caminha pela loja, dando voltas, toca os relógios embasbacado, até parar em um deles, que toca de um jeito mais detalhista)* Ele está parado.

Ela – Hã?

Ele – Ele parou. *(pânico)* E agora? Ele parou! Eu vou ter que consertar! Vou ter que chamar a assistência! Ai... *(procurando no meio de uma papelada)* Onde foi que eu anotei o telefone da assistência? Era um catálogo... Páginas amarelas... Não tinha o telefone deles e eu anotei e marquei a página com uma orelha... Será que eu joguei fora? Ai, será? Será que foi isso? Será que chegou o catálogo novo? Quando foi a última vez que eles vieram aqui, hein? Ai, e quem vai pagar? Sou eu, é claro que vou ser eu, não tem jeito. Vou ter que tirar o prejuízo do meu bolso... E agora? Ele já vai chegar, como eu vou consertar o relógio antes de ele chegar, como? Não vai dar tempo, claro, claro, eu vou é perder o meu emprego, e aí, e aí? Eu vou fazer o quê? Hein? Aí... *(ela interrompe)*

Ela – Não foi culpa sua o relógio ter parado.

Ele – Aí, aí eu não vou poder mais ir ao congresso de relojoeiros, aí eu não vou ser mais vendedor, nem vou virar relojoeiro, nem vou ter dinheiro para as minhas coisas, para o pôquer, o cinema, os encontros com minha namorada, não vou poder ajudar meus pais, vou ficar sem luz, sem água, sem casa! É isso aí! Eu vou ter que morar na rua e virar mendigo e pedir esmolas e catar lixo para sobreviver, porque nem sobras eu vou encontrar, ninguém vai me ajudar, nem, nem... *(pausa; ele gira novamente pela loja, aterrorizado, roda em volta de si mesmo e cai no chão, tonto. Ela se aproxima dele, quer ajudar, mas só atrapalha)* A senhora viu?

Ela – Eu vi o quê?

Ele – A senhora viu? Olha... Olha!!! Estão todos parados, todos parados, todos eles, todos... *(ele continua murmurando variantes dessa frase enquanto ela vai investigar a loja, toca os relógios, segue o percurso que ele seguiu)*

Ela – Você ficou louco?! Claro que estão funcionando! Os ponteiros estão se mexendo!

Ele – Estão se mexendo, mas não estão indo para lugar algum...

Ela – Eu não consigo notar.

Ele – O tempo parou.

Ela – Não é possível.

Ele – O tempo está parado. As horas não passam.

Ela – Não... Impossível. Pode ser que as horas não estejam sendo contadas, talvez... Mas o tempo independe. Continua passando. *(pausa)* Não, não estão parados, você está enganado, estão todos funcionando, todos, todos, quer dizer, exceto esse aqui, com o cuco do lado de fora, acho que é esse que você falou que tem que consertar, e o barulho, nossa, o barulho é ensurdecedor! De onde você tirou essa de silêncio? E o som das nossas respirações? Hein? Está maluco? Acho que você passa tempo demais aqui dentro, rapaz, está ouvindo coisas... Ou não ouvindo, talvez.

Ele *(gaqueja)* – Será?

Ela – Você é quem não vê! Que diferença faz os relógios estarem parados ou não? Hein?! Me diga que diferença faz! O tempo continua passando independentemente de os relógios estarem parados ou não. Atrasados ou não. Não faz diferença alguma! Ele é implacável. Esse é o trabalho dele: passar! Você não vê? *(ele não responde)* Eu estou ficando louca aqui dentro, surda aqui dentro, oca aqui dentro, eu olho para essas paredes, eles todos fazendo barulho, cucos, tic-tacs, sons estrangeiros, zumbidos, vibrações, eles só me lembram do tempo que passa, do tempo que marca, lá fora deve ser o que, meio-dia e meia? E aqui dentro? Que horas são? Que horas são aqui dentro?

Ele – Eu não sei. Não sou eu quem sempre pergunta as horas?

Ela – Mesmo cercado de relógios.

Ele – Costume.

Ela – É, costume. Fazer o quê?

Ele se levanta do chão, vai até a parte de trás da loja e traz um taco de madeira. Começa a quebrar cada relógio. Começa devagar. Ela se assusta de primeira, mas depois observa apenas, não tenta impedir. Ele vai quebrando um por um, numa crescente de fúria. Ele grita, ele sua, cospe, é quase uma epifania. Até o último relógio.

Pausa.

Batidas na porta da frente. Chega o chefe.

Ele *(fala com alguém lá fora)* – Só um minuto. Não é possível entrar. O quê? Não dá para ouvir!

Ela – Ele perguntou pela chave.

Ele *(ainda à porta)* – Não está na porta. Não posso sair. Estamos presos. Presos, não. Estamos trancados.

Ela – Não é a mesma coisa? *(observa)* Ele está ficando vermelho.

Ele *(na mesma)* – O quê? Estamos com um problema aqui. Eu não posso fazer nada. Não tem saída. *(para Ela)* Diga alguma coisa.

Ela – O que quer que eu diga? Os relógios, segundo você, não andam; a porta está trancada; você engoliu a chave; e eu não consegui comprar nada desde a manhã. Que horas são?

Ele Hã?! *(baixa os olhos)* – Estou perdido! Estou perdido! *(levanta os olhos)* Onde ele foi?

Ela – Quem?

Ele – Meu chefe. Não está mais ali.

Ela – Talvez tenha ido buscar ajuda, um chaveiro.

Ele – Talvez não. Talvez tenha ido chamar a polícia, ou a defesa civil, ou o corpo de bombeiros, ou simplesmente tenha saído a xingar pela rua, espumando de raiva sem conseguir pensar numa forma de me entender. E nada vá fazer realmente.

Ela – Esta talvez seja a solução mais coerente.

Ele – Deixar-nos aqui?

Ela – Coerente conosco, pelo menos...

Ele – E o que vou fazer com estes relógios quebrados?

Ela – Não se pode consertar o tempo... o tempo todo. *(pausa)* Mas do que adiantaria? *(olha os pedaços dos relógios)* No que isso fez diferença?

Ele – Agora eles têm um motivo para não quererem passar o tempo! *(pausa)* Não sou mais um vendedor de relógios porque não existem mais relógios para vender.

Ela – Entendo.

Ele – Nem a senhora tem a obrigação de comprar um relógio por estar aqui dentro.

Ela – De fato.

Ele – Para falar a verdade, só agora as horas passaram a correr.

Ela – Por quê?

Ele – Porque não podem ser medidas.

Ela se levanta e começa a escolher os cacos do chão, cata-os como se fossem pedras, conchas, como se fossem interessantes. Vai colocando dentro da bolsa. Guarda também alguns objetos que tinha jogado no chão. Pega uma

vassoura no fundo da loja. Começa a varrer o lixo que restou. Senta-se novamente. Enquanto isso, ele espana as prateleiras, arruma o balcão. Anota alguma coisa no caderno preto. Ela vai para trás do balcão e tenta ler o que ele escreve por cima de seus ombros. Ele fecha o caderno e o guarda na gaveta.

Ela – O sentido para eu estar aqui dentro se perdeu.

Ele – Não vejo diferença entre aqui e lá fora.

Ela – Não tenho mais que comprar nada.

Ele – Sim. É libertador não ter que vender nada à senhora.

Ela senta-se e retorna à bolsa, colocando-a no colo com carinho.

Ele – E essa bolsa?

Ela – O que tem?

Ele – Por que carrega um monte de coisas sem importância?

Ela não responde.

Ele (incomodado) – Será que podemos ficar uns minutos sem fazer perguntas que não são respondidas?

Ela – Comece por você...

Pausa.

Ele – Será que ele volta?

Ela – Você disse “sem perguntas”.

Ele – Será que ele volta?

Ela – É possível. (ri)

Ele – Do que está rindo?

Ela – Tem um menino na porta da loja fazendo umas caretas tão engraçadas. (olha para fora)

Ele (volta-se para a porta e se surpreende) – Quem é aquele?

Ela – O seu patrão, ora. Voltou.

Ele – Não, do lado dele.

Ela – Um policial?

Ele – Meu Deus, estou perdido, estou ferrado, estou fodido!

Ela – Não! Acho que ele vai abrir a porta.

Ele – Continuo fodido! Olhe para essa loja! Nem que eu trabalhe dez anos vou conseguir pagar tudo!

Ela – Não seja exagerado... *(faz sinais para fora como que para incentivar a abertura da porta)*

Ele *(coloca-se na frente da mulher e faz sinais para eles irem embora)* – Não, não, agora não!

Ela – O que você está fazendo?

Ele – Ganhando tempo. Preciso pensar no que vou dizer ao meu chefe e à polícia.

Ela – Diga o que aconteceu.

Ele – Preciso de tempo.

Ela – Sempre...

Eles ficam observando o exterior da loja.

Ele – Graças a Deus! *(ele senta-se, aliviado)*

Ela – E agora, senhor vendedor de relógios? Estamos trancados no tempo e no espaço!

Ele – Não foi você quem disse que não se pode trancar o tempo?

Ela – Podemos nos trancar no tempo... *(pausa; torna a rir)* Veja o menino que está naquele canto da porta. Faz uns bons minutos que ele está ali, fazendo careta para nós. E nós não estamos rindo. Acho que ele próprio se ri de suas caretas e não interessa mais se estamos aqui. Ele vai continuar com suas caretas, rindo-se todo.

Ele *(com o pensamento longe)* – É...

Ela *(olha para fora)* – Hã? *(para Ele)* Olhe.

Ele *(virando-se também)* – O que é isso?

Ela – Mais dois policiais.

Ele – Para abrir uma porta? Por que não trouxeram um chaveiro?

Ela *(para fora)* – O quê? Não dá para ouvir direito...

Ele *(para fora)* – Onde está meu chefe? Por que não estão com ele?

Ela – Eles não estão com boas caras.

Ele – E se eles pensarem que estamos roubando a loja?

Ela – Não tem cabimento um pensamento desses!

Ele – Você é que pensa...

Ela (*assusta-se e força o olhar ao longe*) – Você viu?

Ele – O quê?

Ela – Um homem passando escondido do outro lado da rua.

Ele – Não vi.

Ela – Cadê o menino?

Ele – Quem?

Ela – O menino das caretas. Se foi.

Ouve-se uma sirene ao longe.

Ele – Será que eles foram chamar os bombeiros?

Ela – Talvez...

Ele – Ou mais reforços policiais, ou uma ambulância...

Ela – Pode ser. Pode ser tudo isso, ou apenas uma das opções. Como vamos saber?

Retorna a sirene. Mais alta, desta vez.

Ela – Mas o que é esse barulho todo?

Toca o telefone. Tempo.

Ele – Não vamos atender. Pode realmente ser alguém.

Ela (*ficando apreensiva*) – E o que vamos fazer?

Ele – Nada. Por enquanto.

Ela (*assusta-se*) – Deve ser só impressão, mas estou vendo mais movimento na porta da loja.

Ele – É verdade. Que horas são?

Ela – Não sei...

Ele (*interrompe*) – Não precisa...

Ela – Tem gente demais na porta! Gente demais!

Novas sirenes.

Ele (*intrigado, observa e procura*) – Olha, tem um homem ali tirando fotos. É isso? É! Tem um homem tirando fotos!

Ela – Meu Deus, veja daquele lado, tem uns dez policiais se aproximando!

Ele – Santo Pai, eles acham que nós roubamos a loja... Tenho certeza! Eles querem nos prender, como marginais! (*ele anda de um lado para o outro*)

Ela – Ou querem nos tirar daqui apenas. Nos salvar de nós mesmos.

Ele – Olhe como o homem com a máquina se aproxima de nós.

Ela – Ao menos, não está mais escondido. (*ela olha para um canto da porta*) Olhe, o pequeno voltou. (*fala para a porta*) Que lindo balão de gás! (*ela para.*) Não é a minha foto?!

Ele – Onde?

Ela – No balão de gás! O que a minha foto está fazendo no balão de gás do menino que fazia caretas? Por que estão tirando fotos de nós? Por que há homens vestidos para a guerra do outro lado da rua, fingindo se esconder? O que está havendo?

Ele – Calma. Deve ser um engano.

Grande barulho lá fora.

Ela (*agita-se*) – Quero sair! Quero sair daqui!

Ele – Por quê?

Ela – Não estou bem.

Ele – Espere. Olhe lá para fora. Lá não está calmo.

Ela – Não, não está.

Ele – Sente-se aqui. Sente-se. Vamos esperar.

Ele coloca a cadeira virada de costas para a porta de vidro. Aumentam os sons. Ouve-se uma voz de megafone.

Voz – Saiam com as mãos para cima! Saiam devagar! Vocês estão cercados!

Ela (*de costas*) – Com quem eles estão falando?

Ele – Não faço ideia.

Ela – Não vire a cadeira.

Voz – Vamos entrar em um acordo! Não queremos machucar ninguém!

Ele – Não se mexa.

Ela – Com quem ele está falando? Conosco?

Ele – Não sei. Não quero virar.

Ela – Não podemos.

Ele – Não podemos.

Ela – Quer tentar?

Ele – Você quer?

Ela – Não.

Ele – Nem eu.

Voz – Saiam imediatamente! Soltem os reféns ou vamos abrir fogo!

Os dois se levantam com as mãos para o alto e falam ao mesmo tempo.

Ele (*gagueja*) – Eu, eu não fiz nada! Eu só quebrei os relógios! Não sou um criminoso! Eu não sequestrei ninguém! Ela que trancou a gente aqui! Não somos reféns! Estamos aqui por nossa própria vontade!

Ela (*gagueja*) – Eu, eu não fiz nada! Ele que quebrou os relógios! Não sou uma criminoso! Eu não sequestrei ninguém! Eu só tranquei a gente aqui! Não temos reféns! Estamos aqui porque ele engoliu a chave!

Olham-se e fazem uma pausa.

Ela – Abaixе esse braço. É ridículo.

Ele – Olhe para você.

Os dois abaixam os braços.

Ela – Que cheiro é esse?

Ele (*vira-se para a porta*) – É um pipoqueiro que está na porta.

Ela – Eu não quero mais... Não quero...

Ele – Olhe lá... Mais crianças com balões...

Ela – Tem um sujeito com uma foto sua estampada na camiseta...

Ele – Onde?

Ela – Não sei mais o que pensar.

O barulho no exterior da loja aumenta. Ouve-se muita gente falando. Som de música ao longe. Passos agitados. Som de multidão.

Ele (*torna a virar*) – Tem tanta gente que não posso contar.

Ela (*esconde-se*) – Quero ficar aqui, para sempre.

Ele – Vamos ficar muito quietos, até tudo passar.

Ela – Eu desconheço o que está acontecendo.

Ele – Eu também, senhora.

Ela – Para que sair? Em qualquer dia? A rua não é a mesma, as pessoas também não, e o único rosto conhecido desapareceu. Vamos ficar aqui para sempre?

Ele – Para sempre é muito tempo.

Ela – Não importa. Não temos mais relógios para marcar. E meu rosto não me pertence mais, vai ficar grudado num maldito balão de gás...

Ele – Querem se lembrar de nós, talvez... Ter a certeza de que existimos.

Ela – Eu não quero ser lembrada... É muita responsabilidade.

Ele (*torna a olhar para fora*) – O mundo inteiro está lá fora neste momento.

Ela – Não quero o mundo, é muita coisa para mim. Não saio nem morta.

Ele – Vamos ficar quietos, então.

Ela – Vamos. Bem quietos.

Todo este texto veio crescendo conforme cresciam os sons no exterior da loja. Agora, só se ouvem sons de vozes, pés, sirenes, máquinas e flashes, risos e burburinho. Eles vão se encolhendo atrás da cadeira da loja.

Ela – Há quanto tempo estamos aqui? Dias, talvez. Semanas. Ou desde o tempo que a Rádio-relógio terminou. Não sei.

Ele – Não estamos aqui há dias. O meu chefe só telefonou uma única vez.

Ela – Aqui dentro parece ter passado mais tempo.

Ele – Agora você entende como me sinto?

Ela – Somos personagens de uma tragédia sem termos sido convidados para encená-la.

Ele – Ou isso. *(pausa; olha para frente)* Não entendo o que essas pessoas todas... Veja quantas! Por que estão aqui? Por que escolheram estar aqui?

Ela – Como se fôssemos uma atração, um evento, uma ameaça, uma diversão...

Ouve-se forte barulho de colisão. O barulho lá fora aumenta furiosamente e, aos poucos, diminui até cessar de todo. Silêncio.

Ele se levanta. Ela vem atrás.

Ele – Está tudo calmo novamente.

Ela – Quem sabe?

Ele – Não vejo mais nada.

Ela – Quem garante?

Ele – Está tudo igual.

Ela – Não, não está.

Ele – Claro que está, nem parece que há pouco tempo isto estava cheio de ruídos e pessoas.

Ela – Não está tudo igual.

Ele – Está tudo exatamente como antes, igual.

Ela – Não está tudo igual.

Pausa.

Ele – Tem razão. Não está tudo igual.

Ela – Pelo menos agora nós temos o silêncio. *(pausa)* E todo o tempo do mundo.

Ele pega um rádio-relógio no fundo da loja. Liga na tomada. Sintoniza na Rádio-relógio, que transmite uma curiosidade qualquer. Eles se olham. Se abraçam, se tocam e se põem a dançar e chorar. A luz cai em resistência.

FIM.

PARANÁ

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Alan Norões

Personagens

Barão

Baronesa

Duque

Duquesa

Visconde de Mataburros

Viscondessa de Mataburros

Jovem

Imperador

Princesa

Garçom

Chilenos

Nobres da Corte

Salão decorado. Som ambiente de vozes conversando e talheres tilintando. O Garçom anda de um lado a outro oferecendo comens e bebes numa bandeja. Confabulando em quarteto, estão o Barão e sua respectiva Baronesa, o Duque e sua respectiva Duquesa.

Baronesa – Os senhores, por acaso, já repararam que a Viscondessa de Mataburros é uma porca?

Barão – Baronesa!

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Duquesa – Que perversidade deliciosa!

Duque – A Viscondessa de Mataburros era realmente uma mulher muito bonita quando jovem, mas agora que envelheceu decaiu de modo nunca antes visto na história do Império.

Barão – Cumprimentei-a minutos atrás e me pareceu ainda uma mulher formidável, de particular perspicácia. Além disso, foi impecável em sua toalete nesta noite.

Baronesa – Acho que os senhores não me compreenderam.

Barão – Compreendemos que a senhora poderia guardar seus comentários maldosos para outra ocasião.

Baronesa – Mas é uma porca!

Duque – A Baronesa tem o frescor da espontaneidade.

Duquesa – Toda criatura plena, como eu, diz a verdade de um jeito bem espontâneo.

Barão – Como eu ia dizendo, minhas extensas propriedades/

Baronesa – Inacreditável que tenham dado o título de nobreza a uma porca!

Duque – A senhora tem um dom! O dom tremendo do absurdo, Baronesa!

Baronesa – A isso se chama simplesmente realidade. Por isso nem quero imaginar como deve ter sido a cerimônia de investidura!

Duquesa – Duque, precisamos apresentá-la à marquesa de Abaporu, que também fala com espíritos.

Barão – Ela está precisada mesmo de amigas como a senhora.

Baronesa – Agora uma pergunta muito desesperadora: terá sido sempre uma porca? Ou é coisa que pode dar-se com o tempo?

Barão – Deixe os devaneios pelo menos para a madrugada.

Duque – A má essência já se vê no berço. Não que esse seja propriamente o caso da Viscondessa.

Duquesa – Ouvi de muitos que a casa deles em Petrópolis é um mausoléu. Fúnebre. E vive cheia de marechais.

Barão – A beleza excessiva do banquete está provocando alucinações. Não há outra explicação.

Baronesa – Ora, tem focinho, tem orelha pontiaguda, tem quatro patas e agora está mordendo a saia da marquesa de Paranaguá: é uma porca!

Barão – Vexame logo no baile! (ao Duque) Puxou à mãe: enfática.

Baronesa – Doutos, mas anestesiados! A Duquesa, que é minha mais nova grande amiga, deve concordar comigo integralmente, não é?

Duquesa – Como é que posso dizer? Estive com a Viscondessa de Mataburros em dois ou três *rendez-vous*. Não mais. Isto posto, talvez eu precise olhar mais algumas vezes para ter a certeza.

Baronesa – Pois olhe, olhe. Nem é preciso tanto cuidado. Apenas olhe.

A Duquesa tira o lornhão da bolsinha e observa os convidados.

Duque – Quem sabe a senhora queira beber alguma outra coisa. Será que o moscatel lhe caiu bem?

Barão – O moscatel que ela bebeu está causando uma indigestão. Em mim.

O Garçom entra com bandeja e taças.

Garçom – *Sherry!*

Duque – Veio. Um *sherry* para a senhora.

Baronesa – Obrigada.

O Garçom distribui as taças. Todos aceitam. E o Garçom se vai.

Baronesa (à Duquesa) – Viu?

Duquesa – Acho que ela sumiu.

Baronesa – Também não estou conseguindo encontrá-la.

Duque – O Visconde de Mataburros está ali/

Barão – E aparentemente não é um porco. De onde você tirou isso, Baronesa?

Baronesa – O Visconde de Mataburros – como é possível que os senhores não enxerguem? – é um tamanduá-bandeira!

A Duquesa não se controla e dá uma gargalhada tão estridente que ela mesma se assusta. As conversas se intercalam.

Duque (à Duquesa) – Pensando bem, ele tem mesmo um cara compridíssima.

Duquesa – A língua encosta no joelho.

Baronesa (ao Barão) – Você, que trata as mulheres como se ainda vivêssemos no século passado, acha que eu não leio os jornais?

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Duquesa – O cruzamento de um tamanduá-bandeira com uma porca dá que tipo de animal?

Duque – Brasileiro?

Baronesa – Eu sei de tudo o que se passa na corte. Sei o que está para acontecer. E estou descobrindo quem é essa gente. Essa festa não é apenas animada, é perigosa.

Barão – Sabe errado, porque os diários trabalham contra o Império. Por isso você está espalhando essas sandices.

Duque (*ao Barão*) – A Baronesa é muito espirituosa. Em que buraco os senhores estiveram que não a conheci antes? Deixe que ela se inspire nos jornais! Por favor!

Barão – Não se pode descansar, pelo bem da pátria. Permite-se um tico, e daqui a pouco estamos com a casa ocupada.

Duque – Não vai a tanto. E também o casal de Mataburros não anda mesmo bem falado.

Baronesa – Claro, o Visconde coloca a língua em qualquer formigueiro.

Duque – Bem, talvez não fosse exatamente a metáfora que eu estava procurando.

Barão – Permita ao Duque terminar, Baronesa.

Baronesa (*à Duquesa*) – Fique atenta porque a Viscondessa volta já.

A Baronesa pega na mão da Duquesa e põe-se junto dela, à espera. As conversas se intercalam.

Baronesa – Que mão fria!

Duque (*ao Barão*) – Digamos que/

Duquesa – É ouro.

Duque – /o Visconde de Mataburros fez maus negócios. Tentou comprar o Chile.

Baronesa – Uma mão de ouro?

Barão – O país?

Duquesa – Duas. (*mostrando*) E um dente também. Não me pergunte.

Duque – Precisamente.

Baronesa – Preciso perguntar: por quê?

Barão – E conseguiu?

Duquesa – Eu respondo. Fui atacada por uma onça quando era pequena.

Duque – Claro. Mas são cinquenta hectares. Perto de Goiás.

Baronesa – Meu Deus!

Barão – Ele acreditou que é possível comprar o Chile!

Duquesa – Sobrevivi. O Duque é pior.

Duque – Mas é! Todos aqui nesta festa querem comprar o Chile. Estamos num encontro de negócios!

O Garçom entra com bandeja e taças.

Garçom – Málaga!

Duque – E dizem da Viscondessa também.

O Garçom distribui as taças. Todos aceitam. E o Garçom se vai.

Barão – O quê?

Duquesa – Voltou!

Duque – Que as viagens que ela faz só com o irmão, no fim do ano, nunca são para visitar a mãe na Argentina.

Baronesa – Não é uma leitoa? Confirme!

Barão – E para onde?

Duquesa (com o lornhão) – Derrubou a bandeja! Quem é aquela dama que está do lado dela?

Duque – Enchem um navio com índios coletados ao longo do rio Amazonas e partem de Belém para o meio do mar.

Baronesa – Quem? A cacatua?

Barão – E então?

Duquesa – Que cacatua? Ela está falando alemão.

Duque – Depois de um ritual de asseio, chupa os dedões de todos os índios.

Baronesa – Diga logo a todo mundo que a senhora viu a leitoa. E a cacatua. E o tamanduá-bandeira.

Barão – Tão longe para chupar dedões? O Rio de Janeiro está cheio de índio. O sabor da excentricidade é único, não é?

Duquesa – Meu problema talvez seja no direito.

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

A Duquesa guarda o lornhão e tira o olho direito da órbita, soprando e limpando na roupa. A Baronesa se assusta.

Duquesa – Diamante! Não desviei do galho a tempo.

A Duquesa repõe o olho de diamante. O Garçom entra com bandeja e taças.

Garçom – Champanhe!

Duquesa (*precipitando-se ao Garçom*) – Delícia de festa! Estou muito animada!

O Garçom distribui as taças. Todos aceitam. E o Garçom se vai.

Duque (*ao Barão*) – Preciso ainda investigar essa informação, mas me parece verdadeira pelo contexto.

Baronesa – A senhora não tem secretária?

Barão – A corte é prenhe/

Duquesa – São anãs.

Barão – /de tantas histórias incríveis! Ficamos assim maravilhados!

Duquesa (*com o lornhão*) – Eu diria que há uma porca, uma cacatua, um tamanduá-bandeira. Pronto. Mas não comente nada com o Duque.

Baronesa (*aos outros*) – A Duquesa acaba de confirmar que viu os animais.

Duque – A Duquesa não viu nada. A Duquesa é cega.

Duquesa – Que exagero! Meu olho de diamante enxerga muito bem. O problema é o outro.

Barão – Baronesa, você está importunando os comensais. É gente que não pode ser incomodada. Vieram para se divertir, para ver o Imperador. Aí uma mulher petulante aparece querendo dizer coisas.

Duque – Imagine, Barão! Ela está sendo a luz e a alegria da festa!

Duquesa – É, mas fala muito.

O Garçom entra com bandeja e copinhos preenchidos de líquidos em diferentes cores.

Garçom – *Liqueurs assorties!*

Baronesa (*ao Barão*) – Esses cortesãos desprezíveis acham que vão nos enganar?

Duque – Baronesa! Licor, licor! Baronesa!

Barão – É nosso debute. Pelo amor de Santo Cristo! Não é demais da sua parte? O fígado não apodrece se você fingir durante uma noite. Encha a boca de bebida pra não falar.

O Garçom distribui os copinhos. O Duque entrega à Baronesa. O Garçom tenta sair, mas a Baronesa fica no caminho.

Baronesa – Antes de o senhor ir, me responda: ali é uma porca e do lado dela um tamanduá-bandeira?

O Garçom ri, desvia-se e sai.

Baronesa – Ele riu, ele riu!

Barão – Óbvio. Está achando-a completamente destemperada. A senhora está sendo humilhada até mesmo pelos serviços!

Duque – Conte-nos uma história, Baronesa.

Duquesa – Isso. Uma história divertida e breve. Quando servem o jantar?

Duque – Depois que eles nos entretiverem com um causo, algo pitoresco da sua terra. Os senhores vêm do mato, não é? São famílias de pobretões que antes não tinham nada, e agora os senhores podem andar entre a gente de bem.

Barão – Mato. Que espírito! Gente de bem. Que chiste de uma grandeza penetrante!

Baronesa – A propósito, eu tenho uma história, sim. Do primeiro dia em que fui ao zoológico. A porca está vindo!

Eles olham, se recompõem. O Barão dá o braço à Baronesa, contra a vontade dela. Entram um porco, roncando, e uma cacatua, grasnando: a Viscondessa de Mataburros e a jovem – que não param de se locomover enquanto os outros vão atrás deles. A Duquesa se acocora para dar-lhe um daqueles beijos falsos, que estalam a metros de distância. O Duque se deita para beijar a mão da Viscondessa. Volta limpando, discretamente num lenço que tira do bolso, a boca agora suja. As conversas se intercalam.

Duquesa – Amiga, que bom revê-la!

Baronesa – Ela se acocorou; ele se deitou.

Duque – Nossa cozinheira/

Barão – Última moda em Paris.

Duque – /sempre pergunta quando a Viscondessa vai nos visitar de novo para fazer aquele *crème brulée* que a senhora adora.

A Viscondessa ronca. Duque e Duquesa gargalham.

Duque – Claro, aquela sua viagensinha costumeira de Natal, não é?

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Duque e Barão se entreolham, cúmplices.

Baronesa – Só se acocora quem fala com criança e bicho.

Duquesa – A senhora já conhece os novos? Vieram de/ De onde os senhores são mesmo? Enfim, têm um perfume saboroso de novidade. Não quer experimentar? São hilários!

A Viscondessa ronca. Duque e Duquesa gargalham.

Barão – Na verdade, há pouco tempo, tive a felicidade de receber dessa grande dama o calor de sua inteligência fulgurante; mas, pelo visto, a Baronesa estava distraída, como sempre.

Baronesa – Meu encantamento, Viscondessa, só não é maior do que a minha curiosidade.

Duque, Duquesa e Barão se crispam, como se esperassem o pior. A Viscondessa ronca.

Duquesa – Viscondessa, apresente-nos sua convidada, a alemãzinha.

Barão – Viscondessa, a senhora não gostaria de dançar?

Duque – Viscondessa, recomendo que a senhora prove o *clicquot*. Estava muito especial.

A Viscondessa ronca.

Baronesa – Viram? Ela quer saber o alvo do meu interesse. Vamos agora frustrar o desejo das pessoas? Pois bem. A senhora/

O Garçom entra com bandeja e taças.

Garçom – *Lait d’amandes à la vanille!*

O anúncio do Garçom cobre a fala da Baronesa. Todos, menos ela, avançam para pegar as bebidas.

Duquesa – Graças a Deus uma bebida para aplacar a sede. (*abanando-se*) Um forno!

A Viscondessa ronca. O Garçom se abaixa para oferecer à Viscondessa de Mataburros uma bebida, mas ela tenta mordê-lo. Ele sai, assustado.

Barão – Onde é que estávamos? Ah, a Viscondessa contava/

Baronesa – Não. Antes de todo mundo se distrair, eu perguntava se a senhora tem problemas de coluna.

Duque – Bela pergunta!

Barão – Soubemos que a senhora é uma grande pianista, por isso a indagação.

Baronesa – Não é por isso. De jeito nenhum. Ela não tem dedos de pianista. Quero saber se também come carne de porco.

Duquesa – Sendo bem preparada, quem não gosta, não é?

Duque – Os franceses fazem a melhor carne de porco do mundo.

Baronesa – Duquesa, seria estranho, a senhora não acha?

Duquesa – Como assim?

Barão – Viscondessa, e essa jovem?

A Viscondessa ronca.

Duquesa – Vejam só, que maravilha! Mocinha, por favor, diga para nós alguma coisa em alemão. Divirta-nos! Agora!

A jovem grasna. Todos riem, menos a Baronesa.

Duque – A senhora deveria incentivar sua sobrinha a aprender francês. O francês é que é a língua da civilização e do progresso.

Barão – Eu até trocaria os barbarismos da nossa linguagem pela beleza dos voos poéticos de Balzac e Victor Hugo.

Baronesa – Não sabe falar uma frase sem cometer um erro. E estuda francês há vinte anos.

Duquesa – Paris no outono! O rio Sena tem algumas das mais belas cores jamais vistas pelo olho humano. É o que dizem.

Duque – Há paraíso na Terra. Mas fica longe do Brasil.

Duquesa – Meu olho de diamante chora!

A Viscondessa ronca intensamente. O grasnado da jovem também se amplia. As conversas se intercalam.

Baronesa – O que é aquilo?

Duque – Aí vem o futuro presidente/

Barão – Aquilo o quê?

Duque – /do Conselho de Ministros, meu grande amigo/

Baronesa – Ela está/

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Duque – /o Visconde de Mataburros.

Baronesa – /defecando o salão inteiro!

Da Viscondessa explode um jato de fezes que suja os quatro. O Duque e a Duquesa fingem que nada aconteceu e riem. O Barão tenta disfarçar; a Baronesa está chocada. Ouve-se o barulho das pegadas do Visconde de Mataburros, então entra um tamanduá-bandeira. O Garçom surge do outro lado com bandeja cheia de comidinhas. O Duque e a Duquesa aceitam os acepipes, enquanto o Barão obriga a Baronesa a comer e beber. O funcionário estende-se também ao Visconde, que o derruba junto com a bandeja; depois recompõe-se rapidamente e sai, em disparada. As conversas se intercalam.

Garçom – Pain mignons au foie gras!

Baronesa – Barão! Vamos embora! Chega!

Duquesa – Caríssimo, a Viscondessa estava nos revelando/

Barão – Você só quer me espezinhar! Egoísta!

Duquesa – /a satisfação de ter uma família ilustrada. Os senhores são gênios da raça.

Baronesa – Estou me sentindo ultrajada!

Barão – Na hora de conhecer o Visconde!

Baronesa (*engulhando*) – Socorro! E ainda abana o rabinho pra espalhar mais!

Barão – Fale baixo!

Baronesa – E olha este quitute: parece que acabou de ser feito pela própria Viscondessa!

A Duquesa se aproxima do visconde Visconde para dar-lhe um beijo distante, ao passo que o Duque se acocora para cumprimentá-lo com um aperto de mão. É, então, subitamente puxado pelo Visconde. O Duque geme alto de dor.

Duquesa (*gargalhando*) – É um pândego incorrigível!

Baronesa – Barão, o tamanduá vai matar o Duque! Ajude, pelo amor de Deus!

O Barão intervém e, após certa briga, resgata o Duque, que está com uma parte da roupa destruída. O Visconde deambula pelo salão. As conversas se intercalam.

Duquesa – Prova viva do bem-querer e da amizade!

Barão – As altas rodas sociais são um exercício de altruísmo!

Duquesa – Querido Duque, quando o Visconde de Mataburros for presidente, certamente vai colocar o senhor como cabeça de algum ministério. Não é, Visconde?

Baronesa – Não sei quem é mais medonho: se o Visconde ou a Viscondessa.

Duque – Estou contando com essa emoção tremenda, essa honra suprema.

O Visconde se agita, irrequieto. O Duque troca olhares com a Duquesa, empolgado.

Duque – Não estou na posição de escolher cargos, mas já que o senhor me concede essa estupenda dádiva de conjecturar a respeito, então devo dizer que gostaria de ser chefe do gabinete dos Negócios Estrangeiros.

O Visconde põe-se de pé, nas patas traseiras. O Duque e a Duquesa gargalham.

Duquesa – Não seria nada mal. Eu amaria viver trocando confidências com as rainhas europeias.

Duque – Nós, verdadeiros ocidentais! Homens do nosso tempo! Apaixonados pelo Brasil! Um brinde! Um brinde ao futuro presidente do Conselho de Ministros!

O Garçom entra com bandeja e taças.

Garçom – *Cromesquis à la princesse, bières, modène et cognac!*

Todos aceitam as taças e algumas comidinhas. O Duque ergue a bebida.

Duque – A todos os que amam o Brasil e aos patriotas verdadeiros e implacáveis!

A Baronesa está hesitante. O Barão a cutuca.

Barão – Você está diante do ministro.

Baronesa – Outro gabinete de pura decadência!

Barão – Vamos ser presos antes do fim da noite!

Duquesa – Baronesa, estamos esperando a sua alegria para esse brinde conosco.

Baronesa – Estou francamente embriagada com tudo o que estou vendo, Duquesa. É muita energia vital. Mal me atento para tudo.

Todos se abaixam para fazer as taças se tocarem na altura do Visconde, da Viscondessa e da jovem, que derrubam tudo num golpe. Os animais estão ainda mais irrequietos.

Duque – Que força, Visconde!

Baronesa – Estão lambendo do chão! Misericórdia!

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Duquesa – É assim, Baronesa, que o Brasil entrará no rol das maiores nações do mundo. Com essas pessoas magnânimas.

Baronesa – Duquesa, a senhora me desculpe, mas um tamanduá-bandeira/

Barão – A Baronesa está muito emocionada.

Duque – Visconde, o que o senhor tem achado do governo desses liberais? O Visconde de Ouro Preto não é mesmo um fraco? Por acaso ele já deu as caras no baile?

Barão – Talvez a Baronesa precise pedir licença para andar um pouco, tomar uns ares e depois voltar.

Baronesa – Não. Não preciso. O melhor lugar é aqui, ao lado de pessoas tão importantes. Se eu sair é para ir embora.

O Garçom entra com a bandeja cheia. O Duque se aproxima do Visconde, com cautela.

Garçom – *Matonelles, thé vert et noiz, gâteaux fins aux Andes, biscuits suprêmes, pain grillé!*

Duque – Duquesa, o Visconde nos dá mais outra boa notícia.

Duquesa – O que poderia ser?

O Garçom põe as comidas nas mãos dos convidados para esvaziar a bandeja de qualquer jeito. Depois sai.

Duque – Que comprou uma grande propriedade, perto de Goiás. E que lá tem muitos formigueiros.

O Duque acena com a cabeça para o Barão. A Baronesa gargalha.

Barão – Formigueiros têm sua importância garantida para o arejamento do solo, segundo os especialistas.

Duque – O próprio Visconde é um desses profundos conhecedores dos terrenos brasileiros. Quando ministro, contribuirá enormemente para a política de agricultura do país.

Baronesa – Claro. Por que não? Por que alguém pensaria o contrário? Não há maior especialista do que aquele que tem uma urgência assim estomacal nas coisas a que se dedica.

Duquesa – Interessa mais saber quando poderemos desfrutar desses campos. Existem riachos lá? E vitórias-régias? E macaquinhos-da-meia-noite? E hipopótamos? Eu adoraria ver vitórias-régias.

Baronesa – Por essa cara de desespero, eu apostaria que ele não gostou da pergunta.

Duque – O Visconde nunca se desespera. É um reflexo da nação.

Baronesa – Mas está indo embora.

O Visconde, a Viscondessa e a jovem impacientam-se de novo e afastam-se. O Duque e a Duquesa despedem-se, ao longe, desajeitados. Aos poucos, escutam-se pegadas descomunais que se avizinham. As conversas se intercalam.

Barão – Eles têm mais o que fazer a ficar vendo essa expressão amarga que você está exibindo.

Duque – Causamos uma boa impressão?

Baronesa – Anos do seu esforço. E agora?

Duquesa – O senhor, Duque, foi o mesmo Duque de sempre.

Baronesa – Viemos nos misturar a esses imbecis, que nos retribuem com dejetos porque, afinal, são animais irracionais!

Duquesa – Perfeito. Prodigioso.

Barão – É assim que tem de ser. Você tem princípios tolos, Baronesa. Sua visão de mundo tira minha paz de espírito.

Duque – É por isso que eu gosto de você, Duquesa: não tem coragem de mentir para me ofender.

Baronesa – O que tira a paz de espírito é a sua inércia.

Barão – Peguei um barco até aqui. Não saio desta festa sem dar minhas boas credenciais ao Imperador. E dizer o que deve ser dito.

Baronesa – E nada vai lhe trazer de proveito esse império falido, com esse Imperador caquético, nessa corte de gente desprezível.

O Garçom entra com comidas. Todos aceitam, e ele sai. As conversas se intercalam.

Garçom – *Filets de merlan farcis, sandwiches assortis, croquenbouches aux roses, sirops glacés variés, apollinaris et bissesborn!*

Baronesa – Estou com nojo de você e de mim.

Duquesa – Amo *croquenbouches!*

Barão – Bom, pois se lhe machuca tanto estar perto da gente mais importante do Império, então fique à vontade. Vá embora. Volte sozinha. Mandé aprontar o barco. Peça para o cocheiro deixar você em casa.

Duque – Os chilenos passeiam de chilenas, mas são marujos!

Baronesa – É o que deveriam fazer todas as pessoas decentes deste país: não compactuar com os abutres!

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Duquesa – Duque, é verdade que no Chile é possível comprar dignidade?

Barão – Então que seja!

Duque – Compraremos tudo e seremos donos de toda a dignidade que há no Chile.

Baronesa – Estamos nas mãos de crápulas por sua inteira e exclusiva culpa.

Barão (aos outros) – Amigos, infelizmente a Baronesa está com uma indisposição de estômago.

Duque – Que tragédia!

Baronesa – Uma bobagem que melhora já.

Duquesa – Tenho uns preparados na bolsa para isso.

Barão – O único remédio é ir para casa. Não é, Baronesa?

Baronesa – Aparentemente, sim. Mas não quero estragar a festa do Barão.

Barão – Nem vai. Todo espírito livre é imperatriz, me disse um dia o conselheiro Aires. Vou levar a senhora até a porta.

Grandes portas se abrem, rangendo. A orquestra, ato contínuo, começa a tocar uma polca. Nesse momento, os presentes observam, pela moldura da entrada, a paisagem de um Rio de Janeiro apinhado de bichos. Um elefante começa a bramir ensurdecedoramente; várias vozes de animais se misturam depois disso – jaguatiricas, papagaios, capivaras, sapos, gaviões, tucanos, jararacas, macacos etc.: o Imperador e seu séquito entram no salão. O chão treme como num terremoto, e o espaço fica pequeno. O Duque, a Duquesa, o Barão, a Baronesa se espremem num canto, sufocados.

Duquesa – O Imperador!

Duque – A princesa!

Baronesa – Os bichos estão por toda parte!

Barão – Que homem elegante é dom Pedro!

Duquesa – Isabel: joia rara da sensatez!

Duque – O que agrada sempre o Imperador nessas ocasiões? Baronesa, cuidado!

O Duque agarra a Baronesa, de surpresa, e começa a dançar com ela.

Duque – Dance! Dance! Dance! Por favor! Não vá embora! A senhora vai melhorar com música!

A Duquesa faz o mesmo com o Barão. Mal conseguem se movimentar. As conversas se intercalam.

Baronesa – O elefante vai nos esmagar!

O animal, sempre bramindo, esmaga o que há no salão: quebram-se cadeiras, talheres; rasgam-se tapetes, cortinas, bandeiras. Os outros bichos, cada um a seu modo, também participam dessa destruição absoluta do lugar. O piso vai se enchendo de detritos variados até ficar difícil de caminhar. A animada música da orquestra não para.

Duquesa – O senhor tenha cuidado com meu pé.

Duque – O Imperador seria incapaz de permitir essa atrocidade.

Barão – Onde está o Imperador? Vou cuidar para não lhe ferir.

Duque – Aliás, o Imperador é um intelectual, um *gentleman*.

Duquesa – Vai doer no senhor. É uma prótese.

Duque – O conde de Canhestras é que é um espalhafatoso.

Esgueirando-se, entra o Garçom com comidas.

Garçom – *Sorbet de crème et fruits, gaufres de Vienne, petites bouchées à la normande, cuissots de faison à la chilienne, crosmequis à la princesse!*

Enfia comida na boca dos convidados, que não conseguem nem se desgrudar. E sai.

Baronesa (tossindo) – Estou sufocada! Eles estão destruindo tudo!

Barão – A senhora tem uma prótese no lugar da perna?

Duque – Cômica! Sinta o ar puro! Dom Pedro trouxe as boas brisas para o salão.

Duquesa – Duas próteses. Nas duas pernas. Fui atropelada. Duas vezes.

Baronesa – Chame o Imperador. Precisamos falar com ele. Não vai sobrar nada.

Barão – A resiliência de uma dama da corte é a resiliência de toda a nação.

Duque – E a senhora não sabe que não se chama o Imperador?

Duquesa – Barão, o senhor é engraçado, como a sua mulher.

Baronesa – Então, me apresente a ele. O senhor não vai virar ministro um dia?

Barão – Isso é um elogio?

Duque – Às vezes, Baronesa, tenho vontade de apertar-lhe o pescoço até sua cabeça se desgrudar do corpo.

Duquesa – Eu pensava que apenas meu cavalo, Boris Johnson, era um homem puro.

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Baronesa – O senhor é um chacal!

Barão – Ingenuidade combina tão pouco comigo quanto, vejamos, graciosidade para dançar combina com a senhora.

Duque – Depois levo sua cabeça para um pequeno altar improvisado. A senhora não gostaria de ver a cripta com os crânios que temos em casa?

Duquesa – Eu e meu olho de diamante, meu dente de ouro, minhas duas mãos de ouro, minhas duas pernas de prótese sabemos que o senhor está aqui para ser humilhado.

Duque – E de lá a senhora comandará todo o mundo apenas com um olhar mortal. É uma homenagem à sua pureza.

Barão – Duquesa, se o único tributo a pagar para estar aqui é a humilhação, então me considere seu vassalo.

Baronesa – É um elogio? O sapo-boi está esguichando mijo nos convidados! Ai!

Duque – A princesa, quando fala, cospe.

A Baronesa se protege. Os animais continuam gritando: o elefante brame, um lobo uiva, um macaco guincha etc. Ainda esgueirando-se, o Garçom entra com bandeja e comidas. Enquanto fala, vai atirando os líquidos e sólidos nos convidados; ao fim, sai. Só a Baronesa reage.

Garçom – *Liebfraumilch/*

Duquesa – Barão, se o senhor me permite um último conselho/

Garçom – */château lafitte, crème à la Richelieu/*

Baronesa (ao Garçom) – Chega! (ao Duque) As cascavéis estão se enroscando nas cortinas!

Garçom – */duplessins, langue écarlate gelée à l'anglaise/*

Duquesa – /deixe a corte, e as festas da corte, com os profissionais!

Garçom – */chartreuse de perdix à la prairie, purée à la reine/*

Duque – O duque de Travessas criou filhos impossíveis!

Garçom – */mayonnaises à l'imperiale, salade historique!*

Barão – A senhora quer ter o monopólio do convívio com dom Pedro?

Baronesa – O macaco derrubou a mesa de frios!

Mais destroços explodem no chão.

Duque – Dizem que é um grande espírito, mas não vale um vintém.

Barão – O Imperador é patrimônio da nação brasileira.

Duquesa – Barão, não posso chorar. Por favor, não insista.

Baronesa – O elefante!

O elefante achega-se, bramindo. O Duque e a Baronesa desviam-se dele, empurrando o Barão e a Duquesa, que continuam dançando aos tropeções e sempre mais para longe, circundando o salão. As conversas se intercalam.

Barão – Quero ter a chance – por que não? – de aconselhar Sua Majestade.

Duque – Continue dançando, Baronesa!

Duquesa – Pronto! Estou emocionada! Estou chorando!

Baronesa – O elefante nos odeia! Há crocodilos guardando a saída!

Barão – Quando o Imperador me ouvir, ele saberá que sou o conselheiro ideal.

Duque – A senhora tem uma única função no banquete: entreter o Imperador!

Duquesa – Ó Deus, dai-me esta *clareza* de ideias!

Baronesa – Lobos-guarás uivam nas janelas!

Barão – Porque hoje todos conspiram contra a pátria!

Duque – Viemos para homenagens! Muitas homenagens!

Duquesa – Eu bateria palmas se pudesse baixar os braços!

Baronesa – Os gaviões estão destruindo a porcelana. (*mudando de tom*) Olhe para o chão!

Barão – É preciso denunciá-los! Portanto, onde está o homem?

Duque – O que é que há?

Duquesa – Um verdadeiro templário!

Baronesa – Cobre-se de sangue e destroços do palácio!

Barão – O Imperador deve estar prezando pelos valores do Brasil em algum cantinho!

Duque (*à Duquesa*) – A ilha está se desfazendo! Vamos morrer soterrados!

Duquesa (*ao Duque*) – Minhas próteses não aguentam as belezas desse monumento!

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

A música acaba. O elefante senta-se pesadamente ocupando grande parte do salão; ainda assim o resto acumulou-se de lixo e escombros. Todos param de dançar, também cansados. Um cachorro late para a Baronesa; ela se afasta e encontra uma cobra, que balança seus guizos; em seguida abaixa-se para desviar de um pombo de voo rasante. Um rugido de onça explode ao fundo.

Duquesa – Teremos discurso?

Duque – Que pelo menos a princesa profira algumas palavras.

Barão – Também tem o dom da oratória?

Duquesa – Dá um banho de perdigotos na plateia; mas é uma boa moça.

Baronesa – A que tipo de festim fomos convidados? Como os senhores aguentam?

Duquesa – Como assim, minha cara?

Baronesa – Mal se anda no salão.

Barão – A senhora se apega a trivialidades.

Baronesa – Também não se pode sair, nem entrar. E a noite, a noite está ficando mais escura.

Duque – Noite? Do que a senhora está falando?

Duquesa – A princesa vai mesmo falar! Ouçam! Ouçam!

Entra o Garçom com bandeja e comidas. Enquanto fala, vai jogando os pratos no chão. A princesa dá alguns saltos e vai ao centro do salão, onde começa a discursar. O Duque, a Duquesa, o Barão e a Baronesa concentram-se para ouvi-la. Os três primeiros reagem, rindo; a última está apática, escondida atrás do marido para proteger-se dos respingos que vêm em jatos, sem poupar ninguém. A Duquesa acompanha o discurso com seu lornhão. O coaxar da princesa vai se entremeando ao cardápio do Garçom. Ao fim, todos aplaudem, e o funcionário sai.

Garçom – *Jacutinga et pigeons sauvages à la Guanabara, dinde aux massons, jambon, bijupirá, galantine à la province de Minas, manger du paradis, gelée Macédonie aux fruits, veau à la siberienne, badejo, fruits fondants, cosaques, grand pudding à la diplomate, crème au chocolat et aux violettes, vicomte vellar, lacrima christi, heidsièch monopol, bontet canet, charlotte russe.*

Baronesa – Que ultraje, Barão!

Barão – Diga um único motivo para desabonar esse lindo discurso humanista!

Duquesa – Emocionante! Carnívoro! Apoteótico!

Duque – Sim, mas ainda precisamos ouvir o Imperador.

Baronesa – Ininteligível! Abjeto! Líquido!

Duque – Minha admiração jamais diminuirá, mas a senhora escolheu adjetivos muito fortes.

Barão – Onde? Onde?

Como pode, uma capivara corre pelo salão, transitando entre os convidados. Em cima do animal está o Imperador, que se desequilibra, quase cai e pousa no chão batendo suas asinhas de papagaio.

Imperador – O monarca escorregou, mas a monarquia não caiu! O monarca escorregou, mas a monarquia não caiu!

Todos riem, exceto a Baronesa.

Duque – A monarquia é inquebrantável, é eterna, é a rocha solene dos valores brasileiros! Viva a monarquia brasileira!

Imperador – Brasil!

Duquesa – Viva o Imperador!

Barão – Viva!

Imperador – Brasil!

O Barão tira um lenço do bolso e enxuga os olhos.

Imperador – Magnânimo! Magnânimo!

A Duquesa ajeita o lornhão para admirá-lo.

Imperador – Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo/

Barão – Ele fala vinte e três idiomas.

Imperador – /Salvador/

Baronesa – É.

Imperador – /Bibiano Francisco Xavier de Paula/

Barão – Veja que português castiço!

Baronesa – Sei.

Imperador – /Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga!

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Aplausos.

Imperador – Isabel Cristina Leopoldina/

Duquesa – Ele já foi melhor.

Imperador – /Augusta Micaela Gabriela/

Duque – Escute primeiro.

Imperador – /Rafaela Gonzaga de Bourbon-Duas Sicílias e Bragança!

Mais aplausos.

Imperador – Democracia racial! Democracia racial!

Ainda mais aplausos.

Imperador – Europa! Europa!

Explosão de aplausos.

Imperador – Monarquia eterna! Viva! Viva! Cansei.

Uma valsa soa pelo salão. O Imperador passeia dando saltinhos. O Duque vai tirar a Baronesa para dançar, mas o Barão o impede.

Barão – Duque, antes disso, o senhor nos dê licença, precisamos ir ao Imperador.

Baronesa – O elefante vai ficar deitado aí o tempo inteiro? E os morcegos?

Duquesa – Uma ideia não menos que brilhante!

Barão – Não há ninguém ao redor dele, então considero que seja o momento propício.

Duquesa (*com o lornhão*) – O senhor vai perceber que ele tem uma tendência à grandiloquência.

Baronesa – Se fosse sério, estaria preocupado com essas montanhas de lixo.

Duque – Mas é possível contornar esse pequeno contratempo sendo apenas miúdo.

Duquesa – Muitíssimo pequenininho, como uma pulga. Assim ele prefere.

Barão – Acho que tenho alguns pendores que o Imperador pode vir a reconhecer.

Duque – Claro, Pedro é justíssimo nos seus desígnios; põe todos numa longa fila de espera.

Duquesa – Nunca se esqueça de que ele é como se fosse/

Duque – O Brasil!

Duquesa – Obrigada. Muito bem: o Brasil.

Baronesa – Os mijos do sapo-boi ainda estão pinicando!

Duque – Um assunto particular?

Barão – Prefiro participar ao Imperador em pessoa.

Duque – Um assunto particular! Mas saiba que não há segredos com uma nação inteira.

A Duquesa solta uma gargalhada estridente.

Duquesa – Barão, o Duque só está brincando. O Brasil sabe guardar segredos.

O Duque aponta para o Imperador. O Barão pega na mão da Baronesa e se acerca de dom Pedro.

Barão (à Baronesa) – Você precisa me apoiar. Fique calada.

Baronesa (ao Barão) – Pois não, Majestade.

Barão e Baronesa ficam diante do Imperador. Duque e Duquesa rondam, ouvindo a conversa.

Barão – Majestade! (pigarreia) Majestade! É uma honra incomensurável ter sido convidado para um banquete tão esplêndido. Tudo reluz feito ouro, tudo exala a fragrância dos manjares divinos, tudo mostra a essência de nossa receptividade. A maior nação das Américas se consagra também como a pátria da humanidade e da esperança. Porém nada seríamos sem vossa augusta figura. É o que digo sempre à Baronesa. O Império teria se despedaçado e, repito aqui, se não fosse por vosso pulso firme, hoje estaríamos sob o jugo de caudilhos analfabetos num território polvilhado de republiquetas inexpressivas. Mas quis o destino, ou as boas graças de Deus, que vossa Majestade fizesse do Brasil mais do que um país, mais até mesmo do que um império: um exemplo para o mundo, em que a conjugação de muitos povos deu origem a um novo homem, o *homo brasiliensis*, com o peito cheio de ternura e perdão. Que esse modelo não se perca jamais e os séculos vindouros possam imitá-lo e imitá-lo *ad aeternum, ad infinitum*. Para que assim o seja, Majestade, permanecendo-se esse estado social, eu gostaria, se me permite, de apontar algumas coisas imprescindíveis para a sobrevivência da monarquia.

Imperador – Ratos! Ratos!

O Imperador se agita, bate as asas e morde a mão do Barão. As conversas se intercalam.

Baronesa – Meu Deus! Machucou?

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Barão – Quê? Machucar?

Duquesa (com o lornhão) – Ele nunca amou o senhor assim.

Duque – Dom Pedro sabe se portar diante de um pulha.

Imperador – Ratos! Ratos!

Barão – É muito bom ouvir que o senhor está interessado.

Imperador – Ratos! Ratos!

Barão – Não concebo um cenário mais feliz.

O Imperador bica o Barão novamente. O Barão e a Baronesa vão dando passinhos para trás.

Baronesa – Vai voltar para casa sem dedo. Eu avisei.

Imperador – Ratos! Ratos!

Barão – Isso é de uma nitidez absoluta. Estou estupefato.

Duquesa (com o lornhão) – O senhor deveria falar igual ao Barão.

Duque – Ele me detestaria imediatamente.

Baronesa – E não para de sangrar.

Imperador – Ratos! Ratos!

Barão – É apenas um conselho, um único que mudará tudo.

Imperador – Ratos! Ratos!

Barão – Então, os negros do cais/

Imperador – Ratos!

Uma onça ruge lá atrás. A Baronesa percebe a movimentação.

Baronesa – Uma onça. Está ouvindo?

Barão – Um momento, Baronesa! É importante! (pigarreia) Como eu ia dizendo, os negros do cais fazem carregamentos de/

Imperador – Ratos!

A onça ruge novamente. Dessa vez mais alto. O Barão limpa o suor da testa com um lenço.

Baronesa – Esse rugido é para nós.

Duquesa (*com o lornhão*) – O leão de chácara!

Duque – Como é mesmo o nome dele?

Duquesa – Afonso.

Barão (*pigarreando*) – Os negros levam carregamentos muito grandes. Geralmente no ombro esquerdo! Estapafúrdio!

Imperador – Ratos! Ratos!

Barão – Tudo vai mudar se eles levarem os pesos no ombro direito! Direito! Essa é a denúncia! Essa é a conspiração que estão tramando! Os negros têm o ombro esquerdo ruim, mas o ombro direito é bom e honesto.

Duquesa (*com o lornhão*) – Temos um novo Rui Barbosa.

Duque – Doutor Barbosa só existe um. E está morto. Que Deus o carregue. Incréu dos infernos.

O Imperador pula, desesperado, num pé e noutro. A onça aparece e, rugindo, começa a rondá-los, deslocando-se pé ante pé, ameaçadora. O Barão limpa o suor do pescoço.

Baronesa – Tem olhos mais tenebrosos que o diamante da Duquesa.

Barão – Baronesa, por favor! Mais tarde! O que é que vossa Majestade achou dessa informação tão importante?

Imperador – Ratos! Ratos! Ratos! Ratos!

Barão – Ah. (*pausa*) Entendi. (*pausa*) Mas o que significa dançar?

Baronesa – Vai nos comer!

O Imperador sai rapidamente em saltinhos. A onça se prepara para pular neles. A Baronesa puxa o Barão para a valsa. As conversas se intercalam.

Duque – Nada como dançar por pura necessidade imperial.

Baronesa – Estou sentindo uma felicidade terrível agora: infelizmente estou certa.

Duquesa – Dançam numa alegria! Parecem dois urubus!

Barão – Você é mouca? Vamos pôr em prática. Precisamos apenas azeitar as ideias.

Duque – Falta total de classe. Estamos ao lado de patetas!

Baronesa – Ele disse: “Mande-me uma carta”. As garras da onça!

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Duquesa – Pensei que Afonso tivesse ido morar em África.

Barão – O Imperador à nossa disposição e você preocupada com onça, com garra de onça, com olho de onça!

A onça ataca, saltando com a bocarra aberta. Num reflexo, a Baronesa empurra o Barão, e os dois caem no lixo, esquivando-se do animal. O Duque e a Duquesa rapidamente pisam neles e voltam-se para a onça.

Duquesa – Afonso, o Imperador está lhe chamando ali num outro cômodo.

Duque – Ouça a Duquesa! Vá imediatamente!

Duquesa – Não decepcione o Imperador. Corra! Corra!

A onça ruge e sai, contrariada.

Duquesa – Pobrezinhos, Duque, Afonso os assustou sem motivo.

Barão – A Baronesa é dada a esses arroubos de histeria às vezes. Mas não foi nada.

Duque – A corte inteira o conhece e por isso já não põe medo em ninguém. O Imperador só o mantém acho que por estimaçãõ, mas não serve aos propósitos originais.

Baronesa – Obrigada pela atitude. A festa hoje está animada demais!

A Baronesa tenta se levantar.

Duque – Com todo o respeito, Baronesa, mas não entendo seu comportamento. A senhora tem a melhor visão do baile agora e parece incomodada.

Baronesa – O senhor está com o pé no meu pescoço.

Duquesa – Meu gato, Tony Blair, também tem torcicolo. Passa quando come peixe.

Duque – Barão, é possível explicar esta visão de mundo tão avessa aos princípios lógicos?

Barão (*tossindo*) – Não.

Baronesa – Se ela tirar os pés do seu pulmão, talvez você consiga respirar melhor.

Duquesa – Quem? Eu? Minhas próteses são totalmente inocentes, Baronesa.

Baronesa – Por favor.

Barão – Duquesa, não leve a sério.

Duque – Nenhum de nós está tomando essas observações como ofensas, porque fomos talhados nas boas maneiras.

Baronesa – Fico tão comovida com a boa vontade dos senhores!

Barão – O Imperador gostou muito das minhas sugestões.

Duquesa – Aceite os canapés, conselheiro real! Ainda se ganha salário com isso?

Barão – Haveria realização maior? Nem que seja de maneira informal. Onde estão os canapés?

Duque (*apontando para o chão*) – Aqui. Ora, os conselheiros desempenham função importantíssima no Império, de modo que não pode ser exercida por qualquer aventureiro.

Barão – O que não seria meu caso, não é? Onde?

Duque – Aqui, aqui. Não está vendo?

Duquesa – Talvez ele não esteja conseguindo alcançar.

A Duquesa pega dois canapés do chão: come um e põe o outro na boca do Barão.

Barão – Deliciosos.

Baronesa – Era do chão.

Duquesa – Talvez a senhora esteja precisando usar minha luneta.

Baronesa – Era do chão.

Barão – Pois nunca vi chão tão delicioso. Eu lamberia esse chão. Eu me esfregaria nesse chão.

O Barão lambe o chão e esfrega-se nele. Começa a resgatar outras comidas abandonadas antes pelo Garçom.

Barão – Tudo está sublime na festa do Imperador. Um primor! Coma também, Baronesa.

Baronesa – Meu paladar é avesso ao gosto da sola de sapato!

O Barão enfia-lhe comida à força. A Duquesa deita-se com eles e aproveita os petiscos.

Barão – Duquesa, há bondade no Império. Há felicidade para os que acreditam na justiça.

Duque – À nossa justiça, Baronesa!

Duquesa – À nossa! À de sempre!

Barão – E nunca falaremos amor sem que amor tenha uma dimensão superlativa e vital.

Duque – O senhor é um homem ousado.

Duquesa – A verdade, Duque, é que o Barão deve estar treinando na frente do espelho.

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Barão – E jamais diremos harmonia quando não buscarmos, de fato, a harmonia.

Duque – O Império pede mais é decência.

Duquesa – São palavras tão antigas que os dicionários já nem as trazem mais!

O Duque junta-se aos outros. A Baronesa, espreguiçando-se, tenta se erguer, mas o marido puxa-a de volta e mantém-na firme. Até o fim não se levantarão mais.

Barão – Aonde é que você vai? Escute aqui: nunca se dirá a palavra “liberdade” sem que ela tenha significado.

A Duquesa solta uma mistura de gargalhada e grito, desmaiando em seguida. O Duque tenta reanimá-la.

Duque – Duquesa! Duquesa!

Barão – O que está acontecendo?

Duque – Essa palavra, essa palavra terrível!

Baronesa – Que palavra?

O Duque abre o vestido dela e de lá tira as próteses dos seios; pega uma manivela da bolsinha.

Duque (entregando as próteses ao Barão) – Segure.

Barão – Meu Deus, o que é isso?

Duque – Não pergunte.

O Duque enfia a manivela no coração da Duquesa e gira.

Duque – O coração dela tem apenas uma ventoinha que, se não for bombeada, provoca um desastre. A Duquesa é feita de muitas peças de proveniências completamente distintas. A propósito, o senhor não estaria disposto a vender a preço justo a cabeça da sua mulher para eu atarraxar no corpo da minha? Estou sempre querendo renová-la.

Baronesa – Ele não quer.

De supetão, a Duquesa recupera a consciência e ergue o torso. Ao acordar, nota que o Barão está segurando os seios e toma-os de volta num golpe, pondo-os no lugar.

Duquesa – Então os senhores sabem de tudo.

Baronesa – Acho que não sabemos.

Duque – Eu pedi que não perguntassem.

Duquesa – E não perguntaram?

Barão – Nada.

Duquesa – Mas eu digo: um atirador de facas errou o alvo. Duas vezes. E quando ouço aquela palavra que o senhor pronunciou com tanta dedicação é que me lembro de que esse homem alto, beiços fartos, nariz largo, espadaúdo, ainda está à solta. Mas não se pode mais colocar anúncios nos jornais.

Duque – O melhor é comer. E não pensar mais no assunto.

O Duque enfia comida do chão na boca da Duquesa.

Barão – A senhora me desculpe. A resposta positiva do Imperador me empolgou sobremaneira. Acabei sendo tomado de uma súbita imodéstia. De qualquer forma, pensei que as palavras fossem agradar.

Baronesa – Barão, ela disse bem: o atirador de facas errou o alvo.

Duquesa – E esse jantar que não é servido nunca!

Duque – Os garçons também pararam de passar!

Duquesa – Por favor, ajudem-me a caçar algo para comer. Tenho alucinações de que minha calopsita, Margaret Thatcher, está fazendo negócios na rua sem mim!

Obedecem ao pedido da Duquesa e se arrastam à cata de comida, farejando e testando a língua nos objetos, animais e coisas. Sempre que encontram algo, entregam à Duquesa, mas também comem um pouco. Falam, o mais das vezes, de boca cheia.

Barão – Para dissipar esse mal-estar que causei, gostaria de convidá-los.

Duquesa – A quê?

Baronesa – A quê?

Barão – Como eu ia dizendo, tenho muitas e extensíssimas propriedades de que os senhores não se arrenderiam se conhecessem.

Duque – Não iremos.

Baronesa – Graças a Deus!

Barão – Mas eu receberia os senhores como se hospedasse a própria Família Real.

Duque – É muito o que o senhor nos pede.

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Barão – Foge-me ao entendimento.

Duquesa – Duque, nós nunca visitamos propriedades extensíssimas subterrâneas.

Duque – Nem vamos, Duquesa. Veja, Barão, o senhor está exigindo que a gente conheça alguma coisa fora da corte.

Barão – Duquesa, eu tenho uma coleção de gente.

Duquesa – E é possível tocar neles?

Duque – Por que a senhora quereria fazer isso?

Barão – Poderia, aliás, dispor deles como lhe aprouvesse. A Baronesa é useira e vezeira em lhes lançar mão.

Baronesa – Não é verdade.

Duque – Baronesa, quanto encanto!

Barão – É verdade, sim. Ficam na cristaleira, junto da prataria e dos santos. Não são só homens. Há mulheres e crianças também.

Duquesa – Incrível! Dizem que eles fedem.

Barão – Não sei. Mergulhamos todos em água-de-colônia, depois desinfetamos com veneno.

Duque – Devem causar uma impressão, pelo menos!

Barão – Divertem-nos bastante. E isso é o que interessa.

Duquesa – Principalmente porque essa gente, essa gente aí que o senhor tem, o que é essa gente, Barão?

O elefante brame enfurecidamente e levanta-se; o Imperador, batendo as asinhas, reaparece em cima da capivara, que corre; a princesa pula e coxa, coxa e pula; o Visconde de Mataburros, a Viscondessa e a jovem fogem, olhando para trás, apavorados. Os vários animais se agitam, num vozerio espetacular, em direção às portas, que se abrem. Os quatro escondem-se num canto para ver o Imperador ir embora com seu séquito. Uma fumaça invade o salão aos poucos.

Baronesa – Feras sinistras; patas horrendas!

Barão – Pelo visto a Viscondessa de Mataburros está apressada.

Duquesa (com o lornhão) – Duque, nem tínhamos visto o marquês de Nióbio!

Duque – Os chilenos que usam chilenas mas são marujos também estão indo!

Barão – Até de costas dom Pedro tem um porte soberbo! Como amo nosso Imperador!

Baronesa – Se ele conseguisse ouvir, responderia: “Obrigado”.

Duque – Por que fui me distrair? Ainda há tempo de fazer alguma oferta!

Baronesa – Que irracionalidade animal ir atrás deles agora! O senhor vai ser pisoteado.

O Duque procura-os e recebe dos chilenos profundos relinchados e alguns coices, que quase o acertam.

Duque – Ofereço duzentos mil réis pelo Chile!

Duquesa (com o lornhão) – Cada dia com mais asinhas, a condessa de Laranjais!

Duque – Melhor: quatrocentos mil!

Barão – É preciso pensar nas palavras corretas para escrever um projeto.

Duque – Novecentos mil!

Baronesa – Estão sentindo esse cheiro? Queimaram o jantar?

Mais fumaça entra no salão.

Duque – Um milhão!

Duquesa (com o lornhão) – Olho para o Rio de Janeiro, e o Rio de Janeiro é exótico!

Duque – Dois! Três! Sete milhões!

Barão – O senhor tem sete milhões de réis?

Duquesa – E precisa?

Baronesa – As portas estão abertas para nós também, Barão.

Duque – Levem uma parte do Brasil, se quiserem!

Baronesa – Quem diria que talvez não seja mais possível ir embora?

Duquesa – Vão dispensar o melhor, que ainda está por vir? O Imperador, pelo menos, é um ancião. Já os senhores são jovens.

Barão – Com companhia tão agradável, dançaremos e comeremos enquanto houver noite. Até porque a indisposição dela já passou.

Duque – Peguem tudo!

Baronesa – Esturricaram as carnes. Não quero vomitar na comida.

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Barão – Você de novo cumulando a festa de maus presságios e suposições descabidas. Mas até agora nada de ruim aconteceu a ninguém. Aliás, ao contrário. Perigos imaginários, que só você enxerga!

Baronesa – Por que você não disse tudo ao Imperador, Barão?

Duquesa – Tudo o quê?

Baronesa – Que está prestes a desabar um golpe sobre o Império/

Duquesa – Saiu de moda!

Baronesa – /e depois outro,/

Barão – Você é muito imaginosa!

Baronesa – /e depois outro,/

Duquesa – De repente, isso tudo?

Baronesa – /e depois outro;/

Barão – É uma lista infinita!

Baronesa – /que eles vão destituir o Imperador, expulsá-lo do país; que implantarão a República, mas andarão a cavalo nas ruas do Rio de Janeiro, e a população, bestializada, pensará que se trata de uma parada militar; que eles tomarão o poder para sempre; que haverá guerra; que sempre haverá a destruição, o abismo e a ruína.

A Duquesa solta uma gargalhada; o Barão a acompanha. O fim do desfile faz desabar um soturno silêncio. No fechamento das pesadas portas, um sopro de ar apaga algumas velas do salão, o que deixa o ambiente fantasmagórico. Tudo fica suspenso por instantes. As conversas se intercalam.

Duque – Vermes! Idiotas! Prenderam-me consigo, distraíram-me do essencial!

Baronesa – Está falando de nós.

Duquesa – O Uruguai é mais perto. Pense no Uruguai.

Barão – Quem?

Duque – Agora algum fidalgo mínimo comprou o Chile. E eu fiquei discutindo amenidades com essas pulgas.

Baronesa (tossindo) – Para ele, fomos transformados em besouros gigantesco.

Duquesa – Duque, quando o senhor for dono dos assuntos estrangeiros do Império, compre também a Argentina.

Barão – Você é uma baronesa da corte agora. E eu trato de temas diretamente com dom Pedro.

Duque – Esses indigentes deveriam pagar pelo que fizeram. A senhora não acha?

Baronesa – Barão, o senhor tem sempre as melhores análises da conjuntura.

Duquesa – Não consigo pensar em nenhuma resposta elaborada, porque ouço os garçons se agitando lá dentro.

Barulho de talheres e pratos. O Duque encontra uma taça no meio do lixo e ergue-a.

Duque – Gostaria de propor um brinde.

Barão – Pois não. Precisamos de taças!

Duque – Não precisam.

Duquesa (*tirando três taças da bolsinha*) – Ah, podem usar, por enquanto, essas que eu roubei.

Todos empunham taças vazias.

Baronesa – Obrigada. (*ao Barão*) O senhor quer mesmo ouvir?

Barão – Por que não?

Baronesa – Duque, estamos ansiosos para saber quais serão as doces palavras.

Duque – Muito poucas, Baronesa, mas muito verdadeiras.

Duquesa – Talvez a gente devesse esperar por mais algum *clicquot*.

Em meio à sujeira, juntam-se num pequeno círculo. O Duque alterna o olhar ora ao Barão, ora à Baronesa.

Duque – Não carece. Ergo meu brinde, Baronesa, escute bem, à nossa saúde, ao bem-estar dos que trabalham pelo Brasil há séculos, e nunca às aves de rapina temporãs que vêm apenas para dilapidar as joias da coroa quando tudo já foi feito. Faço uma louvação aos antigos e, ao mesmo tempo, me insurjo contra a degeneração que acompanha os novos. Parasitas! Estes são meus votos contra os canalhas que se acham sensatos, contra a balbúrdia dos podres, contra os que estão tomando o país como se fosse deles, contra a horda de bárbaros forasteiros. Por favor, Barão!

Barão (*aproximando a taça*) – Com todo o prazer! Contra essa corja!

Baronesa (*aproximando a taça, olhando o Duque*) – Corja!

Barão – Gosto do senhor, Duque, porque, apesar de tudo o mais que nos separa, somos iguais!

Duquesa – Acho que tenho direito a propor um brinde também.

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Duque – A respeito do quê?

O Garçon entra calmamente empurrando um carrinho de restaurante com quatro pratos cobertos por cloches metálicos. Com ele, labaredas avançam pelas cortinas e daí por todo o salão. Tudo crepita.

Duquesa – Estou emocionada! Finalmente o jantar!

Os comensais se alinham, no chão, um ao lado do outro para que o funcionário coloque na frente de cada um seu prato. Ao fim, ele retira as tampas, revelando um amontoado de carnes escuras. Os quatro começam a comer com as mãos, como se esfomeados, cheirando às vezes o que levam à boca. O Garçon lança um longo olhar à plateia e sai, empurrando o carrinho.

Barão – Estou curioso para saber a que seria dedicado o brinde.

Duquesa – Ah, que cabeça a minha! Que cabeça a minha! Esqueci. Essa comida está divina!

Duque – É a força do Império e das tradições do Brasil, Duquesa.

Baronesa – De fato, muito boa. Mas os senhores repararam que ele não disse o nome do prato?

Duque – Tem um modo de preparo especialíssimo.

Duquesa – Que eu terei o maior prazer em explicar, já que os senhores querem ouvir.

Baronesa – Parece que sim.

Duque – É uma receita que demanda atenção e casualidade. Primeiro caça-se o animal.

Duquesa – Não necessariamente a senhora, Baronesa, nem o senhor, Barão, mas alguém que caça caçará o bicho.

Duque – Escalpela-se ele inteiro.

Duquesa – A pele deve-se aproveitar para fazer bolsas e sapatos.

Duque – A carne submete-se a um intenso processo que gostamos de chamar de amaciamento.

Barão – Amaciamento?

Duquesa – Um capataz deve dar nas costelas, nas coxas, nas patas dianteiras e nas traseiras, na cabeça e até mesmo no rabo com um pesado porrete.

Barão – Por isso tão suave!

Duque – De meia em meia hora ao longo de dias.

Duquesa – Aliás, para ficar ideal, Duque, só semanas e semanas de porretes diários.

Duque – Eu diria que mesmo meses ou anos.

Baronesa – A essa altura, as carnes já terão apodrecido.

Duquesa – Apodrecido?

Duque – O que é isso? Apodrecido?

Barão – É quando a ação do tempo/

Duque – Recusamos esses termos.

Duquesa – Acho que não representam o que realmente acontece.

Duque – De modo nenhum!

Barão – Mas isso é intrigante!

Baronesa – Isso que faz ser tão/

Duquesa – Delicioso, sim.

Duque – Não acabou, é evidente.

Duquesa – Tem muito mais. Por exemplo: é importante o isolamento.

Duque – Daí é que vem a reflexão da carne, as atitudes da carne. O arrependimento da carne!

Duquesa – E só quando a carne está refletida, curtida de porrete e nostalgia, é que podemos levá-la à panela.

Duque – Muita pimenta.

Barão – Nem parece.

Duquesa – Muito sal!

Baronesa – Não consigo sentir. Diluiu-se na água.

Duque – Que água? A senhora, Baronesa, tem sempre um modo de ver a vida que me fascina. Pois bem.

Duquesa – Depois de cozida, frita-se. Depois de fritada, mói-se. Depois de moída/

Duque – Não restou mais nada da fera que povoava o mundo.

Barão – Já pensou se fosse uma ostra ainda viva? Ou um molusco que mexe as patinhas?

Duquesa – Barão, a Corte não come nada que é vivo. A Corte mata antes de deglutir.

Barão – A Corte deveria ser o Brasil inteiro!

OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA DE MATABURROS É UMA PORCA?

Baronesa – Meu Deus!

A Baronesa tira do meio de seu prato um dedo humano com um anel de rubi. A Duquesa olha, a princípio, assustada, e depois explode numa de suas gargalhadas.

Duquesa – Duque! É totalmente inacreditável!

Baronesa – Um dedo num prato de carnes é típico da Corte?

Duque – Não conseguiram macular o anel, que está perfeito.

Duquesa – O senhor não está reconhecendo?

Barão – O que há para reconhecer?

Duque – Por favor, diga! Diga!

Duquesa – O atirador de facas.

Ela rouba o dedo segurado pelo Baronesa e come, admirando o anel.

Duque – Que gosto tem o dedo do atirador de facas?

Duquesa (*apontando ao prato dele*) – O mesmo gosto do resto. O mesmo gosto de sempre. Parece frango.

Eles voltam a comer.

Baronesa – Tinham-me dito que elefantes têm medo de ratos. Mas é mentira.

O incêndio aumenta. Cai do teto uma viga em chamas.

FIM.

RESPIRE FUNDO

Thiago Dominoni

Acenda a luz.

1 – Você vê uma mesa agora. Não conhece meu corpo nem como meu rosto movimenta o que eu falo. Prefiro que você observe a mesa em todos os vazios, em cima, embaixo, na ponta, na outra ponta. Imagine-se deitado, agora se levante. Sente-se. Ocupe tudo, muito. Você vê frutas na mesa, pedaços de jornais velhos, muitas xícaras. O que você vê está dividido entre a exuberância das frutas e entulhos, rastros de pessoas, memória.

Agora, sim, eu apago a luz.

Cheiro de mamão, melão, morango. Então há algo para falar.

Apague a luz. Espere. Acenda a luz.

1 – Ainda não consigo. Você abre a porta da casa. Teu corpo quieto, explosivo. Feixes de luz arrastam todas as mobílias. Eu apago a luz e nós esperamos. Pergunto:

Apague a luz.

Falar o quê?

Eu caminho.

Um. Dois. Três passos.

Acendo a luz e espero o vazio se alastrar.

Espere o vazio se alastrar.

Tudo desaba e você nem sabe o que resta.

A frase a seguir é projetada no espaço. Onde puder respirar deixe-a permanecer, tomar o seu tempo.

A PARTIR DE AGORA PERMANEÇA VIVO

Ao centro do espaço, cada um com uma bexiga nas mãos na altura do peito.

1 – Eu não sabia o que eu ia encontrar por tantos anos. Agora eu sinto que há algo pra falar.

2 – Você sente?

3 – Como é sentir isso?

2 – Como é sentir a palavra que precisa ser dita?

3 – Você vai falar? Depois que você falar a gente vai agir?

2 – Como é que se ouve uma palavra?

Bexigas caem.

1 – Já fomos quatro. Eu. Você. E... Ainda somos não fossem as minhas tentativas falhas pra falar tudo o que eu não devo confessar. Eu te amo e te amo muito, mas não tenho resposta. Tenho palavras aos cantos, aos berros, empoeirando a casa. Nunca tive sucesso com as palavras, nunca tive sucesso com a doçura, mas ali, naquele dia, descobri as palavras mais lindas.

Cada um em um canto da mesa.

2 – Do que você mais gosta?

1 – Dos morangos!

2 – DO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1 – Dos morangos!

2 – DO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1 – Das vezes em que você subia na mesa e discursava. Com os pés sujos ao lado de todos os alimentos, você discursava.

2 – Por que nunca me disse?

1 – Porque eu tinha medo de gostar demais.

2 – Por que nunca me disse?

1 – Eu tinha medo de gostar mais e perder o juízo.

2 – Alguma vez alguém já deixou de perder o juízo?

1 (*para a plateia*) – É como se a casa fosse ficando sem proporção, como se a parede fosse apertando os nossos corpos, o teto inteiro sobre nós dois. Como se a casa diminuísse até morrer. Ninguém notava, ninguém via nada. Ninguém percebia nossos corpos, proibidos, juntos. Somos dois irmãos. Órfãos.

2 – Você fala e parece que as palavras surgem de você de uma maneira inesperada.

...

1 – Eu te amo!

...

1 – Eu te amo!

...

1 – Eu te amo!

...

1 (*para a plateia*) – Nada. Nenhuma resposta. Nenhuma tentativa. Quando éramos em quatro, acreditávamos que as palavras prenunciavam o fim. Quando estávamos em dois, acreditávamos que as palavras anunciavam uma proibição. Na nossa casa, diante da mesa, não podíamos amar.

Fala no megafone.

1 – Eu te amo!

...

Ao megafone. Palavras projetadas ao fundo.

1 – Eu te amo!

...

Como quem reza. 2 não se move. Palavras preenchem tudo.

1 – Eu te amo!

...

1 – Depois disso não tem mais pra onde ir.

...

1 (*para a plateia*) – Talvez fôssemos em seis, oito ou até mais. A casa é grande, muita gente sem rumo, uma casa-travessia. Não tinha para onde ir, então permanecíamos. Depois do amor, nós permanecíamos. Depois da violência, nós permanecíamos. Depois da morte, nós permanecíamos. No escuro e fora dele, gostamos muito de falar.

...

Permanecer é algo importante pra nós. Já não sei mais sobre quais pessoas devo falar nem para qual bairro, não sei exatamente para o que ou para quem eu sustento essas palavras – tem palavra que não sabe pra onde ir – e sei que aqui, dentro do país, diante da mesa, a refeição bem-vinda, nós gostamos de matar.

...

2 – Você dizia isso só pra mim: Eu sou tua casa, eu sou teu bairro, eu sou teu país, eu sou teu corpo, eu sou teu sopro. Lembra quando a gente dizia isso, assim, juntos?

1 – Tinha a mesa, as mãos em posição de reza.

Reproduzem a cena.

1 e 2 – Eu sou tua casa, eu sou teu bairro, eu sou teu país, eu sou teu corpo, eu sou teu sopro.

1 e 2 (*riem muito*) – Eu sou tua casa, eu sou teu bairro, eu sou teu país, eu sou teu corpo, eu sou teu sopro.

Música. dança, se abraçam, bebem. Estão em pé em cima da mesa.

1 – Eu não sei me apresentar. A mesa é um espaço combinado pra matar todo mundo. É! É a ceia, é o discurso presidencial, a sentença pra um inocente, o anúncio de um segredo... O que mais?

2 – Bolo de fubá!

1 – Lugar pra avisar que a comida acabou!

2 – Ter uma mesa é uma sorte!

1 – Um temor!

2 – Dizer meu nome, coisa difícil dizer o nome e andar aí, por aí. A mesa escolar, levantar-se, dizer nome. Cantar o hino nacional ao lado das mesas. Amassar um pão, matar uma galinha.

2 – Eu gosto quando você diz que me ama em cima da mesa! Dá uma coisaboa, suspende, parece grande. Esconde toda essa merda aqui. Ninguém sabe que a gente tá aqui.

1 – Lembra quando a gente tentou dizer nosso nome pela primeira vez? Aos poucos a gente aprendeu, a gente descobriu tudo sobre o que a gente dizia.

Sobre o que o nome da gente diz. O nome conta muita coisa e até agora, depois de anos, não sei exatamente como é o seu.

...

Lembra? Você lembra? Aos 10 anos eu já imaginava ser necessário ir à mesa com joelheiras, proteção peitoral caso alguma coisa cortante viesse até o pulmão. Era bobeira, ainda criança não conseguia diferenciar murro de ponta de faca. Faz muito tempo que estamos aqui. Quando eu era pequeno, o nome não saía da boca, tinha vergonha de ficar aqui nessa mesa cheia de gente.

2 – Praticar artilharia era bom, não era? A gente tinha boa pontaria nessa idade, mas a gente não sabia apertar as mãos um do outro. Dava medo. Amor pela pontaria, medo da pele. Coisa maluca! A gente nem sabe como a gente parou nessa casa. Eu me lembro da cara de susto, do silêncio. A gente não sabe e isso perdura. Abrir a porta. Apagar a luz. Acender. Foi um horror.

Aprender artilharia nos constituiu em algo, alguém. Você não acha? A gente virou alguma coisa. A gente precisa de mais alguma coisa. A gente precisa fazer alguma coisa com a gente. Mas por que a gente aprendeu isso?

1 (*para a plateia*) – Começamos a praticar a pontaria com o tomate-cereja, depois mimosas e, com o tempo de treino, até ameixas e melão. Vestíamos branco pra enxergar o acerto, a melhor pontaria. Eu ria muito. Era como se a gente pudesse matar e nos ausentar da culpa porque logo havia a ressurreição e, enfim, éramos libertos, libertas, salvos, salvas. Primeiro tentávamos com as frutas, depois e só depois, chumbo.

2 (*sobe na mesa*) – Eu discurssei em cima da mesa duas vezes. A primeira por conta de Alfredo. O Bichano tinha nome. ‘Enquanto estiver vivo, arranhe, perturbe, quebre os vasos da casa.’ (*ri e quase nem consegue deixar as palavras saírem*). A segunda porque eu queria salvar o país. ‘Quando tivermos a oportunidade de sair às ruas estaremos prontas, já saberemos os nossos nomes’ (*ri e quase nem consegue deixar as palavras saírem*). Eu não me rendia. Eu tentava salvar o país, a gente, e do canto direito da mesa me vinham tomates, cerejas e até pedaços de melão. Na perna, braço, rosto, costas. Doía muito, as verduras, principalmente. Eu gerava violência e eu gostava disso. Eu discursava mais e mais e mais e mais e me vinham mais tomates, cerejas, melões. Eu não parava, eu não rendia.

Brinca em cima da mesa como se estivesse fugindo das frutas e verduras. Enquanto brinca, 1 se dirige para a plateia
2 (urros de socos e pontapés e exclamações de força; como se exclama um urro?)

1 – Éramos em quatro. Em algum momento, nós éramos em quatro e gostávamos do tocafitas e esperávamos o momento certo pra colocar a música que nos obrigava a sentar e comer.

Ao fundo da mesa, 3 começa a bater uma faca contra a carne vermelha. Fala nos intervalos da ação com extrema simpatia, beirando a estranheza. Quando bate a faca, 2 interrompe a brincadeira e senta-se ao lado de 1.

3 – Regras para comer em paz:

a) Ninguém irá notar a força do seu murro se salgar bem a carne morta.

2, mesmo sentada, ainda sinaliza urros de vitória, tenta se conter, mas explode para fora a felicidade dos urros.

b) A cozinha é o melhor lugar para os poemas de família.

c) Depois do preparo, alinhe a mesa de modo que as hierarquias estejam muito claras. É importante que você seja um subalterno, uma subalterna, uma qualquer, um pedaço de nada e aprenda a engolir a comida mais asquerosa. Calma, isso pode ser só uma estratégia. Sorria. Tome um gole de água. Diga que estava com saudades. Palavras gentis são suculentas.

Bate a faca contra a carne em cada intervalo de fala, cada vez mais rápido. 2, entre os murros da faca contra a carne, continua a expandir seus urros. Aos poucos, os urros desaparecem. Conversam.

1 – Uhhhhhhh, que gentileza!

3 – Não seja assim, eu é que agradeço.

2 – Não seja assim, vocês são inesquecíveis!

1 – Que amor!

2 – Que sonho!

3 – Ai! Nunca me senti tão bem aqui!

...

3 – Ai! Nunca me senti tão bem aqui!

...

2 – Que sonho!

...

1 (*para a plateia*) – As minhas mãos estão suadas e seguro essa faca com força e... e nem sei. Respiro fundo, muito fundo, aperto a faca entre as mãos, falo: Estava com saudades de você.

2 (*para a plateia*) – A mesa está perfeita. As camas organizadas, cobertores separados. Vivemos bem, entre facas, silêncio e sopa de mandioca. A maior ansiedade de todos os quatro, as cinco, os seis ou até mais, é amar o nosso fim pelas próprias mãos. Eu sei que logo alguém desaparece porque ninguém dura muito aqui, e como não há nada para fazer além de arremessar frutas e comer o resto, começamos a descobrir novas coisas. Jogar com as frutas não gerava muito impacto. Comecei a praticar mira com os pássaros, depois o gato de casa sumiu.

1 – Alfredo. Ninguém sabe. Ninguém fez, mas Alfredo não existe mais. Você discursava sem parar para Alfredo. Para um bichano! Para um bichano! Louca! Quem matou Alfredo?

3 – Quem?

2 – Alfredo?

1 – Essa pergunta persegue a gente todos os dias. Uma pergunta-sentença- noticiário: Quem matou?

2 – Alfredo?

1 (*para a plateia enquanto 2 procura Alfredo*) – Se éramos quatro, éramos quatro sem Alfredo, sem a Pitucha, sem a Anastácia, sem respostas, sem amor. Permanecíamos, sempre.

3 – Nós estamos esperando o grande momento!

Bexigas caem, velas brilhantes se acendem, uma festa de aniversário.

1, 2 e 3 – Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um:

Comemoram o aniversário; as perguntas continuam projetadas. 2 continua chamando Alfredo.

3 – Éramos quatro depois do aniversário. Antes, éramos dez. E na grande mesa, mimosas ao lado, indagações sobre Alfredo, hora do jantar.

Música para inaugurar o grande momento. Trocam bexigas, beijos, conversam com palavras não reconhecidas, puro estado de êxtase, sentam-se em outras cadeiras. Depois, conversam.

1 (*apaixonado*) – Alfredo conversava com os melões!

2 – Passeava entre as cobertas, deixava seus rastros, um saco! Você deveria me olhar mais! Dizer que me ama como sempre fazia!

3 – Alfredo aninhava as patas nas minhas costas!

2 (*zomba*) – É, nenê? Você gosta de lambar os pelos, nenê?

Riem.

3 – Que morra aos infernos, aos cantos, sozinho. Alfredo não presta. Planeja, fica junto, ataca. Bom mesmo que morreu!

Silêncio. Riem.

1 – Não gosto muito do pimentão na carne. Quem fez hoje?

3 – Rezou?

1 – Fiz que sim. Fechei os olhos, apertei um alho nas mãos durante a reza.

3 – ...?

1 – Gosto do cheiro.

3 – No meio da reza?

1 – Eu não rezei, eu fiz que rezei.

3 – E Alfredo?

2 (*zomba*) – É, nenê? Você gosta de lambar os pelos, nenê? Agonizou?

1 – Não quero falar sobre isso!

2 – Você gosta de lambar os pelos, nenê?

1 – Eu mato quem matou!

3 – Você não serve nem para segurar uma faca!

1 (*nostálgico*) – É, nenê? Você gosta de lambar os pelos, nenê?

2 (*zomba*) – Olhe como são lindos o corpo, as curvas, as patas!

3 – IN-SU-POR-TÁ-VEL! Tomara que morra logo!

1 (*desesperado*) – É, nenê? Você gosta de lambar os pelos, nenê?

2 – IN-SU-POR-TÁ-VEL!

3 (*zomba*) – É, nenê? Você gosta de lamber os pelos, nenê?

1 – O Alfredo sumiu, ninguém sabe onde está! Pra quê esta festa? E tá todo mundo fazendo graça comigo! O que est aconte nd comi o? Quem matou?

As palavras projetadas desaparecem. Silêncio.

2 – ...?!

3 – ...!

1 – ...

1 – Eu gostava de matar desde muito cedo. Gostava de gerar dificuldade. Um pássaro sem asa, um pinto sem bico, um cachorro sem os dentes. Mas Alfredo não merecia. Depois que as pessoas de casa começaram a desaparecer... Éramos dez, depois de Alfredo, ficamos em três. As pessoas somem sem razão, depois inventamos uma narrativa qualquer sobre elas.

Bexigas caem, velas brilhantes se acendem, uma festa de aniversário. Comemoram.

1, 2 e 3 – Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um:

3 se direciona à plateia. 1 e 2 estão observando os entulhos na mesa enquanto sorriem e trocam bexigas. Caminham de joelhos na mesa, levantam-se, deitam-se um sob o outro.

3 – Comecei a notar como os mortos parecem aborrecidos. Comecei a empanturrar todos com muita comida, as últimas delícias. Ao mesmo tempo, nada acontecia dentro daqueles corpos espalhados pela casa. Eu tive fortes alucinações. Achava que todos eles haviam morrido pela excelência napontaria e eu, insistente, alimentava cães à beira do mofo. Eu enchia a casa com as últimas notícias presidenciais, as últimas notícias da infantaria, a conspiração de 64, maio de 68, uma esperança na década de 90, procurava uma data, algo para apoiar a falta de sentido, o pronunciamento no rádio do Jango eu gravei e exibia todas as manhãs no café, um horror. Os presos políticos se sentavam à mesa de casa, ah, isso me excitava!

Nós tínhamos responsabilidades. Um dia pés para cima, outro dia, limpeza da casa. Não importava a idade. Se falhávamos com a ordem, falhávamos com o amor. Nunca entendi o amor. O amor deve se parecer com Deus, repetia todos os dias como uma sentença. Amor e ordem? Coisa esquisita, mas vivíamos ali. Eu arrumava a casa, mas também arrumava meu corpo para as inquietações do país. Acho que a mesa fazia permanecer todas as nossas memórias, nossos desejos, revoltas. Era um sonho que estas pessoas frequentassem minha casa, pra eu passar um café, pra eu acalmar, se fosse possível. Achava que se preenchesse a casa com notícias,

aqueles corpos, talvez, se lembrassem de alguma empatia. Arear panela. *(pausa)* Colocar notícia no azulejo. Um espirro do produto de limpeza. *(pausa)* Uma foto 3x4 no pires do desaparecido. Tudo ficava um charme! Uma casa interessante! Era isso, sobremesa, as últimas delícias, notícias espalhadas pela casa, retratos de jornais, fotos 3x4 dos desaparecidos e desaparecidas. Como não sabíamos reagir ao mundo fora dessa mesa, nos transformávamos em testemunhas, covardes, mas testemunhas. De que adiantava a excelência na pontaria se não sabíamos os significados? Eu matei um pássaro lindo e não sei o motivo. Matei.

Eu rezava para o fim das notícias, mesmo sem muito gostar de Deus, mas achava bom. Quando meu corpo se revoltava, mordida um melão, sapateava em cima dos morangos. Isso me acalmava!

1 e 2 investigam a mesa. 2 ainda faz gestos como se fizesse um discurso. 1 admira e a abraça. Riem.

1, 2 e 3 – Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um:

Bexigas caem. Velas brilhantes se acendem, uma festa de aniversário, Comemoram.

1 – Você já matou alguém?

3 – Já tive acidentes, uns pássaros, coisa boba.

2 – Só na minha cabeça.

1 – Eu queria ficar vivo até descobrir o meu nome.

2 – O que isso ia mudar?

1 – Tudo! Poderia mudar tudo! A gente podia fugir daqui, a gente sabe tanta coisa. A gente sabe. As frutas, a pontaria, temos força. A gente sabe, não sabe?

...

Sozinha na mesa.

3 – Venham! Venham! Desçam aqui!

...

3 – Venham! Alfredo está na mesa! Um *gentleman!* A língua entre os lábios, os olhos aborrecidos de sono. Tem até guardanapo para o felino!

...

3 – Venham!

...

3 – Venham!

...

3 – VENHAM!

3 – Venh...

3 – Puta que pariu!

...

3 – Estou com medo de subir as escadas e perceber a casa vazia, as crianças saíram nas ruas com morangos nos bolsos, tomate-cereja. São muitas crianças com as frutas nas mãos. Ainda quero ver alguém no quarto, esperando um beijo ou um segredo. O que dá no mesmo.

Eu escutava aqui na casa: comam frutas, elas organizam o corpo, são saudáveis. Mas nós entendíamos: atirem uns contra os outros, mirem bem, machuquem. Acho que isso é o amor. Você ouve, mas recebe o contrário. Quando éramos crianças, aqui na casa, achávamos que podíamos fazer uma revolução com as frutas porque se as pessoas sentissem o peso do fim talvez desistissem das guerras. Nós fomos entendidos e constituídos pela artilharia, pelo armamento multicor, bom, sem ódio, porque acreditávamos que éramos boas pessoas, mas alguma coisa começou a operar diferente entre nós. Não sabemos como paramos na casa. Sabemos que há algo para falar, por isso estamos tentando. Portanto, esperem, tentem esperar porque isso tudo é muito sério. Tudo isso é para dizer algo, mas ainda não sei como.

Eu rezo para as cadeiras vazias, eu rezo para as minhas especulações sobre a morte, eu rezo quando quebro o braço do presidente, eu rezo quando queimo minhas cartas, eu rezo quando eu detesto as pessoas que eu amo, eu cometo crimes diariamente na minha cabeça, são imagens belíssimas e creio que deveriam ser levadas ao cinema, somente ao cinema. Eu rezo porque só Deus gosta das rebeldias, porque se assim não fosse Deus já teria aparecido. Deus gosta das chibatadas, Deus gosta das carniças. Deus gosta das carnes esmurradas com força. Eu sei, Deus, eu sei bem como é a sua vida.

1 e 2 estão inquietos na mesa, procuram insistentemente algo, nos cantos, embaixo, em cima. 3 abre os jornais, recorta notícias e continua colando em todo espaço livre que encontra.

1 – Cadeira... pra quê?

2 – O felino.

1 – Que felino?

2 – O SEU FELINO!

1 – NÃO TEM FELINO NENHUM! MORREU!

2 – Saiu brincar!

1 – Eu vi os pedaços dele pela casa!

2 – Não eram pedaços dele! Tá bem: eram confusões na sua cabeça!

...

1 – Posso colocar uma foto de Alfredo na cadeira?

2 – Foto?

1 – Pra jantar conosco.

2 – Já faz anos!

1 – Você discursava quando era pequena e tentava me convencer que não eram os pedaços dele, que eram coisas na minha memória.

2 – Ninguém matou!

1 – Onde está, então?

2 – Na sua memória.

1 encontra uma foto de Alfredo.

1 – Vou colocar bem aqui. Ficou bom?

2 – Não gosto muito de uma foto em cima da mesa.

1 – Foto por todos os cantos da casa, dos desaparecidos, das rechaçadas, não tem problema algum!

2 – Mas estas fotos são de pessoas que nunca vi. Só ouvi falar. Nem sei se são reais!

1 – Um morto deixa de ser real?

2 – Tenho minhas dúvidas. Os jornais fazem cada narrativa!

1 – Se um morto não existir... O que vai nos acontecer? Como poderemos nos preparar para o ataque?

2 – Shiiiiiiiiiii! Você deveria parar de se preocupar com essas coisas e se esquecer de Alfredo. Fale baixo! Credo! Olhe mais pra mim! Sei lá! Fale coisas lindas. Passar o tempo! Esse é o jeito da vida aqui. Fale coisas bonitas,

corte bem as frutas, as verduras, coma, vá dormir. Não há o que fazer lá fora. Aqui você está seguro. É só dizer que me ama e viver isso. Completamente isso!

1 – Alfredo vai se sentar à mesa! Vai sim! Como todos os outros mortos ou... ou... ou sei lá! Além do mais, essa é só a foto DE UM FELINO!

2 – Coisa da sua memória. Vontade sua de ter um gato. Nunca houve. Agorafica quieto! Come, arrume a mesa!

Silêncio.

1 – Onde estão todos?

...

3 – Venham!

...

2 – Estamos só nós três!

...

3 – Venham!

...

1 – Sempre foi assim? Só você? Insistindo, enchendo a mesa de comida como se houvesse pessoas aqui.

3 – Sempre foram muitos, muitas, mas desapareceram.

...

3 – VENHAM! VENHAM! VENHAM!

3 – VENHAM!

3 – VENHAM!

3 – VEN...

3 – PUTA QUE PARIU!

2 (*para a plateia*) – Sete, oito, nove, dez. Nós saímos em seis. Carregamos morangos, os mais duros, os tomates maiores. Ninguém percebeu. Antes de sair de casa, percebi Alfredo na janela com as patas no vidro. Comecei a acreditar que ele existia. Já perdi a razão e nem sei. Alfredo sempre foi o motivo. Eu tenho certeza de que as pessoas lá de casa começaram a sumir por causa de Alfredo.

Eu odiava o felino, mas aquele dia parecia a última vez de muita coisa. A última vez que as carnes seriam esmurradas, as últimas notícias sobre as últimas averiguações da... da... da... Eu não sabia bem o que significava a palavra, mas ela estava escrita grande e isso acelerou meu peito.

Peguei as mangas e depois os morangos e saí com pressa para salvar o país. As aulas de artilharia deveriam servir para alguma coisa! Apaguei a luz e nunca mais voltei. Acabei morrendo com os morangos nas mãos, tentando rezar, tentando desbravar a... a... a palavra, aquela palavra colada em todos os cantos da casa, em todas as notícias, mesmo sem saber o que a palavra era. Morri com uma palavra engasgada dentro de mim.

2 começa a espalhar os jornais que estavam embaixo da mesa.

1 – A gente conversava sobre tudo o que estava acontecendo no país. Uma maneira para estar em alerta, nos preparar. Descobrir nosso nome e atacar, fazer valer cada fruta, cada mancha na roupa branca. Matar em nome do bem. Nós aprendemos a amar as armas, todos os dias praticando artilharia, mas com as frutas, porque a gente acreditava que éramos boas pessoas. Nós brincávamos de pontaria e nos sentíamos preparados. Algo além da realidade começou a operar entre nós.

Para a plateia.

2 – Tudo aprende a falar mesmo sem escolha, as palavras ficam se avolumando e você sente que há algo acontecendo com as palavras. Você sente que há algo acontecendo com as palavras, mesmo sem corpo, mesmo sem ninguém notar, mas há algo acontecendo com as palavras.

3 – Aos poucos começamos a pendurar os desaparecidos no pescoço, nas costas. As fotos, claro. Como se fosse um sinal, como se carregássemos em nosso corpo alguma matéria, algo para tocar. Eu sempre me assustei com as fotos pela casa, aquela obsessão. Era uma maneira de parecer menos covarde. Compartilhar notícias, dentro de casa, pelo menos. Não havia passado pela minha cabeça que tudo isso era sinal de amor. De amor. Eu dividia o café com o morto no pires. Ficamos em três, sem Alfredo, sem a pessoa mais nova. A mais corajosa, talvez. Isso suscitou a coragem para sair de casa. Arrumei duas mochilas e coloquei as fotos de todos os mortos.

2 – Dos desaparecidos, das anônimas, dos incompletos, das escolhidas para morrer.

3 – Arrumei duas mochilas e coloquei as fotos de todos os desaparecidos, de todas as desaparecidas. Porque ‘desaparecidos’ dá uma chance, uma suspeita. Faz levantar da cama com propósito, faz a gente arrumar a

mesa com todas as cadeiras. Eu odiava o felino, mas isso passou a se tornar a coisa mais importante para mim mesmo que nunca tivesse visto.

Fui.

Para a plateia em uma aceleração constante.

1 – Éramos em três. Nenhum sinal de Alfredo. A mulher pela casa, colando fotos incansavelmente. O sol não tocava as mobílias. A pessoa mais nova, desaparecida, anônima, sumida. Eu continuava a sentir a falta de meu felino, mas não havia aprendido ainda a lutar por ele. Éramos em três e já começávamos a trocar as frutas por outras coisas mais duras. Aos 30 não eram necessárias proteções para os pulmões, nem nada. A mesa estava praticamente vazia, migalhas de legumes espalhadas pelo chão. A mulher colocando fotos pela casa. Alfredo, nem sinal, a pessoa mais nova, nem sinal, a última que saiu, nem sinal. É difícil entender que negar a violência era uma das violências mais severas que se podem fazer com alguém. Sem as frutas, sem os pássaros, para praticar a pontaria, não havia graça. Era como se já estivéssemos expulsados todos dali. Nem pássaro, nem Alfredo, Nem Pitucha, nem Anastácia, quase ninguém. Acho mesmo que nunca pertencemos ao mundo porque depois da porta de casa era só o fim.

Sozinha, nua, para a plateia.

2 – Abril de 1964. Nós éramos em 10 em primeiro de abril de 1964. Nós estamos em três. Hoje estamos em três. Algo sempre operou entre nós. Alguma coisa começou a se passar com as palavras e, por consequência, a mudar todos os nossos corpos. Não importa a data. As relações permanecem em tudo. Tudo começa antes de ter começado. Me sinto sem rumo. Meu corpo quer cair!

Nu. Estão distantes um do outro.

1 – As pessoas em casa saíam e nunca mais voltavam. Achava desde muito cedo que saíam por minha culpa. Por culpar todas as pessoas pela morte de Alfredo. Não me lembro se existiu, se foi isso que me fez... Ai, ter um súbito!

Aproximam-se, rostos próximos, ternura.

2 – Eu achei que estava atrás de Alfredo, mas queria salvar o país. Eu queria salvar o país dessas notícias. A gente inventa nome pra aquilo que falta. O seu foi Alfredo. O bichano terrível, patas fofas. O grande erro é acreditar que as causas não se modificam. Eu não sei se ainda quero salvar o país. Salvá-lo de quê? Eu não

sei do que ele precisa ser salvo. Se dessas notícias ou se de nós mesmos. As causas parecem as mesmas, mas nos enganam. Nós parecemos os mesmos e nos enganamos. Tá tudo do lado contrário, tá doente demais.

Bexigas caem. Velas brilhantes se acendem. Uma festa de aniversário.

1, 2 e 3 – Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um:

Comemoram.

Sozinha, estão próximos, nus.

3 – Somos testemunhas, palavrórios sucumbidos para o fim. Nós estávamos bem. Só depois, do lado de fora, de estar para fora do quintal, que compreendemos que nós é que desequilibrávamos o mundo. O perigo não estava fora de casa, como bem diziam os sermões à mesa, nós é que carregamos o perigo para fora. O nosso corpo expulsa para fora o perigo. Ele rebate e destrói tudo! Tudo! Então precisamos desaparecer. Um por um. O aniversário, uma festa, um fim. A bem da verdade, éramos em 12, parecíamos uma praga cristã.

Conversam, comemoram, arrumam e bagunçam os jornais, parecem deslocados, perdidos, mas permanecem em busca de algum êxtase. Movimentam-se muito.

1 – Onde tudo começa?

2 – São cinquenta e cinco anos!

1 – Não! Você não entende! Onde esse vazio começa?

3 – Os jornais guardam tudo! Tudo! Tudo. Tudo. Tudo. Tudo.

1 – Não! O início não é histórico. Vocês me entendem? As coisas não são comparáveis. Precisamos ser lúcidos! Faz anos e vocês não entendem! Não saem de casa, espalham notícias. ONDE TUDO COMEÇA?

2 – Em sessenta e quatro!

3 (ri) – Inocente!

2 – Sessenta e oito! Quarenta e cinco! Oitenta e nove!

3 (ri mais)

1 – A gente testemunha, reúne, arquiva. E aí? O que a gente vai fazer com essa velharia amarelada? Vamos! Soltem essas bexigas e me digam, por favor, me digam... E depois contem algo bom. Do que vocês mais gostam?

2 – Dos morangos, você sempre dizia dos morangos. Você deveria parar de se preocupar com Alfredo e olhar mais pra mim! Parar de querer saber onde as coisas começam, onde as soluções se encontram. Não há

como saber! Que saco! Que... que... INSUPORTÁVEL! A gente só precisa ficar aqui, fechar as portas pra não desaparecer. Comemorar, supor festas! Sei lá. Fazer discursos dentro de casa! Você podia falar coisas lindas!

3 – Isso! Fale coisas lindas! Passar o tempo!

1 – Há algo para falar! Essa frase sempre acompanhou a gente! HÁ ALGO PARA FALAR! Mas o que é para falar? Adiantará jantar com um morto no pires? A gente tá se remoendo e se remoendo e se remoendo, ai! Não tem para onde ir! Isso tudo é mentira! Não tem nada para permanecer.

2 – INSUPORTÁVEL!

3 – UAU! QUESTIONADOR!

1 – Vocês não ouvem? Vocês não ouvem?

2 e 3 – Discurso! Discurso! Discurso! Discurso!

Bexigas caem, velas brilhantes acendem, uma festa de aniversário, comemoram.

1 – Eu tenho algo para falar!

2 e 3 – Aêêêêêêêêêêêêêêêêêê!

...

1 – Eu amo vocês, seus delinquentes!

2 – Não vem com essa! Há mais de vinte anos procura Alfredo e é a gente que você ama? Morreu, não há o que fazer! Você já pode amar a gente, viu?

3 – Há mais de 20 anos eu corto a carne, organizo a mesa, projeto as memórias dos dias. A memória ainda vai salvar o país!

1 – É preciso fazer algo, sim! O que tenho são rastros de Alfredo pela casa! A memória!

2 – É SÓ UM GATO!

1 – Eu mato quem matou!

3 (*zomba*) – É, nenê? Você gosta de lambe os pelos, nenê?

1 – Não importa a morte. O morto persiste!

2 – É SÓ UM GATO! Não é a memória de Alfredo que pode salvar alguma coisa. Você plantou essa neura, essa coisa na cabeça de todo mundo! Enquanto tudo e todos desaparecem, você tenta compreender um assassinato sem importância.

1- Assassinato?

2 - É modo de dizer. Calma!

3 - Você gosta de matar! Já matou pássaro, galinha, vai saber o mais já fez.

1 - Alfredo. É que Alfredo...

2 - Tome juízo! Tome juízo! Tem gente, GEN-TE, desaparecendo e é para isso que estamos aqui, é para isso que temos boa mira, é para isso que vivemos nesta casa. Para sair, para implodir as notícias do país. Nos encontramos nesta casa para reunir jornais, arquivar a memória desse lugar que vivemos, para depois agir.

1 - Toda organização tá sempre errada!

3 - Vou arrumar a Mesa!

2 - Vou aprontar a festa!

1 - Vou desaparecer!

2 - Desapegue que tudo aparece. Concentre-se em outras memórias. Já trocamos as frutas por coisas mais duras, já sabemos nos colocar, criar discursos como numa festa! Estamos quase prontos para fazer parte da refeição bem-vinda. De nosso país!

1 - A gente permanece vivo. A gente já não sabe sobre quais mortos estamos falando e se eles realmente existem. Que revolução é essa? A gente se perdeu e só acreditávamos nas palavras lindas, no que elas armavam. Eu não sabia que morrer era tão simples! O mundo está lá fora! Nós estamos em três. Três! Respire fundo!

Estão em pé, em frente à mesa, um ao lado do outro.

1 - Para onde nós vamos quando as palavras acabam?

2 - Eu não sei, mas me sinto viva!

3 - Eu também não sei. Eu aceito que estou viva. Li ontem na internet! Dizia assim: você está viva! Acreditei.

2 - Vamos esperar, vamos organizar as notícias. Abrir espaço na casa. Tá apertada demais! Daqui a pouco a gente vai agir. Eu acredito que sim.

3 - Agora a gente vai agir? Depois de tantos anos?

2 - Sim! Agora a gente vai!

3 - Então... vamos!

2 - Vamos. *(como quem discursa)* E não tentem me deter!

Não se movem. Grande pausa.

1 – Eu não sabia o que eu ia encontrar por tantos anos. Agora eu sinto que há algo para falar:

2 – Você sente?

3 – Como é sentir isso?

2 – Como é sentir a palavra que precisa ser dita?

3 – Você vai falar? Depois que você falar a gente vai agir?

2 – Como é que se ouve uma palavra?

3 – Tanto tempo esperando, tanto tempo organizando a casa, mirando nossos planos, nossas estratégias.

2 – Então... fala! (*sobe na mesa*) Estou pronta! Podem jogar os tomates como se estivéssemos em plena ficção, cortinas, luz da ribalta.

2 e 3 – Discurso! Discurso! Discurso! Discurso!

...

2 – E então? (*acende as velas*)

3 – Sem mais Alfredo, viu? Sem culpar as mortes da nossa casa, tá beleza? Já até preparei as bexigas!

2 – A gente ainda não disse o nosso nome! A gente precisa dizer o nosso nome! Se deixarmos de falar, a nossa tentativa falhará!

3 – O que difere um morto legítimo de uma desaparecida, de um desaparecido? O que tem mais força? Um nome ou um anonimato?

2 – Um nome pode solucionar um crime, abrir sepulturas.

3 – Quem começa?

Respiram fundo, muito fundo.

2 e 3 – Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um:

1 – Quem nos matou e por quê?

*Bexigas caem, muitas bexigas, depois você apaga a luz e vai embora. A palavra **Multidão** é projetada no espaço vazio e fica muito tempo sozinha ali. Você precisa esperar, portanto, deixe-a agir.*

CAMPOS GERAIS

CARTA DE PARIR TROVÕES

Igor Luige dos Santos Andretti

Personagens

Rafa

Sílvio

Jornalista

ATO I

Cenário: Casa de Sílvio. Mesa comprida no centro da cozinha com duas cadeiras, uma de frente para a outra. Armários nas paredes laterais. Pia e fogão do lado esquerdo da casa. Janela comprida ao fundo, tapada por cortinas que se estendem até a porta de entrada, à direita.

Luzes iluminam a cena fazendo aparecer Sílvio, que prepara um chá no fogão. Luzes mais intensas e azuis começam a piscar, iluminando e escurecendo todo o cenário continuamente, simulando raios. Ao pararem, as luzes amenas e estáticas retornam. Rafa, fora de cena, abre a porta para dentro da casa, tonto e incrédulo.

Sílvio – Eu estava te esperando, sabia?

Rafa (*ofegante*) – Sílvio?

Sílvio – Oi, Rafa.

Rafa – Sílvio... é você mesmo?

Sílvio (*vira seu corpo para Rafa, abre os braços*) – Ora, poeta! Esqueceste das cadências de minha voz? Por ventura eu seria mais um dos teus rascunhos indiferentes e dissidentes? Rafa, deixa dessa (*Sílvio ri*) Senta, vai. Estou preparando camomila, seu preferido.

Rafa (*olha para fora, fecha a porta, leva a mão à nuca e depois à testa, respira fundo e se senta na cadeira*) – Sílvio, não brinca com essas coisas, eu... (*pausa*) De verdade, mesmo. Não imaginava ver você novamente, e tão diferente...

Sílvio – Apenas envelheci um pouco, Rafa. Você também.

Rafa – Tantas coisas envelheceram, mudaram... tenho essa impressão.

Sílvio – Pois é, já eu sabia que um dia isso aconteceria. Das coisas mudarem tanto a ponto de eu poder te encontrar *(entrega uma xícara de chá para Rafa. Serve-se de outra e se senta junto à mesa.)*

Rafa – E que coisas mudaram, Sílvio?

Sílvio – Não prefere você me dizer?

Rafa – Prefiro, mas não estou me lembrando. Estou meio confuso, para falar a verdade, e minha cabeça está doendo. Quente.

Sílvio – Toma o chá, vai ajudar *(Rafa toma o chá)*

Rafa – Desculpa, mas que lugar é esse?

Sílvio – Aqui é minha casa. Moro meio escondido.

Rafa – Eu percebi, comecei a correr e, quando vi, estava abrindo sua porta. Nem enxerguei ela direito.

Sílvio – Correr? *(movimenta os olhos, como se soubesse de alguma coisa)* Para que a pressa?

Rafa – Não sei, eu... estava trovejando ali. *(Rafa olha e aponta para a janela)*. Você viu? Estava caminhando em direção à... Na verdade, não sei muito bem para onde estava indo. Me peguei numa tempestade assim, de repente, e quis encontrar abrigo. Tudo estava escuro. A última coisa de que eu me lembro foi bater à sua porta e... *(percebe suas roupas molhadas)* Ó, meu deus. Me desculpa, estou todo encharcado. Ai, ai, ai.

Sílvio – Ei, tá tudo bem. Joga a tua jaqueta ali no canto e se concentra no teu chá. Já, já o piso seca, não tem problema. Aqui é um lugarzinho onde essas coisas não importam, sem falar que aqui por aqui sempre tem trovão. A casa tá acostumada.

Rafa – Obrigado.

Sílvio – Disponha! *(pausa)* Rafa, não acho que você esbarrou aqui em casa devido a acidentes naturais. Não está se lembrando, mesmo? Tome seu chá, se acalme.

Rafa – Mas eu te disse, começou uma tempestade e daí...

Sílvio – Sim, eu ouvi. Mas antes disso, antes de você dizer que não sabia para onde caminhava. Antes da tempestade, do escuro. O que você queria?

Rafa – Bem... ai, ai *(passa a mão na cabeça, pensativo)* Olha, se eu fizer um esforço... Acredito que eu queria encontrar algo. Comprar, talvez... Algo de muita utilidade e de urgência.

Sílvio – E se você se esforçasse um pouco mais? Aqui eu posso até te ajudar, consegue se lembrar da última vez em que nos vimos? (*sorri*)

Rafa – Poxa, Sílvio. Aí me complicou. Depois de tanto tempo... poxa, poxa. Essa é difícil, deixe-me ver. Não consigo pontuar algo em detalhes. Nos encontramos em uma comemoração? (*Rafa bebe o chá*) Lembro sim de alguma coisa, de muita risada e bebedeira. Vários amigos nossos. O Martinho, a Carla, aquele casal de primos, o violão do Reginaldo, você. Ah, poxa. Foi logo depois do vestibular, a gente se reuniu num apê do litoral pra uma reunião da turminha da classe, acertei?

Sílvio – Estou surpreso.

Rafa – Cara... como eu poderia esquecer? (*bebe o chá*)

Sílvio sorri, levanta uma sobancelha.

Rafa – Eu sei, eu sei. Tá faltando alguma coisa, senti isso. Espera... estou ouvindo música... é popular... e tem um tom de saudade, tom de esperança.

Sílvio (*pigarreia, corrige a postura, molha a garganta e canta*) – “Diga lá meu coração, conte as histórias das pessoas...”.

Rafa – Meu deus, sim, sim! Gonzaguinha! Era aquele disco do meu pai, não me diga... Sílvio, seu danado. Agora eu me lembro. Estávamos na casa do meu pai, sim, sim. Me lembro. Ele a emprestou para a gente poder fazer a festa da antiga turma, assim ninguém nos incomodaria. Ninguém morava ali por perto, era só a casa e a orla. Acho que puxei o meu coroa mesmo, meio quieto e isolado. Tanto eu quanto ele acabávamos transpondo esses comportamentos em materialidades, e olha que nem reclamo, sabe? Genial, genial. Que saudade! O mar logo ali à nossa frente, era muito bonito e as vezes bem barulhento.

Sílvio – Bebemos um tanto esse dia.

Rafa – Sim, nos fartamos. (*suspira*)

Sílvio – E essa foi a última vez em que nos vimos?

Rafa – Sim... Quer dizer, eu sei que a gente se viu nesse dia.

Sílvio – Exato, doze anos atrás.

Rafa – Uau! Como passa, não é?

Sílvio – Num piscar.

As luzes do cenário começam a acender novamente, em grandes intensidades. Rafa coloca as mãos na cabeça.

Sílvio – O que foi?

Rafa – Minha cabeça, senti uma pontada.

Sílvio (*suspira*) – Rafa, você se lembra da última vez em que nos vimos?

Rafa – Ué, não acabei de dizer?

Sílvio – Sim, mas você parou a história pela casa do seu pai. Não chegou a contar do mar...

Rafa – Ora, ora. O mar? Só falta você me dizer que a festa, então, saiu da casa do meu pai pra terminar com a gente nadando, bêbados, no mar, pelo meio da noite? É o que me veio aqui de impressão.

Sílvio – Quase isso, Rafa.

Rafa – Quase? Opa... Caramba, como foi?

Sílvio – Só a gente foi para o mar, os outros ficaram na casa do seu pai e, digo para você, antes fosse que a gente ficasse ali pela orla, nadando como duas garças tontas. A nossa ideia foi brilhante. O barco do seu pai.

Rafa – Não acredito. Aquele barco mequetrefe? (*ri*, Sílvio também *ri*) Jesus, mas estava tão escuro... estou me lembrando. Ah, é claro. A gente foi recitar poemas no meio do mar, era o nosso dia. Nosso momento de despedida daqueles tempos estranhos e traumáticos de colégio. Nós éramos bem próximos e tínhamos nossos rituais, não é mesmo?

Sílvio – Isso é verdade, éramos muito próximos. Desde a escolinha eu te considerei meu melhor amigo.

Rafa – Eu também, Sílvio. Eu também, poxa.

Sílvio – Voltando ao barco...

Rafa – Ah, sim, o barco. O barco do meu pai se chamava... *Morena Tropicana*.

Sílvio e Rafa gargalham.

Sílvio – Seu pai era uma figura.

Rafa – Sempre, sempre.

Sílvio – Que mais?

Rafa – Pegamos o barco. E olha que nem pensamos muito, fomos só fazendo; colocamos duas garrafas de vinho dentro dele, acendemos uma lamparina à vela que achamos na despensa da casa e partimos rumo ao horizonte. Aquele lamparina de mão iluminava o que a gente precisasse ver dentro do barco e era toda protegida do vento, caiu como uma luva. A festa comendo solta lá em casa, dava pra ouvir a música lá de longe.

Sílvio – Isso, isso. Que momento! Dois aventureiros.

Rafa – Exato, dois aventureiros extremamente precavidos e consequentes (*ri, irônico*)

Sílvio – O poeta e o matemático.

Rafa – Bela dupla de saberes! Lembro de ter levado meu caderninho de poesia pra ficar berrando uns versos sem que ninguém pudesse nos ouvir.

Sílvio – Essa parte foi ótima, sim. Eu sempre amei seus poemas. Você às vezes me entregava alguns e eu os pendurava num prego da porta do meu armário. Me distraíam nos dias em que eu vivia no quarto estudando.

Rafa – Se eu era o poeta preguiçoso e tímido você era o ilustre “geniozinho”, a Marie Curie da quebrada. Inventava de tudo, estudava de tudo. Primeiro da classe em todos os anos, líder do grêmio estudantil, campeão estadual de xadrez, das olimpíadas de matemática e o escambau todo. Popular! Todo mundo queria ser seu amigo; garotas, garotos. Era difícil conseguir uma atenção.

Sílvio – Não querendo me gabar, eu tinha meus dotes. Nunca consegui parar quieto na vida, porém nunca consegui escrever poemas como você. Você escrevia sobre deuses, guerras, romance e morte. Eu não ia muito longe de umas rimas de amor e dor. Minha questão era a objetividade. Deu que para essa tal da sensibilidade não encontrei passo a passo, por isso não aprendi.

Rafa – O manual da sensibilidade é a contemplação da vida, meu caro. Comer a brisa, fundir-se às frutas.

Sílvio – Olha ele, todo lírico.

Rafa – Lirismo e as substâncias inebriantes, felicidade! Voltemos para o barco e ao vinho, pois estou me lembrando de outras coisas agora.

Sílvio – Claro!

Rafa – Barco, lamparina, garrafas de vinho, boias.

Sílvio – Não tinham boias.

Rafa – É sério?

Sílvio – Seríssimo! Se tivessem boias não teria graça. Se bem que a verdade é que eu fiquei de levá-las e esqueci. Você nem se deu conta.

Rafa – Mas que coisa, eu jurava que...

Sílvio – Vamos, continua.

Rafa – Agora me senti traído, Sílvio.

Sílvio – Deixa dessa, meu amigo.

Rafa – Tudo bem, eu supero (*Rafa finge birra e vira para o lado; cruza as pernas*) Onde estávamos mesmo?

Sílvio – Aqui, com licença... (*Sílvio se levanta, retira as xícaras da mesa e a vira de ponta cabeça*) No barco. A bordo, camaradas!

Sílvio senta-se numa lateral da mesa, Rafa se senta sobre a outra.

Rafa (*surpreso*) – Bom, isto aqui, com toda a certeza, vai esclarecer as coisas.

Sílvio – Não é só você que é criativo, Rafa.

Rafa – Então tá bom, perfeito.

Novamente, as luzes intensas que simulam raios começam a piscar rapidamente. Quando acabam, Rafa está com as mãos na cabeça, passa-as depois ao pescoço. Começa a coçá-lo.

Sílvio – Outra pontada?

Rafa – Sim, diferente dessa vez.

Sílvio – Vamos, Rafa, terminemos de rever a história e vamos dar um jeito nessa dor de cabeça.

Rafa – Tá tudo bem, tô melhor agora. Só me deu uma estranheza.

Sílvio – Então... estávamos no barco e você berrava versos.

Rafa – Sim, berrava o Pessoa. Berrava uns fracassos que tive na vida também. Uns traumas amorosos, e você só dando risada.

Sílvio – É que você estava realmente no personagem, como era mesmo? (*levanta-se e finge estar com uma garrafa na mão, a bebê-la*) “Porque não sei o quê, ninguém me ama. Porque não sei o quê, eu não sei gostar direito das pessoas. Devo estar fazendo tudo errado e no fim das contas eu sou um coitadinho, ninguém me entende. Buááá”.

Rafa – Pelo amor de deus, Sílvio. Que vergonha. Foi, foi isso mesmo que aconteceu, confesso que se a representação da cena for fiel a isso aí (aponta para Sílvio, de cima para baixo) eu peço mil perdões por ela.

Sílvio – Rafa, éramos dois bêbados, por favor. Olhe. (*continua sua imitação*) “Por que é tão difícil? Por que é que eu vivo escrevendo bobagens e na hora de agir eu me acovardo? Ó, céus, que sobre mim caia o bálsamo da ação e etecetera e tal”.

Rafa – Que constrangimento. Para, Sílvio. Você também não tá ajudando, né?

Sílvio – Mas foi isso o que aconteceu, ora!

Rafa – Oh, céus. Pare, que dor. (*esconde o rosto, rindo*)

Sílvio (*olha para Rafa com candura. Senta-se novamente*) – Que mais, Rafa?

Rafa – A fonte secou, e dessa parte em diante não me lembro de mais nada.

Sílvio – Tem certeza?

Rafa – Nenhuma.

Sílvio – Pois eu tenho.

Rafa – Então, diz lá.

Sílvio (*repara o chão e ri, desconfortado*) – Depois de berrar os versos do Pessoa você ficou esquisito, tirou alguma coisa do teu caderninho de poesia e guardou no bolso. Me olhava de canto. Deve ter pensado que eu não tinha reparado... eu estava mais sóbrio do que você.

Rafa – Ué, que engraçado. Que foi que eu guardei?

Sílvio – Calma... Deixa eu dizer. Você daí começou com um papo nostálgico, de acontecimentos passados, lembranças boas. De como na infância as coisas eram mais fáceis e tudo o mais. Estava que era um lamento só, acho que até se emocionou. Pensa num homem sensível e atípico.

Rafa – Senhor, a vergonha não tem fim.

Sílvio – Uhum, pois é. Falava também do jeito como a gente nunca se desgrudava na escolinha, daquelas brigas em que a gente se envolveu com o Plínio e a gangue. E eu só concordando.

Rafa – Caramba, a gente era briguento mesmo. Mas também, o povo só incomodava a gente. Era uma aporrinhção danada.

Sílvio – Sim, sim. Éramos aporrinhados.

Rafa – O que era incoerente, sei lá. Eu era esquisitão, sempre fui, beleza. Só que você... você sempre foi popular e boa pinta com todo mundo. Teu erro era andar comigo, eu acho.

Sílvio – Não era erro, cruze. Andava porque te achava maneiro, aquele quê de misterioso... E, Rafa, essa coisa de ser popular só fazia eu perder minha privacidade, sabe? Eu era participativo, não se engane. Gostava do contato, do movimento, porém essa coisa de holofote não me agradava tanto. Depois de certo tempo eu

queria ficar na minha, com quem eu tinha uma proximidade, e era sempre com você que eu tinha a liberdade de não ser tão sério, tão objetivo, tão promessa para minha família e para a civilização.

Rafa – Você sempre esteve destinado a coisas grandes mesmo. Arquiteto de sucesso, cirurgião, astrofísico...

Sílvio – Quem andava no mundo da lua era você, homem. Astrofísico de primeira.

Rafa – Bom, é. *(ri, tímido; instantes depois, se distrai com os detalhes da casa de Sílvio)*

Sílvio – Começou a ventar bastante.

Rafa – Desculpa, o quê?

Sílvio – No barco, Rafa.

Rafa – Ah, sim. Aí voltamos para a casa?

Sílvio – Não. Eu até tinha começado a arrumar os lemes, porém você me pediu um tempo.

Rafa – Tempo? Eu precisava mijar ou algo parecido?

Sílvio – Precisava me contar algo.

Rafa – Hm, interessante. O que era?

Sílvio – Era sobre teus sentimentos.

Rafa – E, de novo, eu berrando poesia... que sofrência maldita.

Sílvio – Na verdade não, não era poesia. Era relato.

Rafa – De quê?

Sílvio – Rafa, você revelou que me amava.

Rafa – Como assim?

Sílvio – Você começou com esse papo de...

Rafa *(interrompendo Sílvio)* – Espera, que história é essa?

Sílvio – Você escreveu uma carta para mim.

Rafa – Carta? Que é isso? Eu... *(Rafa se desconcerta, coça a cabeça)* Como é que... Não estou entendendo.

Sílvio – Agora tome você o seu tempo... tá na hora de se lembrar, viu? Faz aquele esforço lá de antes.

Rafa (tímido) – Tá. Ok... por mais estranho que isso seja, tô começando a me lembrar sim. Faz muito tempo, Sílvio. Talvez eu não saiba tudo tim-tim por tim-tim. Sei que nessa hora eu disse pra você que eu era, *errr*, uma espécie de...

Sílvio – Pedra.

Rafa – Isso, eu disse que usava dos meus versos confusos e nada orgânicos pra dizer coisas a quem eu não conseguia de fato, no papel do meu caderninho.

Sílvio – Daí eu te disse que existiam as...

Rafa e Sílvio (*terminam ao mesmo tempo*) – ...preciosas.

Rafa – Isso, isso. Me recordo. Daí eu te disse que as preciosas nada teriam a ver comigo. Que eu era do ordinário, do comum, e você terminou dizendo que preferia coisas acessíveis de qualquer jeito, e que era pra eu chegar logo ao ponto. (*ri, constrangido*)

Sílvio – Eu disse isso mesmo. Que se você fosse uma pedra preciosa seria ignorante, se acharia superior a todas as outras pedras. Gostava das comuns, pois eram caseiras, que nem você.

Rafa – É isso, eu me lembro. Perguntei para você se você ainda estava saindo com a Carla.

Sílvio – E eu te respondi que a Carla era apenas minha amiga, como você. Depois, você me disse que...

Rafa (*interrompendo*) – Tinha problemas com a nossa amizade. (*pausa*) Isso, foi isso.

As luzes do cenário ficam intensas e azuladas, começam a piscar rapidamente. Som de trovões. Rafa coloca as palmas da mão no rosto, tapando a cara. Um feixe de luz incide agora apenas na mesa, iluminando Sílvio e Rafa.

Sílvio – O que você quer dizer com isso?

Rafa – Veja, Sílvio. Isso não é de hoje, e está me matando. E agora com o pessoal da turma indo cada um para o seu lado... eu não sei. Fico com medo. Preciso te dizer uma coisa, antes de qualquer outra.

Sílvio – Fale.

Rafa – Lembra de quando você me protegia das brigas? Convenhamos, eu não era páreo para aqueles brutamontes da escolinha, nem talentoso pra ganhar no futebol sem você estando no mesmo time que o meu. Nem tão esperto pra conseguir nota máxima nos testes em dupla que tínhamos no colégio. Só que eu me animava, digo, eu me motivava... (*ênfase*) a participar dessas coisas para viver a experiência delas na maior

plenitude possível. E isso se deu apenas porque você estava ali, bem perto. Veja... eu nunca olhei para uma garota como todos os outros meninos olhavam, ou falavam sobre. *(emociona-se)*

Sílvio – Oh, Rafa. Ei, cara. Tudo bem. Não fica triste, não.

Rafa – Não fico. Quer dizer... Já fiquei muito, muito triste. Durante muito, muito tempo. Mas tô cansado disso, sabe? Sílvio, eu queria te dizer que tenho problemas com nossa amizade porque ela não é suficiente pro tamanho do meu peito. Saiba que... *(contorce o rosto, engole seco)*

Sílvio – Ei...

Rafa *(chorando, de cabeça baixa)* – Deixa eu terminar... *(pausa)*

Sílvio *(coloca a mão no ombro de Rafa, acaricia seu cabelo, o abraça. Logo depois, levanta-se. Faz um movimento como se pegasse uma garrafa da mesa e fica em pé, do lado oposto de Rafa)* – Fica tranquilo, Rafa. Eu não tô brabo com você nem nada, ok? Só queria dizer mesmo, não é motivo para tanto. Não se preocupe com isso. Você é a pessoa mais incrível que eu conheço e... vai, se recomponha, eu aguardo... *(olha pro nada do horizonte; gesticula como se bebesse um gole de uma garrafa; fecha os olhos, coloca a mão no peito e o aperta; sorri; abre os olhos; repara) ...mas não uma eternidade. Rafa, vamos. Está ventando forte e eu vi um raio lá de longe, vai vir uma... (um som alto de trovão retumba)*

Rafa *(dá um grito curto de dor; mãos novamente na cabeça; apressa-se)* – Olha, Sílvio, não vou conseguir. Eu previa algo do tipo, sou atrapalhado, então como não sei muito bem se o que estou dizendo está de fato saindo pela minha boca, eu escrevi uma carta. Nela contém outro tipo de som, talvez seja melhor para você ouvir. Digo... ler.

Sílvio – Vá bem, Rafa. Me entrega.

Luzes simulam raios novamente, começa um barulho de vento forte. Rafa tira a carta do bolso e se levanta para entregá-la a Sílvio. O som do trovão estoura e, com ele, a carta escapa da mão de Rafa. Sílvio salta para fora da mesa, no escuro.

Pausa.

Luzes amenas enchem de luz o cenário, novamente. Sílvio está em pé, fora da mesa, depois de pegar a carta que estava no chão. Ele e Rafa se entreolham e se recompõem.

Rafa *(suspira)* – E daí, o que aconteceu no fim?

Sílvio – Eu pulei, Rafa. Pulei para pegar a carta.

Rafa – Sílvio, você não sabe nadar.

Sílvio – Depois de ouvir o que você me disse, pensei que voaria. *(ri)*

Rafa – Mas... e eu?

Sílvio – Você ficou em choque enquanto eu voava. Acho que era muita informação para você aguentar de uma só vez. Seus braços ficaram estáticos, pernas também.

Rafa – Sílvio... *(pasma, balança a cabeça)*

Sílvio – Depois disso minha foto apareceu nos jornais, encontraram meu corpo uma semana depois. Virei pedra preciosa. Preciosa, voadora e superior. Superior porque inalcançável. Que coisa, não?

Rafa – Não posso acreditar... Eu... *(Rafa senta-se novamente na lateral da mesa; começa a chorar)* Eu consegui. Mais do que estragar com tudo, eu acabei com tudo. Eu... não sirvo pra nada. Eu matei a pessoa mais importante da minha vida por causa dessa coisa besta que estava sentindo. Por que é que eu invento isso de... Era eu que deveria morrer, era eu. Argh! *(coloca as duas mãos na cabeça, esconde o rosto)*. Sílvio, me desculpa. Eu não sei por onde começar a... Nada do que eu diga, Sílvio. Nada, absolutamente nada...

Sílvio – Rafa, eu nunca te culpei por isso. Ei, olha pra mim, olha pra mim. Eu nunca te culpei por nada disso, eu pulei para pegar a carta porque queria lê-la. Estava extremamente ansioso por ela. *(agacha-se, guarda a carta no bolso e coloca a mão no ombro de Rafa)* Eu também estava impactado com o que você me disse, pois, veja bem, Rafa. Eu... Poxa, Rafa. *(abraça Rafa, chora; olha para a porta)* Está na hora da gente ir.

Rafa – Para onde?

Sílvio – Para longe dos trovões.

Rafa – Mas eles estão lá fora, aqui estamos seguros.

Sílvio – Rafa, veja bem. Depois do ocorrido você contou tudo à polícia, tudo. Está me entendendo?

Rafa – Não muito.

Sílvio – Seu pai soube de mim, da carta, da revelação. Não foi fácil, Rafa. Todo mundo na cidade ficou sabendo, todos os amigos, sua família. Você foi corajoso até demais, tão corajoso... Você perdeu o contato de tudo e com todos. Não pegaram leve com você. A faculdade, os empregos, os poemas, o amor, tudo ficou árido. Nunca se foi uma boa época a nossa Rafa, para essas questões. Tempos depois, você só precisou de apenas uma, uma pisada fora da linha. Uma diferença marcante para... Te levarem.

Rafa – Me levarem para onde? Quem?

Sílvio – Rafa, há coisas nessa vida pelas quais ninguém precisava passar. Tudo foi muito intenso para você depois que eu fui, acho que no fim ninguém estava preparado para nada. Me refiro a todo mundo. Você foi levado para um tratamento... um tratamento de nervos.

Rafa – Você só pode estar brincando.

Sílvio – Não estou.

Rafa – Sílvio, como é que você sabe dessas coisas se você... *(gira a mão em torno da mesa)* Sabe?

Sílvio – Você ainda não entendeu? Por que você acha, Rafa? Por que estamos aqui nessa casa enquanto está trovejando lá fora, e para onde você estava caminhando antes de entrar aqui comigo?

Rafa – Eu, eu... precisava encontrar algo. Eu estava fugindo.

Sílvio – Mas de quê? Me diga.

Rafa – Não consigo me lembrar. *(coça a cabeça, triste)*

Sílvio – Claro que consegue, Rafa. Vamos... Precisamos ir.

Rafa *(cabeça baixa, chorando)* – Sílvio...

Sílvio – Do que você estava fugindo, Rafael?

Rafa *(gritando)* – Dos trovões, Sílvio! Dos trovões! Daquela gentalha infernal e chata. Eu estava fugindo dos trovões do meu pai, aquele ridículo. Me descartou como lixo, como se eu não passasse de nada. Quebrou meus discos, queimou meus cadernos, tudo... Eu fugi dos trovões dos nossos amigos, porque nenhum deles jamais confiou em mim depois de você, e os boatos correram e eu não estava segurando as pontas. Não conseguia fazer mais nada, nadinha. Eu fechava os olhos e via seu rosto. Achei que arrumando um emprego adiantaria de algo, porém não arranjei nenhum... A fama, Sílvio. Eu fiquei popular, igual a você. Sim, sim... Que merda. Você entrou no meu currículo, para onde eu ia lembravam de ti. Que grande merda!

Sílvio suspira, beija a testa de Rafa. Levanta-se e vai em direção à porta. Abre-a e sai da cena. A luz volta a focalizar apenas a mesa de Rafa.

Rafa *(chorando)* – Sílvio, me perdoa. Eu... Me desculpa, me desculpa. Eu senti tanta dor. Tanta dor, Sílvio. Como se eu engolissem vidro e tomassem rajadas de tiro. Me atravessassem um prego, me afogassem, me espremessem, me matassem. Todos os dias, todos os dias. Estava fugindo dos trovões dos homens de branco, doutores. São os piores, procuram me tocar. Se aproximam... Queria você comigo.

Luzes se apagam. Som alto de trovões.

ATO II

Cenário: o tablado, sem objetos.

CENA 1

Um feixe de luz foca em Rafa, de pé, no lado esquerdo da cena. Uma boia em sua cintura.

Jornalista (*fora de cena, narrando.*) – Foi encontrado hoje Rafael Medeiros de Pádua, capturado pelas autoridades após quebrar a vidraça de uma loja de artigos esportivos lançando uma pedra. Rafael, interno do Hospital Psiquiátrico da cidade já faz dois anos, fugiu da instituição vagando pelas ruas e amedrontando pedestres com perguntas. Testemunhas dizem que ele perguntava aos transeuntes onde poderia encontrar uma boia, pois ela era essencial para seu “plano de escape”. Funcionários do Hospital Psiquiátrico disseram que o infortúnio da fuga se originou por um erro de vigilância sob seus pacientes, e afirmam que, com a implementação de novos métodos de tratamento na rotina de Rafael, acreditam que ele não voltará a ter desejos de rebeldia perante o hospital. Ressaltaram, ainda, que a ciência tem sempre novas respostas para os fenômenos da mente. Rafael Medeiros de Pádua ficou conhecido amplamente pela população da cidade na década passada, quando estava presente no incidente com a tempestade que causou a trágica morte de Sílvio de Andrade, seu amigo. Tivemos, na época, um relato detalhado do próprio Rafael sobre o ocorrido (*pausa*).

CENA 2

Outro feixe de luz se acende, agora no lado direito da cena. Sílvio se dirige até ele.

Sílvio (*tira uma carta do bolso, abre-a e lê:*) – “És algo semelhante à corrente para o lustre, ou da Terra à órbita. Da matemática, o indivisível, da galáxia, o imperecível. Doce para o mais salgado metal, frio de toque em vulcão maternal. Te quero porque preciso. Por dentro, sou o reverso de um avesso. Sem você, a gravidade custa a falhar, e brilho da lua erra o talhar da sanidade. Por fora, estou inquieto e nevoeiro, morte fraca de coveiro. Te quero por inteiro, em montes ou gotejo, em gramas ou riachos, em selvas ou passeios. Leões, cordeiros. Falta-me mais da metade quando não me atinges. Como se não houvesse disco para a vitrola ou pena para o tinteiro, chave para o caseiro, modo para o mordomo, gola para o quimono. Sem finalidade. Uma história com gaveta fora do armário, geleia fora do pão, punhal sem desembainho, amor sem oração.

Teleologias. Quando durmo e sonho contigo, transbordo. Se por ventura te esqueço, é porque já me embriaguei. *(baixa a carta, continua, sem lê-la)* Sílvia, perdoe-me caso esta carta lhe machucar. Se um dia as tive, sei que em nenhuma de minhas reencarnações te desejei desconfortos. Mas penso que a vida é um tanto curta para olhar as nuvens e não imaginar coelhos, por isso revelo... Se não quiser me ver novamente, eu entendo. Apenas siga vida, e fique bem. Agora, caso queira escutar alguns discos, conversar, me oferecer um chá... Podemos parar um pouco as rotinas e olhar o céu. Espero que saiba do tamanho do passo que acabei de dar. Você me conhece, tenho pernas curtas. Estou tremendo. Eu te amo, Sílvia. O seu, de sempre, Rafael”.

Luzes azuis e intensas piscam por alguns segundos, simulando raios. Luzes intensas param e os feixes individuais permanecem. Sílvia olha para Rafa. Chora, preocupado. Caminha em sua direção. Entra no feixe de luz de Rafa. Devagar, os dois saem da cena de mãos dadas. Feixes apagam. Luzes intensas e frenéticas começam a piscar novamente, em silêncio.

FIM.

13 CHARGES PARA ROMA

Bya Paixão

ROMA, 1503.

CHARGE Nº 1

Julgamento, Tribunal.

Srta. Panazzolo – E naquele segundo imperou mais um silêncio

Juiz – Para a senhorita, nessa charge nº1, Deus havia se calado?

Srta. Panazzolo – Não! Estava se pronunciando através do carrasco.

Juiz – A guilhotina (*ri*).

Srta. Panazzolo – No pescoço de mais um “maldito”, não é mesmo?

Juiz – E...?

Srta. Panazzolo – Festa! A diversão dos fanáticos. A poderosa Igreja.

Juiz – A senhorita não sabe o que o decapitado havia feito.

Srta. Panazzolo – Quebrou alguma regra inventada pelo clero em nome da Santidade.

Juiz – Apenas pactos demoníacos levam uma criatura até a guilhotina.

Srta. Panazzolo – Sim! E não é preciso muito para qualquer pessoa iluminada ser vista como transgressora nesse período de trevas.

Juiz – Seu grupo estava nessa categoria, “iluminada”?

Srta. Panazzolo (*gargalha*) – Poetas, pintores, prostitutas, sábios... Acho que sim.

Juiz – Consta que, mesmo a senhorita tendo nascido em berço cristão, andava com esse tipo de gente, não é?

Srta. Panazzolo – E eles comigo, “Meritíssimo Juiz”.

Juiz – Dizem que a senhorita é bruxa.

Srta. Panazzolo (*gargalha*) – Eu gosto desse apelido!

Juiz – Nós, em nome de Deus, só prendemos corruptos, Srta. Panazzolo.

Srta. Panazzolo – Então, aconselho que não investiguem muito, ou vão prender uns aos outros, Meritíssimo.

O juiz bebe chá numa xícara branca de porcelana, após o seu experimentador particular bebericá-lo e consentir que não há veneno.

Juiz – A senhorita prega a palavra de Satanás, senhorita. Seus desenhos são pura aberração!

Srta. Panazzolo – Eu só mostrei ao povo, através da minha arte, a sujeira política de Roma. Como num espelho.

Juiz – O que a senhorita está pensando? Desafiar a nossa Santa Igreja desse jeito?

Srta. Panazzolo – Não estou pensando nada, Meritíssimo. Afinal, nesses tempos sombrios, é proibido pensar, não é verdade?

Juiz – Por que a senhorita estava foragida?

Srta. Panazzolo – O Papa Alexandre VI!

Juiz – Anarquista!

Srta. Panazzolo – Segundo o próprio Papa, era a minha cabeça ou meia dúzia de fiéis perdidos por dia através de minhas charges.

Juiz – A senhorita está debochando da Igreja!

Srta. Panazzolo – O senhor fala dos meus calções masculinos e meus sapatos de couro cor-de-rosa? Ó, Não! É apenas a última moda em Paris.

Juiz – O que eu me pergunto é por que a senhorita, sendo tão bem nascida, resolveu ir para o lado das sombras, abraçar a fé de Satanás?

Srta. Panazzolo – Eu sou uma aristocrata, sim, mas, por alguma razão, desde menina, quis defender o povo e debochar da minha própria classe que, muitas vezes, é burra, esnobe e egocêntrica, como o senhor, Meritíssimo!

Juiz: Mais uma blasfêmia!

Srta. Panazzolo – E, se estar ao lado do povo é abraçar a obra de Satanás, certamente vai notar os meus pés caprinos e meus chifres de Belzebu. Bú!

O auditório da sentença ri.

CHARGE Nº 2

Sala ampla. Srta. Panazzolo recostada numa poltrona. Tigela de uvas verdes nas mãos. Desenha olhando Srta. Alice, nua.

Srta. Panazzolo – Não se mova, preciso apenas apontar meu lápis! Mas para não dizer que sou carrasca, uma pequena uva nessa sua pequena boca bonita.

Alice – Sim, senhorita.

Srta. Panazzolo – Seus ombros são perfeitos.

Alice – Obrigada, senhorita.

Srta. Panazzolo – Não me chame de senhorita, apenas de Nero!

Alice – Sim, senh.. Sim, Nero!

Srta. Panazzolo – ...

Alice – ...

Srta. Panazzolo – Seu beijo é quente, doce... Mas não é porque seu beijo é bom que vai estragar o meu retrato. Não se mova.

Alice – ...

Criada entra.

Criada – O garoto da correspondência deixou um recado, Srta. Panazzolo.

Srta. Panazzolo – Que recado?

Criada – Depois de a charge nº 2 ter sido publicada, o Papa proibiu qualquer um dos seus desenhos de serem vinculados no jornal.

Srta. Panazzolo – Sob que acusação?

Criada – Disse que é uma obscena piada de mau gosto.

Srta. Panazzolo – Quem ele pensa que é?

Criada – O Papa??

Srta. Panazzolo – Não há razão para isso!

Alice – Deve ser porque a senhorita debochou dos cardeais, ilustrando que são velhos caquéticos com hemorroidas.

Srta. Panazzolo – Foi piada!

Alice – Ou porque a senhorita também já desenhou as madames como se a modinha delas fosse fútil e elas, mais feias que a necessidade.

Srta. Panazzolo – Por uma bobagem dessas? Não pode!

Alice – Ou porque a senhorita desenhou uma mulher como carrasco cortando os culhões dos velhos ricos e sexistas que são contra o voto feminino.

Srta. Panazzolo – ...

Alice – Acho que isso é bem obsceno.

Criada – E ofensivo.

Srta. Panazzolo – Ah, que merda!

Alice – E porque a senhorita tem mais renda que qualquer cavalheiro da cidade, bebe mais vinho e gosta mais de mulher que eles!

Srta. Panazzolo – ...

Criada – Isso é uma verdade!

Srta. Panazzolo – Bosta! Merda, merda e merda!

Alice – E a senhorita fala muito palavrão também.

Srta. Panazzolo – Alice, de que lado você está?

Alice – Só estou tentando ajudar.

Srta. Panazzolo – Isso é um ataque pessoal do Papa. Vai contra a liberdade de pensamento e expressão!

Alice (*a si mesma*) – Deve ser porque a senhorita já foi para a cama com a filha dele.

Srta. Panazzolo – Alice! Calada! (*coloca várias uvas na boca de Alice*) Pois vou desenhar a cara desse burro velho nos muros da praça se preciso. (*para Alice*) E você não se mexa até eu voltar!

Criada – Voltar?

Srta. Panazzolo – Sim, preciso ver o que está acontecendo.

CHARGE Nº 3

Palco desmontável sobre uma carroça. Trupe mambembe se apresenta na rua. No caminho do jornal, Srta. Panazzolo para alguns segundos para assistir à encenação e gargalha.

Arlecchino – O rei está nu! O rei está nu!

Pantalone – Não consigo ver nada.

Isabella – Também! É uma coisinha desse tamaninho!

Plateia ao entorno da carroça ri.

Arlecchino – O rei está nu! O rei está nu!

Pantalone – Ainda não consigo ver nada.

Isabella – Pode esquecer, meu filho! Pelo tamanho do cajado, nem ordens ele consegue dar mais.

Plateia ao entorno da carroça ri. Guardas entram em meio ao público e interrompem a apresentação.

Guarda – Por ordem do Papa, a partir de hoje, qualquer manifestação pública sem a devida autorização da Santíssima Igreja está proibida!

Plateia resmunga. Guarda bate o cacete na ribalta.

Guarda – E quem não obedecer terá a prisão decretada agora mesmo!

Srta. Panazzolo – Bela impostação de voz, seu guarda. O senhor é um ótimo ator!

Guarda – Sou um oficial, não ando com vagabundos!

Srta. Panazzolo – Ué, pensei que era comandado pelo Papa!

A plateia ri.

Guarda – Mais respeito! Ou te dou ordem de prisão por perturbar a ordem pública.

Plateia se dispersa. Srta. Panazzolo se retira do meio da multidão e vai ao jornal. Chega ao jornal e é recebida pelo tipógrafo revisor.

Tipógrafo Chefe da Gazzetta – Desculpe, senhorita. Se dependesse de nós... São ordens, então... A edição de amanhã que sairia com sua charge nº 3, sobre liberdade de expressão, foi apreendida por voto unânime dos cardeais.

Srta. Panazzolo – Isso já está beirando o absurdo!

Tipógrafo Chefe da Gazzetta – E para que todos e (*aponta para Srta. Panazzolo*) todas nós também não paremos na fogueira, decidimos desligá-la do jornal.

CHARGE Nº 4

Juiz – A senhorita é uma meretriz que está no mundo por ordem do diabo!

Srta. Panazzolo – Tem medo do humor, Meritíssimo? Tem medo das risadas da plateia? Um povo que não sabe rir de si, dos seus juízes e de seus governantes está fadado ao fracasso.

Juiz – Humor! A senhorita acha que desenhar cardeais com cara de porco mamando nas tetas de uma porca obesa, como se fosse o Palácio Apostólico, é humor?

Srta. Panazzolo – Não! A charge nº 4 foi apenas um ato informativo ao povo que não sabe ler.

Juiz – Agravante! Ato de ofensa!

Srta. Panazzolo – Ofensa seria se eu tivesse matado e torturado tanto quanto vocês fizeram em função de dinheiro, silêncio e poder.

Juiz – Blasfêmia!

Srta. Panazzolo – O Papa foi até meu ateliê, babar ameaças de bode velho como as suas.

CHARGE Nº 5

Srta. Panazzolo – A que devo a honra, “Reverendíssimo”?

Papa – A Igreja sempre surpreende o ímpio!

Srta. Panazzolo – E Deus?

Papa – Nós somos Deus!

Papa, usando luvas de inverno, abre um calhamaço.

Srta. Panazzolo – Ó, não sabia que tinha um apreciador tão ilustre.

Papa – Eu, em meu santo ofício dado por Deus, me reuni com os cardeais e decidimos queimar suas charges em praça pública, como exemplo de purificação.

Srta. Panazzolo – O que há de errado com minhas ilustrações? Está machucando o frágil coraçãozinho de Vossa Santidade? Dá um beijinho que passa.

Papa – Artista decadente e de péssimo humor. Está condenada ao inferno.

Srta. Panazzolo – Gosto de calor.

Papa – Em breve estará condenada também sob a lei dos homens.

Srta. Panazzolo – Porco!

Papa – Dobre essa língua, sua imunda! Em breve será destruída junto de seus amigos e tipógrafos crápulas do jornaleco da oposição. Beberrões, proxenetas, degenerados, rameiras...

Srta. Panazzolo – Nossa! São meus amigos e tipógrafos? Pensei que estava escalando a sua cúpula sacra de assessores.

Papa – Com tanto escárnio, não acha que irá permanecer impune, não é?

Srta. Panazzolo – O jornaleco adoraria sua cabeça numa bandeja, com peruca branca e tudo! Acho que essa será minha charge nº 5 para a próxima edição.

Papa – Você não vai transformar a cidade de Roma numa esbórnica!

Srta. Panazzolo – Quanto temor por alguns desenhos insignificantes de uma artista decadente e de péssimo humor.

Papa – Temor? Ora, é uma palavra que Deus não conhece.

Srta. Panazzolo – E Vossa Santidade?

Papa – Eu sou o escolhido de Deus! (*um bote certo no pescoço de Srta. Panazzolo*) Ordenei o recolhimento de seus livros e a proibição de suas charges em todo o território de Roma. Em breve irei esmagá-la com minhas

próprias mãos (*solta o pescoço dela*). Mas, antes, quero ver seu desespero enquanto corre de mim. Uma galinha acuada por um coioote, até pedir perdão.

Srta. Panazzolo – (!!!!...)

Papa – Eu sou a justiça e a vida, senhorita!

CHARGE Nº 6

Uma pequena rotunda branca tem a charge nº 6, mostrando ratos gigantes vestindo roupas de cardeais. Na frente da rotunda, um ator cômico interpreta num caixote improvisado.

Arlecchino – E o Cardeal, o mesmo que proíbe por lei homens de se deitarem com homens, mulheres de dormirem na mesma alcova de outras mulheres, disse pro seu criado: “pode vir que eu sou sua cadelinha...”

Os bêbados e as prostitutas do beco gargalham com a comédia. Srta. Panazzolo está gargalhando numa das mesas também.

Mestre Blazh – Posso saber por que a melhor chargista dessa cidade frequenta esses becos?

Srta. Panazzolo – Porque é o único lugar onde minhas charges ainda têm vez. Becos sujos, cheios de fedor de vômito, urina, vinho avinagrado e ovo cozido. Mesmo assim, cheira melhor que o hálito do Papa!

Mestre Blazh – Adoro a juventude revoltada. É bem desse espírito que preciso para meu jornal. Prazer, Mestre Blazh, tipógrafo chefe do Jornal Piazza. O que faz oposição ao Papa (*estendem as mãos e se cumprimentam*). Também queremos a cabeça dele na guilhotina. A senhorita tem muitos amigos nesse beco, não é mesmo?

Srta. Panazzolo – Conheço todo mundo. Mas, em especial, tinha três amigas. Todas poetas e fanfarronas!

Mestre Blazh – E o que aconteceu com elas?

Srta. Panazzolo – Foram torturadas e mortas pelos guardas do Papa.

Mestre Blazh – Elas também desafiavam as autoridades como você?

Srta. Panazzolo – Não. Elas só existiam. E esse era o problema.

Mestre Blazh (*ao garçom*) – Mais dois canecos, por gentileza!

Srta. Panazzolo – A primeira nasceu Homero, mas se tornou Artemisa. E era esplendorosa, usava perucas avantajadas, traduzia do grego e xingava em alemão com a mesma ótima habilidade que fazia versos.

Mestre Blazh – ...

Srta. Panazzolo – Por ele ter nascido Homero, eu e minhas outras amigas resolvemos ocultar nossas identidades com nomes clássicos também. Isolda se tornou Virgílio para escrever poesias num jornal.

Mestre Blazh – ...

Srta. Panazzolo – A terceira de minhas amigas adotou o nome de Eurípedes para escrever sobre política na Gazzetta. Assim como Virgílio, Eurípedes também era uma mulher que se deitava com outras mulheres. Era muito boa de briga. Principalmente contra homens, por dívida de jogo.

Mestre Blazh – E o seu pseudônimo?

Srta. Panazzolo – Eu adotei Nero!

Mestre Blazh – O Imperador que botou fogo em Roma.

Srta. Panazzolo – Mas nunca assinei trabalhos com esse nome. Só meus amigos e amigas me conhecem assim. Sempre preferi a cara limpa. E por injustiça e ironia do destino, sou a única que o Papa ditador ainda não matou.

Mestre Blazh – E que tal assinar suas charges para meu jornal com esse nome daqui por diante? Creio que a senhorita tem o queijo e a faca em mãos. Ou melhor, a corda, a faísca e a combustão. Esse povo é analfabeto, mas se conscientizará rápido através de seus desenhos de humor.

Brindam enquanto a plateia do beco clandestino ri da comédia bufa a que assiste.

CHARGE Nº 7

Alice – Vai desenhar para o Jornal Piazza? Que maravilha!

Srta. Panazzolo – Será o fim da minha era proibida e o início do Império de Nero!

Alice – O Papa vai ficar louco, porque a oposição cresceu muito, e ainda com a sua Arte... Ou ele se enforca ou terá que enforcar todo o povo de Roma.

Srta. Panazzolo – Sim! E você praticamente descreveu em detalhes a minha nova charge nº 7: o enforcado das cartas na versão Alexandre VI.

Alice – Arte provocativa e malcriada! A sua cara, meu amor!

Srta. Panazzolo – ...

Alice – ...

Beijam-se, despem-se e entram numa banheira. Criada entra no aposento com um jarro de porcelana em mãos. Joga mais água morna na banheira e serve dois cálices de vinho.

Criada – Eu acho difícil não perceberem o seu senso de humor marcante, senhorita. Mesmo como “Nero” daqui por diante, seus traços são inconfundíveis. Será que o Papa cairá nessa?

Alice – É verdade!

Srta. Panazzolo – O Piazza me acobertará enquanto puder. Antes disso tentaremos derrubar o Papa.

Criada – Só tenha cuidado, porque Alexandre VI é um demente sanguinário.

Alice – É verdade!

Srta. Panazzolo – Boa ideia. Vou desenhar um corvo com um solidéu e uma foice da morte em mãos para a resenha que sairá semana que vem.

Gargalham.

Srta. Panazzolo – Mas, antes, vamos beber esse vinho, Alice!

Alice – É mais que verdade!

As duas brindam. A criada se retira.

CHARGE Nº 8

Capangas afogam a cabeça de Alice dentro de um poço para fazê-la testemunhar contra Srta. Panazzolo.

Criada – E é isso, Santíssimo Papa, o jornal de sua oposição terá as charges que fazem esse povo todo rir às suas costas. Como essa charge nº 8 do corvo! E tem também a do enforcado, que já foi para a prensa.

Papa – Maldita!

Criada – Não é mesmo, Srta. Alice?

Papa (aos guardas) – Vai!

Água.

Alice – Eu juro, eu não sei!

Criada – Ela sabe, sim, Santíssimo Papa, porque as duas se banham e se deitam juntas, essas porcas.

Água.

Alice – Eu juro que eu não ouvi nada. Eu juro!

Água.

Criada – Se você aceitar testemunhar contra a sua amante, tenha certeza de que terá uma ótima bonificação, além de se tornar uma protegida do Papa ou...

Água.

Alice – Tá bom, tá bom, tá bom!! Ela está fazendo charge para o Jornal Piazza... Tudo para desafiar Vossa Santidade!

Papa – Não é suficiente!

Água.

Alice – Chega, chega... Ela quer destruir a Igreja e tem pacto com o capeta!

Água.

Alice – Pelo amor de Deus, chega...

Água.

Alice – Chega! Ela é uma bruxa, ensina feitiçaria, todo dia incorpora o demônio e bebe o sangue de virgens. Primeiro, ela dorme com as virgens, depois as mata. E ainda come as vísceras.

Papa – Ó, interessante! Podem desamarrá-la e jogá-la na masmorra.

Criada – Com sua licença, Santíssimo Papa! (*beija a mão do Papa*)

Papa – Que Deus lhe abençoe!

CHARGE Nº 9

Mestre Blazh – Que furacão passou por aqui?

Srta. Panazzolo – Minha embriaguez.

Mestre Blazh – O seu pagamento pela primeira charge conosco. A edição foi a mais vendida dos últimos tempos. O povo ama seus desenhos. Organizações externas a Roma se juntarão a nós contra o sistema ditatorial do Papa.

Srta. Panazzolo – Alexandre VI capturou Alice. Eu vou atrás dele.

Mestre Blazh – Não faça isso, você pode fazer mais por ela aqui, escondida, do que tentando invadir o Palácio Apostólico.

Srta. Panazzolo – Eu quero a cabeça dele na lâmina.

Mestre Blazh – É questão de tempo para a cabeça do Papa cair bem em nossas mãos.

Srta. Panazzolo – E, até lá, quantas mais das nossas cabeças serão? Alice foi condenada à guilhotina em praça pública sem ter feito nada!

Mestre Blazh – Acalme-se.

Srta. Panazzolo – Você não foi seguido?

Mestre Blazh – Certeza de que não. Esses restos de comida e esses canecos de bebida jogados pelo chão podem juntar ratazanas.

Srta. Panazzolo – A única ratazana que estava aqui era minha criada, a espiã do Papa. *(mostra uma charge amassada, a de nº 9, com o título “A Espiã do Papa”, pronta para a publicação de capa do Jornal Piazza)*

CHARGE Nº 10

Prostituta veneziana olha a parede de Srta. Panazzolo, onde há diversas charges penduradas para secar a tinta.

Veneziana – Quantos desenhos lindos! Você que faz?

Srta. Panazzolo – Sim!

Veneziana – Esses aqui são bonitos também, mas são bem engraçados. É uma galinha esquartejando a pança de um coioote velho? *(gargalha e lê)* Char...ge nú....me.....ro de... dez.

Srta. Panazzolo – ...

Veneziana – Nunca conheci um artista antes.

Srta. Panazzolo – Uma artista! Sou senhorita.

Veneziana – Calções em vez de vestidos? Nossa! Jurava que era cavalheiro. Mas, enfim, conheço políticos e até (*sussurra*) bispos. Mas artista é a primeira vez. Já aviso que por trás é mais caro (*se despe*).

Srta. Panazzolo – Vista-se! Tudo o que eu quero é lhe desenhar como os retratos femininos que estão desse lado da parede. Não os engraçados, esses aqui. E saber mais sobre políticos, bispos e cardeais. Não conte para ninguém, mas sempre sonhei em conhecer o Papa. Sou muito devota! E sei que tem acesso ao Santíssimo.

Veneziana – Como a senhorita sabe sobre o (*sussurra*) Papa?

Srta. Panazzolo – Eu tenho minhas fontes. E de onde veio essa fonte (*se refere ao saco de dinheiro*), pode vir muito mais, caso eu vá pessoalmente conhecer a ala secreta do Palácio Apostólico...

Veneziana – Por isso minha avó sempre disse que artistas eram loucos. Meu avô tocava violino. E morreu louco.

Srta. Panazzolo – Sim ou não?

Veneziana – Vai pagar para ser uma meretriz? A senhorita é engraçada. Geralmente a gente recebe em vez de pagar.

Srta. Panazzolo – Fantasias. Garanto que também tem as suas. (*Veneziana pega o dinheiro*) Fica só entre nós.

Veneziana – E mais ninguém! (*Srta. Panazzolo começa a desenhá-la*) Tem uma reunião que vai acontecer amanhã no Palácio do Papa. Depois haverá um banquete que nada mais é que um bacanal. Uma carruagem nos pegará ao entardecer, em frente ao Coliseu.

Srta. Panazzolo – Estarei lá.

CHARGE Nº 11

Banquete, Palácio Apostólico de Alexandre VI.

Srta. Panazzolo – Como funciona tudo por aqui?

Veneziana – Só me siga e sorria. O Papa geralmente se esbalda com rapazes, então foi ótimo esse seu disfarce.

Srta. Panazzolo – Eu me visto assim, sempre. Lembra?

Veneziana – Ah, desculpa. A senhorita é um cavalheiro sem bilau, não é?

Srta. Panazzolo – Sem asneiras, por favor. Onde fica a entrada dos prisioneiros?

Veneziana – Por ali. Mas ninguém tem acesso, somente os guardas.

Srta. Panazzolo – E a cozinha?

Veneziana – Por ali. Mas não pode entrar também. É restrito. A gente vem, faz o serviço e nos escoltam até aquela porta ali, que é uma saída secreta do palácio.

Srta. Panazzolo – Que pena. Eu queria tanto ver a cozinha do Papa. Iria até entregar um retrato de presente. Olha: minha charge nº 11 é o Papa sendo adorado por anjos (*mostra o cartão*).

Veneziana – Que lindo! Mas por que tem essa galinha na cabeça de um coioote? Eu, hein! Que obsessão por galinhas e coiootes, credo!

Srta. Panazzolo – Alguém poderia me levar lá? Eu pago mais caso você saiba.

Veneziana – Tá bom. Eu não posso, mas aquele rapaz ali tem acesso.

Srta. Panazzolo – Acho que vou ali, conhecê-lo melhor, então. Obrigada por tudo. Será uma noite inesquecível!

Veneziana (*vendo Srta. Panazzolo se afastar*) – Esses artistas!

CHARGE Nº 12

Papa – Aos Reverendos presentes nessa santíssima ceia, amanhã iniciaremos mais uma guerra santa. Ou seja, até sábado, dia de execução, quarenta cabeças estarão na guilhotina. Será um grande dia para a glória de Deus!

“Amém”, fala o coletivo dos cardeais. Erguem os cálices.

Papa – Comeis e bebeis todos, esse é o meu corpo e o meu sangue. (*Música, festa e burburinho. O banquete é servido e todos se fartam. Mulheres e rapazes sentam-se seminus no colo dos frades e cardeais. Um dos cardeais, já bêbado, abre o jornal e se depara com a charge nº 12 assinada por “Nero”, onde o Papa está nu com um ramo de oliveira na cabeça dentro de uma banheira repleta de ratos. O Cardeal gargalha muito até tossir. Não para de tossir e vomita. Srta. Panazzolo espia tudo da porta da cozinha. O segundo frade tosse. O terceiro, o quarto, o quinto e também o Papa, que vomita espuma e grita*) Veneno!

CHARGE Nº 13

Juiz – Então, essa é a confissão do assassinato do Papa, envenenado por sua pessoa e debochado na charge nº 13, publicada no Jornal Piazza, na véspera da morte do Santíssimo, através de seu pseudônimo “Nero”, sua pérfida!

Srta. Panazzolo – Foi uma premonição de justiça contra vosso venerado e venéreo torturador!

Juiz – Sua sentença será lida a seguir, sem mais delongas, Srta. Panazzolo. Peço que todos no recinto se levantem. A senhorita está condenada por obscenidade, fornicação, sodomia, feitiçaria, lesbianismo, invasão de propriedade clerical na cidade de Roma e o grave assassinato do Santíssimo Papa, Alexandre VI. A sua sentença será a guilhotina e...

Tremores de terra.

O tribunal começa a tremer. Os populares invadem a tribuna. É a revolução do povo de Roma. Todos e todas com tochas em mãos rendem os guardas e cantam por liberdade. Libertam Srta. Panazzolo a mando do Mestre Blazh. Multidão está em frente ao Palácio Apostólico em protesto por reformas. Alice reencontra Srta. Panazzolo. Beijam-se num abraço apertado.

Alice – Parabéns, Nero! Conseguiu colocar fogo em Roma outra vez!

Alice e Srta. Panazzolo se beijam novamente e se juntam a multidão.

FIM.

*O Papa Alexandre VI morreu por envenenamento em 1503.

SOBRE OS AUTORES

ALAN NORÕES

Nasceu em Fortaleza, em 1988. Publicou o livro de contos *A lua de Ur num prato de terra* (7Letras), contemplado com o Edital de Incentivo às Artes, da Secretaria da Cultura do Ceará. Recebeu a Bolsa Funarte de Criação Literária em 2010 para escrever um romance, ainda inédito. Foi repórter dos jornais *Folha de S.Paulo*, *Agora São Paulo* e *O Povo*. Atualmente colabora para o *Rascunho* e trabalha como revisor de textos na Universidade Federal do Paraná. alansnq@gmail.com

ANA BEATRIZ GUERRA

Nasceu no Rio de Janeiro e é formada em Comunicação Social. Hoje atua como astróloga, tradutora e terapeuta holística.

ANDRÉA CEVIDANES

Atriz, diretora e dramaturga. Fundadora e Produtora da Cia Teatro Porão, sediada na CASA - Casa de Atividades Sociais e Artísticas em Jacarepaguá (RJ) onde realiza diversos projetos culturais. Professora e Fundadora da “Oficina das Artes”, a mais de 20 anos. Dramaturga. Fundadora e Produtora da Cia Teatro Porão, sediada na CASA - Casa de Atividades Sociais e Artísticas em Jacarepaguá (RJ) onde realiza diversos projetos culturais. Professora e Fundadora da “Oficina das Artes”, curso livre de teatro a mais de 20 anos. andreaporao@yahoo.com.br

BYA PAIXÃO

Bacharel de Turismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Produtora do Grupo de Teatro Letras Cênicas. Premiada em 1º lugar no edital Concurso Nacional de Contos “PAULO AUGUSTUS MALUF” 2014. Em 2016 foi produtora e diretora do espetáculo “Amores Machado de Assis” que foi premiado em diversos festivais, sendo indicada como melhor diretora em três festivais e ganhou como Melhor Direção no 24º FESTIVALE. biapf09@gmail.com

IGOR LUIGE DOS SANTOS ANDRETTI

Graduando em Psicologia, iniciou na arte de criar poesias e músicas. Participou de festivais de músicas e de cinema tendo sido premiado. Possui um canal no Youtube chamado ‘BABIM’, no qual posta videoclipes de suas canções. igorluige@gmail.com

TAIRONE VALE

Iniciou os estudos de atuação e dramaturgia ainda na faculdade de jornalismo. Fez parceria profissional e artística com o diretor Rodrigo Portella, atuou em “Uma História Oficial”, (com quem co-escreveu o texto e que rendeu a primeira indicação ao Prêmio Shell ao diretor). Na TV participou de diversas séries e novelas na Rede Globo das quais destacam-se “O Outro Lado do Paraíso”, “Deus Salve o Rei”, “Espelho da Vida” e “Segundo Sol”. Também atuou no cinema em diversos curta-metragens tais como “Rosalita”. Além de suas atividades artísticas que incluem canto e violão popular, dedicou-se à carreira publicitária. tairone@mostardapropaganda.com.br

THIAGO DOMINONI

É Bacharel em Artes Cênicas (UNESPAR – FAP), Especialista em Literatura e língua Portuguesa (UTFPR), Mestrando em Artes (UNESPAR). É agente cultural, ator, encenador e dramaturgo. Trabalha na Biblioteca Pública do Paraná e ministra cursos voltados para Literatura e mediação literária, Literatura para crianças e Teatro com ênfase em criação de dramaturgias, processos de encenação e atuação. Indicação ao troféu ‘Gralha azul’ pelo texto inédito ‘A carne cambiante’ em 2017. Atua também em diversos projetos sociais. thiagodominoni23@gmail.com

WILSON COELHO

Licenciado e bacharel em Filosofia e Mestre em Estudos Literários pela UFES, Doutor em Literatura Comparada pela UFF. Diversas oficinas e cursos na área artística. Professor universitário, possui 20 livros publicados; autor premiado em 1º em concurso de dramaturgia promovido pelo DEC-ES, com a peça ANTONIN ARTAUD – ATOS DE CRUELDADADE. Diversas outras obras montadas e direção de 23 peças somente com o Grupo Tarahumaras de Vitória, desde 1987. Colaborador de diversas revistas de teatro. Auditor Real do Colégio de Pataphysique de Paris, entre outros trabalhos. wilsoncoelho@gmail.com

SOBRE OS CURADORES

GILVAN BALBINO



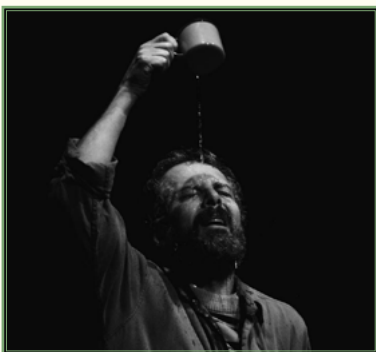
Gilvan Balbino, nascido em Palmares (PE) em 28 de fevereiro de 1974, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Ator, Diretor, Arte-educador, Dramaturgo, Poeta, Cenógrafo, Curador, Produtor Artístico e Cientista Social e registrado no SATED Sindicato dos Atores e Técnicos em Espetáculo de Diversão do Estado do Rio de Janeiro, DRT28768. Fundador do Grupo Teatral De 4 No Ato, desenvolve textos, direção e interpretação dos espetáculos do repertório do grupo, assim como para outros grupos de teatro de várias regiões do Brasil, entre eles: “Travessia”, “Folia de um semideus”, “A Farsa do Bumba-Meu-Boi”, “Flor de Cactos”, “Belelê Balaio – Uma comédia em Cordel”, “Uma Família Quase Real”, “Chocolate, Cravos e Espinhas”, “Ora Bolas”, e tantos outros em 26 anos ininterruptos do grupo.

FABIANA MONSALÚ



Diretora, atriz, pesquisadora, curadora e formadora. Doutoranda em Estudos Teatrais e Performativos na Universidade de Coimbra/Portugal; Mestre em Artes Cênicas pela USP. Licenciada em teatro pela UFBA. Fundadora da CompanhiaDaNãoFicção, existente desde 2007. Criadora do Método TCH no Brasil e autora do livro *O Corpo Híbrido do Ator: do treinamento à organicidade para outras possibilidades da cena*, e uma das Autoras do livro *Grotowski: Estados Alterados de Consciência*. Dirigiu 20 espetáculos e atuou em mais de 20 espetáculos. Recebeu importantes prêmios, entre eles, o de melhor direção e melhor espetáculo, Prêmio Braskem de Teatro da Bahia, com a peça “A Casa de Bernarda Alba”. Indicação pela 11ª Quadrienal de Praga pela pesquisa da arquitetura cênica do espetáculo “Silêncio”. Prêmio de coprodução internacional pelo espetáculo “Ela-Lugar que Chove Dentro”; Brasil, Uruguai e Espanha.

RAFAEL CAMARGO



Ator, compositor, diretor, dramaturgo, consultor, curador e gestor público. Dirigiu, escreveu e atuou em mais de 50 espetáculos no país. Escreve roteiros para cinema e televisão. Recebeu os prêmios Gralha Azul de melhor ator, ator coadjuvante, composição e trilha sonora original, e o prêmio Poty Lazzarotto de melhor texto, além de dezenas prêmios em festivais nacionais. Dirigiu a casa de pesquisa teatral Multi Processador. Foi Secretário de Cultura de Antonina, assessor especial da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, Membro do Conselho do Patrimônio Histórico do Paraná.



PATROCÍNIO



APOIO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

